UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana

GLÁUCIA FARIA DA SILVA

São Paulo

2012

GLÁUCIA FARIA DA SILVA

Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana

(Versão original)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Orientador: Prof. Nelson da Silva Junior

SÃO PAULO

2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Silva, Gláucia Faria da.

Um estudo sobre as funções da tatuagem e da identificação à luz da psicanálise freudiana / Gláucia Faria da Silva; orientador Nelson da Silva Junior. -- São Paulo, 2012.

142 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Marcas corporais 2. Tatuagem 3. Identificação (Psicanálise) 4. Luto 5. Pulsão de morte 6. Superego 7. Metapsicologia I. Título.

GN419.15

FOLHA DE APROVAÇÃO

Gláucia Faria da Silva

Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à Luz da Psicanálise Freudiana

Tese de doutoramento apresentada à banca examinadora da Universidade de São Paulo, como exigência parcial do título de Doutor em Psicologia, sob a orientação do Prof. Nelson da Silva Junior.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Prof. Nelson da Silva Junior

Instituição: IPUSP – PST .....Assinatura: _____

Profa. Miriam Debieux Rosa

Instituição: IPUSP – PSC ..... Assinatura: _____

Prof. Christian Ingo Lenz Dunker

Instituição: IPUSP – PSC ..... Assinatura: _____

Profa. Renata Udler Cromberg

Instituição: Instituto Sedes Sapientiae .....Assinatura: _____

Prof. Paulo de Carvalho Ribeiro

Instituição: Depto Psicologia, FFCH – UFMG .....Assinatura: _____

DEDICATÓRIAS

Ao Luizi, com todo meu amor.

AGRADECIMENTOS

A meu orientador, Nelson da Silva Junior, pela parceria no conhecimento;.

Aos orientadores da Université Rennes II, Alain Abelhauser e Jean-Luc Gaspard, por sustentarem o desafio;

Aos professores, Christian Dunker, Miriam Debieux, Renata Cromberg e Paulo Carvalho que me honraram com sua interlocução;

Aos professores Paul-Laurent Assoun, Jacques André e Caroline Doucet que me supriram de material e discussões;

Ao nosso grupo de trabalho: Sérgio Marinho, Tatiana Assadi, Viviana Venosa, Pedro Ambra, Luiz Eduardo Vasconcelos, Patricia Porchat, Marcela Gea, Maria Nakasu, Rafael Gelas, pelo companheirismo;

À Sandra Ungaretti, Graziela Perosa, Érica Brasil e Hervé Morvan da Universidade de Nottinghan, Ana Cristina Marzolla da PUC-SP, Eliane Pamart, Elisabeth Plessis, sempre presentes;

À Colette Soler, pela experiência singular;

À minha família, pelo suporte e a aposta;

Ao Luizi e à Clara, pela confiança.

RESUMO

SILVA, G.F. **Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana**, 2012. 142 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Elemento milenar, a tatuagem renasce entranhada na lógica do consumo e da exibição, arrastada por um apelo subjetivante frente ao enfraquecimento dos discursos totalizantes. Fenômeno presente em todas as camadas sociais e com ampla inserção em qualquer grupo etário, a tatuagem tem sua motivação comumente relacionada ao prazer estético, à beleza corporal e ao interesse por arte, e tende a ser vivida como um fim em si mesma. Estas referências, entretanto, são insuficientes para explicar a experiência da tatuagem enquanto surgimento de uma *essência verdadeira*, capaz de dizer mais do sujeito do que ele mesmo ousaria revelar, bem como os enigmáticos pesadelos, as tentativas de apagamento e o caráter compulsivo que envolve a prática. Nosso foco, portanto, foi desdobrar os discursos em dados capazes de refletir a dinâmica e as funções inconscientes da tatuagem e do corpo na dinâmica psíquica. Entrevistamos jovens adultos que tivessem no mínimo três tatuagens. Cada entrevista semidirigida foi reconstruída buscando-se o núcleo conflitivo, configurado em torno da perda do objeto ou de sua presença excessivamente excitante. Partimos de um amplo levantamento bibliográfico sobre o tema, realizamos um aprofundamento do conceito de identificação na obra de Freud e comentadores e selecionamos três casos para a análise. Os casos abordam a função da tatuagem e o conceito de identificação através de exemplos de luto patológico, da prevalência do *Unheimliche* na identificação histérica e do papel do superego nas identificações edípicas. Sob a perspectiva conceitual adotada – a identificação – a dinâmica do aparato destacou a importância do objeto na estruturação psíquica e as consequências avassaladoras de sua ausência ou perda. Por fim, dentro de suas especificidades, cada caso revelou a potência da pulsão de morte nas experiências de desobjetalização e o recurso recorrente ao corpo e às marcas corporais como tentativa de subjetivação e inscrição social e psíquica. A conclusão indica que o corpo tem sido convocado como importante instrumento de laço social e peça fundamental na estruturação psíquica individual. Quanto à identificação, destacamos seu papel preponderante na articulação dos polos eu-outro, enquanto preside a fluida localização do objeto no psiquismo e responde pela infiltração do superego na dinâmica egoica.

Palavras-Chave: Marcas corporais; Tatuagem; Identificação (Psicanálise); Luto; Pulsão de morte; Superego; Metapsicologia.

ABSTRACT

SILVA, G.F. **A Study on Identification and Tattooing Functions in the light of Freudian Psychoanalysis.** 2012. 142f. Thesis (Doctorate) – Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2012.

Millennial element, tattooing is reborn embedded in the logic of consumption and exhibition, dragged by a subjective appeal in face of the weakening of totalizing manifestations. Phenomenon present in every social stratus and with wide insertion in any age group, tattooing has its motivation commonly related to aesthetic pleasure, body beauty and interest for art, and tends to be enjoyed as an end in itself. However, these references are not enough to explain the experience of tattooing as the advent of *real essence*, capable of saying more about an individual than what he himself would dare reveal, as well as the enigmatic nightmares, extinguishing attempts and compulsive character that its practice involves. Therefore, our focus was to breakup manifestations into data capable of reflecting body and tattooing unconscious functions and dynamics in the psychic dynamics. We interviewed young adults who at least had three tattoos. Each semi-directed interview was reconstructed seeking the conflictive core, configured around the loss of the object or its excessively exciting presence. We started from a large bibliographic survey on the subject, we dug deep into the concept of identification in Freud's and his reviewers' works and chose three cases for analysis. The cases' approach the tattooing function and identification concept through examples of pathological grief, predominant presence of *Unheimliche* in hysteric identification and the superego role in Oedipus identifications. Under the conceptual perspective adopted – identification – the array's dynamics highlighted the object's importance in psychic structuring and the overwhelming consequences of its absence or loss. Finally, within its specificities, each case revealed the death instinct urge in de-objectivization experience and the recurring resourcing to the body and body marks as an attempt of subjective and social and psychic inscription. The conclusion shows that the body has been called upon as an important social tie instrument and fundamental part in individual psychic structuring. Regarding identification, we point out its significant role in articulating the I/another poles, while it presides the fluid localization of the object in psyche and answer for the superego's infiltration in egoic dynamics.

Key-words: body marks, tattooing, identification (psychoanalysis); mourning; death instinct; meta psychology.

SUMÁRIO

Capítulo I – Introdução e Contextualização 9

a) As marcas da contemporaneidade 9
b) As marcas corporais: contextualização histórica 12
c) As marcas e a nudez contemporânea 15
d) Pesquisa e tese 17

Capítulo II - Revisão bibliográfica crítica 19

1) Caracterização de um campo 20

2) A tatuagem – Lado A.....24

a) Motivações 24
b) Tatuador 28
c) Local corporal e transgressão 32
d) Intensidades: dor e prazer 35

3) A tatuagem – Lado B (l'envers du décor) 38

a) Compulsão / Adicção 39
b) Fragmentação 41
c) Apagamento (e memória) 43

4) O corpo da tatuagem: a contribuição psicanalítica 45

a) Soldagem eu-corpo 48
b) Transformação subjetiva 49

Capítulo III - Método 53

1) O projeto internacional – breve histórico.....54

a) A construção de caso 56
b) As marcas corporais e a tatuagem 58
c) Os jovens – particularidades da amostra 59
2- A Psicanálise como método - reflexões 61
a) O inconsciente 62

Capítulo IV – A identificação em Freud 65
1- Identificação: características metapsicológicas gerais 65
2- Os Mecanismos e o surgimento do objeto 67
a) Canibalismo 68
b) Introversão e Introjeção 69
c) Incorporação 70
3- O conceito de Identificação em Freud 71
a) Cartas à Fliess e A Interpretação dos Sonhos (1900) 71
b) *Luto e melancolia* e as contribuições metapsicológicas de 1914-15 75
c) Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921) 79
d) O Ego e o Id (1923) 84
As consequências de um modelo 84
A formação do caráter 85
Uma identificação singular e o superego 86
Aspectos econômicos da identificação 89
e) 31ª Conferência: A decomposição da personalidade psíquica 90

Capítulo V – Análise das entrevistas 92
1 Dante 94
1.1) Perspectiva I: A lógica de um conflito 94
Anamnese do sujeito e das marcas 94
Enunciados e alteridade 96

Marcas corporais e *Rapport* com as marcas 98
Rapport com o corpo 99
1.2) Perspectiva II - A lógica de uma bricolagem e o pêndulo melancólico *ser/não ser*..... 101

2 Olívia 105

2.1) Perspectiva I: A lógica de um conflito 105
Anamnese do sujeito e das marcas..... 105
Enunciados e alteridade 106
Marcas corporais e *Rapport* com as marcas 108
Rapport com o corpo 109
2.2) Perspectiva II - A lógica de uma bricolagem e a especificidade da angústia *Unheimliche* 110
O *Unheimliche*..... 112

3 Nina 117

3.1) Perspectiva I: A lógica de um conflito 117
Anamnese do sujeito e das marcas..... 117
Enunciados e alteridade 119
Marcas corporais e *Rapport* com as marcas 121
Rapport com o corpo 122
3.2) Perspectiva II - A lógica de uma bricolagem e as identificações edípicas..... 123
As digitais do superego..... 124

Capítulo VI- Conclusão 127

Bibliografia 131

Anexos I, II e III.....Cd-rom

Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana

Capítulo I

Introdução e contextualização

Este Capítulo vida introduzir o tema "marcas corporais" em um contexto sócio-histórico, desde o âmbito geral da *contemporaneidade* ao específico do ressurgimento das marcas a partir de 1960. Passaremos por uma reflexão de Agamben, transformada em metáfora: a *nudez* compreendida como efeito da ausência de segredos e da exposição excessiva dos corpos e finalizaremos com a breve contextualização desta pesquisa.

a) As marcas da contemporaneidade

> O oficial da Marinha americana Henry Marie Brackenridge ficou intrigado ao notar nas ruas do Rio de Janeiro o número de pessoas que portavam fitas, laços, medalhas e condecorações, na tentativa de se distinguir umas das outras. Isso incluía nobres, comerciantes, funcionários públicos e também os escravos, que exibiam fitas e outros adereços coloridos: "Neste país, ninguém guarda nenhuma insígnia de distinção para ser mostrada em dias de paradas ou cerimônia. Nada me surpreendeu mais do que ver o número de pessoas que usavam condecorações em dias comuns nas ruas. Seu uso é tão frequente que já deixou de simbolizar qualquer traço de dignidade ou importância para seus portadores." (GOMES, 2007, p.200)

A epígrafe descreve a estratégia de comprar apoio através de títulos de nobreza, utilizada pela coroa portuguesa no Brasil colônia. Nenhum critério, ética ou moral regiam sua distribuição, nada além de *signos esvaziados* sustentou a elite tupiniquim no período pós-moderno da pré-modernidade de nosso país.

A descrição referente ao Brasil de 1808-1812 se torna instigante quando comparada a questões contemporâneas como as marcas corporais. As tatuagens, por exemplo, carro chefe dos novos ritos, nos interpelam por seu impacto transcultural, geracional e econômico, mas interrogam sobretudo quando notamos que ainda se sustentam no discurso de rebeldia.

Inoculada pelos antídotos mercantis que envolvem seriamente as marcas corporais[1], o enfraquecimento da *rebeldia* ou de seu reverso domesticado - a *singularidade* – não interferiu sobre o aumento de adeptos da prática (Cap.2).

A perda do impacto diferenciador não se deve apenas à disseminação indiscriminada das marcas corporais. A pós-modernidade conhece outra poderosa estratégia de esvaziamento, visível na frase: "Viva o lado *Coca-Cola* da vida*".* O *slogan* - espécie de convite imperativo e enigmático - convoca à decodificação, fisga o pensamento, porém não se encontra nada além da *esfinge* bidimensional, o líquido negro, a substância sem sentido. Nenhum símbolo, mensagem ou singularidade, apenas um simulacro de mercadoria (AGAMBEN, 2009, p.159)[2], um sinal que nos levará às sendas da *codificação mercantil das subjetividades contemporâneas* (SILVA JUNIOR, 2003). Convoca-se uma identificação sem objeto, sem história, sem deslocamento possível, sustentada apenas pela circularidade do consumo. Preencher de sentido ou sinais singulares as narrativas subjetivantes se torna, então, uma tarefa prometeica.

"Viva o lado *Coca-Cola* da vida*"*. A pequena frase propõe ainda a separação entre o objeto e sua função. Uma aparente "*simbolização*" esconde uma fratura e aponta para o anti-enigma da pós-modernidade: o deslocamento significante entranhado pela lógica capitalista. Fato que atinge em cheio as subjetividades, com consequências nem sempre silenciosas.

As reflexões de Débord continuam atuais e indicam que a transformação da matéria-prima simbólica está intimamente ligada a novas possibilidades de consumo (SILVA JUNIOR, 2003a):

> A percepção da colusão entre mercadoria e imagem foi claramente declarada em 1967 por Guy Débord, em seu livro *A sociedade do espetáculo*. (...) Débord aponta para o fato da imagem ter se transformado na forma final da mercadoria. A imagem pura, sem qualquer substrato material, não seria apenas mais uma mercadoria entre outras, mas sim sua encarnação final. Isto equivale a conceber a essência da mercadoria como inteiramente alojada em seu valor de troca, descartando-lhe qualquer valor de uso. (...) Ao tomar sua forma final como imagem, a mercadoria obteve um passaporte para o interior do sujeito, transformando-o na mercadoria em

[1] Sobre o visível aumento de pessoas tatuadas, Canela, tatuador profissional, comentou que sabia a resposta para
[2] "Na publicidade e na pornografia, os *simulacros de mercadoria* exibem e exaltam os atrativos que não poderão ser utilizados. O corpo glorioso é um corpo ostensivo, cujas funções não são executadas, mas mostradas e é neste sentido que a glória é solidária à inatividade, à separação dos órgãos de sua função orgânica".

> sua forma final, a saber, a imagem como puro valor de troca (SILVA JUNIOR, 2003a, p. 30-31).

Dois elementos devem ser destacados da assertiva. Intimamente relacionados, o primeiro se refere à obsolescência do valor de uso. Esta dissociação que opera em relação à mercadoria equivale à uma dissolução signo-referente: resta apenas a imagem, capaz de multiplicar seu deslocamento para além das cadeias lógicas, exilada da experiência tempo/espaço. E assim chega-se a um segundo elemento: efeito de tal modificação, o signo pode ser manejado como fragmento, pedaço do corpo cultural desalojado do todo. O transporte sígnico, exilado de sua carga de sentido, o transforma em algo a um só tempo reconhecível e assustador - nas palavras de FREUD (1919) ou AGAMBEN (2009, p.160): inquietante.

Se a descrição acima pode ser atribuída à própria definição de significante, no mundo ocidental de *paz e benesses*, é a *circularidade* da lógica capitalista que impera e esvazia as trocas cotidianas, as relações, os anseios, buscas e necessidades deste novo sujeito. (BAUDELOT; ESTABLET, 2000)

Colette Soler explicita a ingerência da lógica de consumo no universo psíquico:

> O capitalismo não oferece nada além que um *mais de gozar* a consumir. A linguagem e o inconsciente linguagem regram o gozo e regram, portanto, os afetos subjetivos que dele derivam - de certa maneira, eis o aspecto político da psicanálise. Significa que aquilo que se passa no capitalismo repercute sobre o inconsciente, isto quer dizer que a maneira com que cada um goza corporalmente e, portanto, é afetado subjetivamente, isso vem do inconsciente que é o operador do *real* e esta é uma contribuição de Lacan. (SOLER, 2011 – emissão radiofônica, tradução nossa)

Em âmbito coletivo, a "afetação subjetiva" se reflete, por exemplo, em uma certa *construção de si* como produto e em relações interpessoais cunhadas pela lógica do *marketing*. No universo virtual das redes sociais, *blogs* e *twitter*, observa-se que a exibição detalhada do cotidiano insiste sob os imperativos *dê sua opinião*, *mostre quem você é por dentro* – tendência exacerbada pela era da informática. Essa exposição excessiva encontrará sua reverberação gozosa também na dimensão corporal.

Nesse funcionamento, o corpo serve de suporte e nele os sujeitos divulgam, expõem, registram, avaliam, comparam, pontuam a passagem do tempo. Registros rarefeitos em outros campos da experiência ali encontram morada. Assim, se por um lado as marcas corporais indicam certa concessão ao apelo poderoso da imagem, paradoxalmente, elas descortinam o papel do corpo frente à tendência à virtualização da identidade.

b) As marcas corporais: contextualização histórica

> Localizada em um lugar nobre da cidade de Florianópolis, em uma típica casa antiga portuguesa, a loja é decorada em estilo que tem a intenção de gerar impacto e de atrair o público. Em sua fachada externa podem ser vistas grandes máscaras carnavalescas que convidam à tatuagem. Logo na entrada há distintos elementos decorativos, como um pequeno altar com um Buda e um vaso sanitário com plantas. Em seu interior, na primeira sala, que funciona como área de atendimento ao público, uma decoração mista faz sobressair ícones típicos da tradição da tatuagem, rostos agressivos, figuras lúdicas, eróticas e diabólicas; também compõem o ambiente alguns símbolos alusivos ao estilode vida rebelde dos anos 60 e 70, como a imagem de Jimmy Hendrix e um cartaz da Cannabis. Completam o ambiente imagens surrealistas, como alguns quadros feitos pelo tatuador do lugar (no estilo de Salvador Dali) e um boneco verde inflado semelhante a um extraterrestre. Na segunda sala – o estúdio de tatuagem – ganham destaque a brancura do piso e das paredes, a austeridade dos objetos e a presença de móveis clínicos. Contígua ao estúdio está a sala de esterilização, equipada com o devido instrumental para esse fim. Por último, uma pequena sala de estar mais íntima que, marcada por um estilo psicodélico nas paredes, guarda uma das excentricidades do lugar: uma tarântula presa, carinhosamente chamada Clô (PÉREZ, 2006, p. 181-182).

A descrição deste estúdio de tatuagens exemplifica a bricolagem sígnica a que estamos expostos e seu impacto sobre o cotidiano e a ordenação social de uma prática.

Estamos há anos-luz das marcas enquanto formas ancestrais de inscrição, cujo intuito era dissolver a diferença pessoal em prol da coletividade (BOREL, 1992; LE BRETON, 2002). Das experiências primitivas, o único resquício são os traços estéticos dos desenhos e alguma referência à cultura de origem. Transformados em *estilo* (maori, oriental, americana), eles se tornaram um diferencial! – para o novo mercado.

Séculos de usos do corpo se interpõem entre tais fenômenos, mas levantemos brevemente o histórico desta mudança no século XX. Temos os trabalhos antropológicos ou sociológicos do início do século que tentaram explicar, mas contribuíram para estigmatizar as marcas. Entre esses estudos e a explosão de intervenções a partir da década de 1970, nos deteremos apenas sobre o levantamento realizado por Le Breton (2002, p.16-22). Segundo o autor, a partir dos anos 1950, dois fenômenos culturais conferiram nova visibilidade ao corpo, um deles associado ao rock e ao fenômeno *hippie* e outro aos *punks*, na Inglaterra.

No colorido movimento *hippie* dos anos 1960, as *marcas corporais* foram um detalhe de uma ampla proposta ligada à revolução sexual e à experimentação lúdica do corpo-manifesto. Enquanto os EUA foram o emblema dessa revolução, a Inglaterra foi o berço do movimento surgido entre trabalhadores ingleses, os *skinheads*. Este grupo distinguiu-se por exibir um corpo avesso a qualquer forma de sedução, marcado por desenhos agressivos, em uma *mise en scéne* provocativa e confusa de reivindicação nacionalista (LE BRETON, 2002, p. 67).

Os *punks* do início dos anos 1970 aparecem na cena social através da música. Puritanos, chauvinistas, racistas, agressivos, com os cabelos raspados, botas, tatuagens e *piercings*, ostentam o ódio e afirmam seu desdém à sociedade e suas convenções. O desejo é de ruptura com a sociedade e o que importa é colocar em cena uma violência também simbólica, provocando indignação com seu desprezo e niilismo. Esta violência se expressa na relação com o corpo: corpos marcados, queimados, furados, mutilados, avessos a qualquer manifestação estética. Pele, lábios, orelhas, nariz e braços ostentam, insolentes, alfinetes de fraldas, lâminas de barbear e queimaduras de cigarro. Os *punks* se furam com pregos, tatuam uma miríade de símbolos heteróclitos, religiosos, nazistas, comunistas, símbolos fragmentados e sem sentido.

Por volta dos anos 1980, o movimento *punk* se dissolve na cena social, transformando-se ora em signo da miséria de indivíduos, ora sendo reciclado pelo consumo de elite (LÍRIO, 2010). Em 1979, Vivienne Westwood apresenta um desfile com roupas furadas e rasgadas voltadas, porém, para o mercado de luxo. O produtor do *Sex Pistols* aproveita o sucesso dos anos precedentes e envereda pelo comércio de produtos de consumo e moda. O movimento submerge na mesma sociedade da qual buscava distanciar-se.

Ted Polhemus[3] reconhece que após movimento *punk*, os *piercings* alcançaram rápida e ampla difusão social. Entretanto, a cultura mod atribui o ressurgimento das marcas a D. Malloy, Jim Ward, Mister Sebastian e Fakir Musafar[4].

Tomemos a biografia de Malloy, o *milionário excêntrico*[5], como paradigma. Tido como *pai fundador* deste retorno das marcas corporais, ele é venerado mundialmente. No entanto, sua

[3] Conferir o texto de Ted Polhemus, *Corps Décors*. Disponível em: <www.purplestudiotattoo.com/Piercing.php> .

[4] Conferir o site de Fakir, (criador do termo *modern primitif*). Disponível em: <www.bodyplay.com/fakir>. Remeto também o leitor ao trabalho de Lírio, D.R. *Suspensão corporal: Novas facetas da alteridade na cultura contemporânea* (2010), que analisa com detalhes a importância de Fakir no movimento das *mods* contemporâneas, especificamente na suspensão corporal.

[5] Conferir a biografia disponível em: < www.ciadopiercing.com/ 2009_12_01_archive.html,> e em <http://news.bmezine.com/author/lextalonis/page/2>.

história aparece, em sites brasileiros e franceses, tão bricolada quanto os signos do estúdio de tatuagem de Florianópolis descrito acima.

O artigo que deu origem aos recortes bizarros foi um texto de Jim Ward. Bem escrito, o texto de Ward faz sua homenagem à Malloy e apresenta um personagem ambicioso, inteligente, reservado, com um dom de criar histórias e fatos, envolvente, convicto do sentido delirante de passagens de sua vida e para quem a paixão pelo *piercing* teve vazão após um acidente cerebral com sequelas sobre a capacidade de se expressar[6]. Jim Ward ressalta que Malloy reintroduziu a prática do *piercing* com foco na experimentação erótica. Assim, é provável que as marcas corporais tenham passado a compartilhar a função até então ocupada pelos alucinógenos, aproximando a prática da busca de experimentação hedonista, voltada para a descoberta de sensações e embelezamento.

Abordar Malloy sob esta lente tem por objetivo destacar alguns elementos *pai da horda pós-moderna* que encontram nele sua expressão. Sua história mítica, seu *status* social privilegiado, a experimentação sexual (*piercings* penianos), o alargamento das fronteiras da sexualidade[7] e até mesmo a impossibilidade de verificação dos fatos, envolvem em bruma e sedução as origens de uma prática que será desenvolvida até o limite do possível[8]. Com Malloy o acento são os *piercings*, mas o que se propaga de fato é a possibilidade de modificar ou, modernamente, de *customizar* o próprio corpo.

Os precursores sabiam que tinham em mãos um produto em potencial. Em seu *retorno*, as modificações corporais ressurgem intimamente associadas ao sexo, à mídia (Malloy e Ward editavam a *Piercing Fans International Quarterly*), ao comércio de joias (Ward era o designer das joias) e à institucionalização de uma nova técnica. Um casamento indissolúvel.

> Foi preciso um grande passo para passar dos círculos influentes e minoritários para o fenômeno grande público que conhecemos. Isto se explica em parte por razões que são as mesmas para a tatuagem: a passagem do desejo da *mudança pela mudança* para aquele de estabilidade sustentada por uma decoração durável e pela atração pelo *autêntico*, nascido *nas ruas*, em relação aos ditados da moda (POLHEMUS, tradução nossa).

[6] O texto *Who Was Doug Malloy?*, de Ward está disponível em: < http://www.gauntletenterprises.com/BME/jimward/20040315.html > .
[7] Vale lembrar que, em meados dos anos 1970, os adeptos da prática pertenciam aos grupos de gays, lésbicas, sadomasoquistas e bissexuais.
[8] Ver site: www.bmezine.com e observar a dedicação às técnicas médicas para não ultrapassar o limite entre a marca da vida e a que pode levar à morte.

Eis mais um elemento da complexidade dos aspectos envolvidos: novo produto, embebido em uma aura de primitivismo, rebeldia, hedonismo, criação *estável* e *autêntica* como uma *revolução nascida nas ruas*. Neste *patchwork* complexo vale sublinhar que, enquanto as experimentações dos anos 1960-70 apontavam para uma busca de dissolução das amarras (corporais, sexuais, sociais, relacionais), as marcas do século XXI carregam o desejo inconfesso de enraizamento e sentido de uma juventude cada vez mais ocupada na tarefa prometeica de singularizar-se.

c) As marcas e a nudez contemporânea

> Quando a pessoa passa da terceira (tatuagem) já tem algo diferente. Decidir fazer a primeira é sempre difícil, mas quando a pessoa gosta do resultado, vê que ninguém ficou tão bravo assim e ainda recebe elogios, se anima para fazer outra e assim até a terceira. *O ego é difícil, a pessoa tem que cuidar para não inflar*. Canela, tatuador profissional (2010)

Canela é um dos fundadores do Congresso Internacional de Tatuagens que acontece todos os anos no Brasil. Sorridente e tranqüilo, acessível, muito experiente e criterioso, nos recebe em seu estúdio, um espaço pequeno e acolhedor. Fomos procurá-lo para mostrar os instrumentos da pesquisa e pedir indicações. Ele folheou atentamente o questionário e um de seus comentários nos levou a restringir a amostra à sujeitos com mais de três tatuagens - em busca deste *algo diferente para além da moda*.

A *moda* em sua fala indica a tendência imitativa entre os jovens, a busca por sustentação de novos contornos identitários em referências externas, característica eminentemente egóica.

> O clandestino aproximou-se e levantou o copo. Lorde Hauksbank respirou fundo, depois bebeu. "Você é de Florença", disse, "então conhece a majestade daquele mais alto soberano, o eu individual humano, e as sedes que ele procura aplacar de beleza, de valor – e de amor." O homem que se chamava Uccello começou a responder, porém Hauksbank levantou a mão: "Eu vou falar", continuou, "porque assuntos há para se discutir dos quais seus iminentes filósofos nada sabem. O eu pode ser real, mas sente fome como um pobre. Pode se alimentar por um momento na contemplação das maravilhas encasuladas como estas, mas continua sendo uma coisa pobre, esfaimada, sedenta. E é um rei em perigo, um soberano para sempre à mercê de muitas insurreições, de medo, por exemplo, e de ansiedade, de isolamento e confusão, de um estranho orgulho indizível e de uma vergonha silenciosa e louca.

> O eu é assolado por segredos, segredos o devoram constantemente, segredos destroçarão seu reino e deixarão seu cetro quebrado sobre a poeira."[9]

O eu é retratado como um *soberano,* um *rei em perigo, orgulhoso, envergonhado, faminto*. Rushdie traz algo conhecido desde Freud, porém, em desconhecimento constante, talvez crescente. Tal personagem caprichoso poderia restringir o alcance da pesquisa para a função das marcas enquanto elemento da interminável busca narcísica por reconhecimento e bordas. Pouco instigante deste ponto de vista, a superficialidade inicial das motivações e narrativas corroborava o incômodo de estarmos diante de um discurso em série, generalista e pouco revelador.

Como se verá, as entrevistas se desdobraram em dados complexos e analisaremos o que chamamos *lado A* e *lado B* da experiência da tatuagem (Cap.2). Contudo, nesta introdução gostaríamos de mencionar uma *sensação* não abordada na tese, mas que dela participa intimamente: a aura de *insolente indiferença* que tomou os sujeitos quando abordados através da intersecção eu-corpo, tão vistosa quanto frágil, sustentada pelas tatuagens.

Nos deteremos brevemente nas reflexões de Agamben (2009) sobre rosto e nudez. Segundo o autor, a relação rosto/corpo em nossa cultura é marcada por uma assimetria fundamental. O rosto resta sempre desnudo, mantém os traços de expressividade que em outras espécies está sobretudo no corpo, entretanto, algumas situações podem inverter a relação: o corpo pode tomar o lugar de rosto em sua expressividade, bem como o rosto pode permanecer passivo e insolente, tal como na fotografia erótica ou na moda, momentos em que ao rosto é pedido que expresse nada, apenas a...

> ...consciência insolente da exposição do corpo nu ao olhar. A insolência ou a *effronterie*: tal é atualmente a contrapartida necessária à nudez sem véus. O rosto, tornado cúmplice da nudez, oferece ao olhar uma ausência de segredo, uma pura exposição. (AGAMBEN, 2009, p.144, tradução nossa)

Para compreendermos a citação é preciso conhecer o que é a nudez para o autor. A nudez é um envelope inexplicável e vazio onde nada mais se procura, sem qualquer segredo, pura aparência. A nudez explicita a "simples continuidade da aparência na ausência de segredo, nudez que, como uma voz branca, não significa nada e nos atravessa precisamente por esta razão" (AGAMBEN, 2009, p.146, tradução nossa).

[9] Salman Rushdie, *A Feiticeira de Florença*, Companhia das Letras, São Paulo, 2008.

Na experiência de desencantamento perante a nudez – a nudez-efeito da excessiva exibição corporal – forma-se o gancho que nos leva de volta às marcas: frente à sublime e miserável exibição contínua do corpo e de si convocada pela contemporaneidade - para além de todo mistério e significação - o sujeito se vê premido à busca de alguma experiência de *beleza*. Quase como os dois lados da mesma moeda, o esvaziamento de sentido provocado pela exibição convoca movimentos de preenchimento que, na visão de Agamben, levam à procura da "beleza": *preenchimento do real com o auto-erotismo do pensamento desejante*.

E aqui voltamos ao corpo tatuado: *corpo* que toma para si a função de expressão, *rosto* que permanece impávido e insolente na exibição de ausência de segredos – *rosto/corpo* - conjunto complexo, insolente na tentativa de forjar novos segredos, de recriar conteúdo para um envelope excessivamente exposto, excessivamente nu.

No mundo atual do *espetáculo*, as funções de ator e espectador parecem justapostas, mas o que ambos encenam contemporaneamente é o "prometeísmo dos seres humanos, prometeísmo apequenado, disposto a deixar-se acalmar temporariamente por uma satisfação momentânea" (FREUD, 1905 [1906], p. 278, tradução nossa).

d) Pesquisa e tese

Este trabalho de pesquisa se sustenta na teoria psicanalítica da identificação para mergulhar no universo das tatuagens a ponto de vislumbrar algumas de suas funções para o psiquismo e os sujeitos na contemporaneidade.

Este objetivo se desdobrou do projeto de pesquisa de cooperação internacional, financiado pelo convênio CAPES-COFECUB: "Estudo comparativo internacional das marcas corporais auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo: Funções das tatuagens e escarificações na economia psíquica dos jovens adultos: gênese, relação aos corpos, solução subjetiva". Este projeto amplo se propôs a estudar as modificações corporais sob duas vertentes: 1) um corte vertical da função das marcas corporais na economia psíquica e psicopatológica dos sujeitos; 2) na direção horizontal do funcionamento social contemporâneo que suscita a explosão de certos usos e práticas do corpo. Estas duas vertentes de pensamento e pesquisa perpassam as discussões, trabalhos, eventos e publicações dos dois grupos de pesquisadores: o grupo brasileiro, coordenado pelos professores Nelson da Silva Junior e Christian Ingo Lenz

Dunker, da Universidade de São Paulo; e o grupo francês, sob coordenação dos professores Alain Abelhauser, Jean-Luc Gaspard e Caroline Doucet, da Universidade Rennes II.

Balizas teóricas e pessoais nortearam as escolhas que delinearam esta tese e estão detalhadas no Capítulo III. É preciso registrar, antes de adentrarmos o trabalho que, dos oito sujeitos entrevistados, alguns serão citados no decorrer da tese. São eles: Dante, Olívia, Gui, Nina, Bento, Fred e Canela.

Gostaríamos ainda de ressaltar que o objetivo, tal como proposto, nos levou a pesquisar funções e dinâmicas, muito mais do que a fechar conclusões.

Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana

Capítulo II

Revisão bibliográfica crítica

> (A tatuagem) É qualquer coisa que te modifica, porque ela vai mudar o olhar das pessoas […]. Isto muda tudo, no modo como você tem que se vestir, como você se mexe mesmo, tudo, mesmo ao nível do teu trabalho ou de tua família. Eu quero dizer que você precisa aprender a "viver com" e a se assumir com ela. Você precisa quase domesticá-la.[10]

O capítulo favorecerá uma ampla visualização e problematização do universo das marcas corporais e tatuagens, sob perspectivas variadas, visando configurar questões relevantes para a compreensão e a pesquisa.

Facilmente observável, a explosão de modificações corporais realizadas pelos sujeitos está presente nas propagandas, na arte, em publicações especializadas, programas televisionados, sites e lojas e espalha-se pelo mundo inteiro. Não é um fenômeno restrito a comunidades, guetos, classes socias, econômicas ou faixa etária específica. Do desenho pequeno e delicado das tatuagens normalmente femininas às intervenções mais radicais de suspensão, escarificação, *burning* e outras, estabelece-se uma nova forma de apresentar-se ao mundo que convoca o olhar, o afeto e o pensamento. Impossível um olhar de simples espectador: as modificações comportam um apelo que se dá do corpo para o corpo, afetação instantânea que fisga o pensamento em uma antecipação especular. Instante de compaixão, o corpo invariavelmente detona uma faísca que captura o olhar, para então, em uma fração de tempo, contrair sujeito e espectador quase à indiferenciação e em seguida distendê-los em direção ao sinistro, ao intricamento das dimensões da experiência subjetiva: alteridade, afeto, corpo e pensamento. Essa é a experiência do suposto "espectador". Qual é, no entanto, a perspectiva do sujeito que porta as tatuagens em seu corpo?

[10] Depoimento de Sandra, tatuadora profissional, *in* Lo Sardo, 2009, tradução nossa.

O testemunho em epígrafe, por exemplo, abre um campo inesperado e nos transporta para um ângulo do universo subjetivo, no qual a tatuagem transparece em seu aspecto selvagem. Longe de qualquer ligação com a pretensa marginalidade[11] nostálgica das entrevistas recolhidas, longe também de ser apenas uma evidência de singularidade, a face selvagem das marcas corporais guarda estreita relação com seu suporte, o corpo. Tocar o corpo para se expressar, para se olhar, para ser olhado, tem incidências que ultrapassam o que se desejava dizer ou fazer ver.

Pensando no aspecto tangível das identificações, dados importantes advêm das motivações, do ritual de composição de imagens, do lugar corporal, bem como da relação com o tatuador - estas informações se encontram organizadas separadamente.

De maneira não intencional e crescente, especial atenção foi dada aos efeitos inesperados da marca corporal. O aspecto *selvagem*, que aparece em negativo na frase que introduz o capítulo, tornou-se um eixo organizador da estrutura da tese. Três são os motivos: 1- ele condensa uma pulsionalidade bruta, ausente dos discursos dos entrevistados; 2- ele é a abertura para o inconsciente a partir da angústia e 3- ali se encontra a singularidade tão almejada.

O capítulo apresentará o levantamento bibliográfico: aspectos motivacionais, a relação com o corpo e a gama de efeitos desejáveis ou indesejáveis, elementos recolhidos em várias áreas do conhecimento focalizando de maneira especial as *funções* da tatuagem. Vale ressaltar que estas são analisadas enquanto potencialidades: as marcas têm *potência* para alcançar algumas funções, mas outros tantos fatores concorrem para sua realização ou não. Dado o volume e a diversidade do material, ele foi sendo analisado e comentado na medida em que foi apresentado. Assim, diferentemente das reflexões mais abstratas sobre a tatuagem enquanto fenômeno social apresentadas no primeiro capítulo, neste se esboçará o *sujeito* tatuado, um sujeito em perpétuo confronto: buscando, defendendo-se, capturando ou afrontando o olhar do outro e do Outro.

1) Caracterização de um campo

A prática de modificações corporais, resgatada na década de 1970 por um pequeno grupo formado por personagens como Fakir Musafar e Doug Malloy, desenvolveu-se ao ponto de

[11] Observação de Le Breton (2002, p. 79) verificada em nossa amostra.

evocar o estatuto de "cultura", a *cultura mod* (LÍRIO, 2010; REISFELD, 2005). Poder-se-ia questionar o estatuto de *cultura* ou de *arte* invocado pelos participantes, porém, não se pode negar que a ordenação social da prática[12] levou à mudança de seu *status* e à sua ampla disseminação – conquistas de uma organização empresarial/cultural complexa, que desde suas origens conhecia o potencial de seu produto.

Para adentrar este campo, a primeira questão foi *por quê*? Por que marcar, alterar transformar, provocar dor, cortar, queimar, colorir? Seguindo descrições de Lírio (2010), encontramos implícita ou explicitamente algumas destas motivações: *liberdade* e *autonomia* de fazer o que quiser com o próprio corpo, *controle* – inicialmente da dor,[13] *horror* a *ser comum* – que transparece na denominação dos espectadores como "random people",[14] o *culto da experiência*, na medida em que apenas ao *viver na carne* deixa-se de ser comum e se atinge uma *singularidade* e, por fim, a *visibilidade* associada à criação de *laços*[15] *de pertencimento* a esta cultura que valoriza e se sente *transformada* pela *arte*. Alguns destes itens são mencionados como justificativas para fazer modificações, outros transparecem na medida em que se repetem no relato dos suspendidos, ganhando consistência.

Se observadas com cuidado, estas respostas nos levam, surpreendentemente, ao levantamento de valores grupais, ou seja, ao esboço de uma ética. Cabe à pesquisa acadêmica fornecer parâmetros em que esta prática possa comunicar seu saber. Pois bem, da ordenação dos valores acima se desenha, ainda que incipiente, um código pactuado entre tatuados: a desvalorização das pequenas tatuagens *de modinha* ou escolhidas instintivamente[16], a indignação frente aos que não suportam a dor, aos que copiam desenhos, que interferem demais no trabalho do tatuador ou que renegam o caráter de *arte*, dando sentido ou *contando historinhas* sobre suas tatuagens.

Todo código ou ética visa estabelecer padrões dentro de um campo heterogêneo. Reisfeld (2005, p. 105) esclarece as modificações que fazem parte do movimento da *body modification*: tatuagens e perfurações, escarificações (desenhos formados pelas cicatrizes ao

[12] Lírio aponta um dado inquietante e exemplar: o site *bmezine* patrocinou a criação de uma igreja.
[13] Posteriormente veremos que outro *controle* passa a fazer parte do cotidiano de quem passa por manipulações corporais: o controle necessário para colocar um fim ao processo.
[14] Lírio, 2000, p. 89.
[15] Ibid., p. 21.
[16] Canela, tatuador profissional, divide o grupo de tatuados em dois: "amantes da arte" e "inconscientes". O grupo dos "inconscientes" é formado por pessoas que buscam a tatuagem para um tipo de *alívio*, *descarga* ou puro *ódio*. Dois entrevistados se referem a este grupo como *não merecedores* de suas tatuagens. A consciência e a decisão voluntária e refletida é valorizada, bem como o reconhecimento dos artistas e da história. Ao contrário, a consciência de uma motivação singular parece ser tomada como uma oposição ao reconhecimento do caráter artístico ou denegada em função da impossibilidade de apagamento no caso de mudança de perspectiva.

se retirar camadas da pele com bisturi), *branding* (cicatrizes de raspagens da pele), *burning* (cicatrizes de queimaduras), implantes (introdução de bolas ou pontas de metal sob a pele através de procedimento cirúrgico), suspensão (perfuração com ganchos em locais variados para passar pela experiência de ser suspenso) e ainda uma vertente extrema, a mutilação de extremidades do corpo (dedos ou mesmo genitais). Nesta lista percebe-se a ausência do *cutting*, prática em que a própria pessoa utiliza um instrumento para fazer cortes na pele. Talvez a manipulação solitária do corpo, sem objetivos estéticos, não seja considerada pelos praticantes entrevistados pela autora uma modificação corporal.

Podemos também dividir as práticas entre as que promovem e valorizam as cicatrizes indeléveis e as que buscam sobretudo a *estética das sensações* e cuja intervenção pode ser, ao menos idealmente– apagada do corpo.

Sem qualquer intenção de um levantamento exaustivo, pensemos um momento sobre esta distinção. Em relação ao tipo de intervenção corporal, o *piercing* e a suspensão se assemelham. Ambos pressupõem a perfuração da pele, a colocação de ganchos removíveis, não há valorização da cicatriz e o profissional é nomeado de *piercer*. A suspensão, entretanto, é tida como radical mesmo entre os *mods*, tendo menor número de adeptos. Ao contrário, o *piercing* é a porta de entrada para o campo das modificações corporais, frequentemente a primeira intervenção realizada entre os adolescentes, sobretudo por sua reversibilidade.

Na suspensão, o fundamento motivacional está no ato em si, na busca de sensações e na espetacularização. Este caráter atinge um nível catártico, tanto pela intensidade da dor e da excitação quanto pela potencialização da presença do público. As cicatrizes não ocupam um papel primordial, raramente são mencionadas e, nos relatos selecionados por Lírio (2010), a maior densidade afetiva encontra-se na própria experiência. Por outro lado, em todos o papel do profissional é preponderante.

As outras técnicas se apoiam fortemente sobre a cicatriz, sendo a diferença entre elas os instrumentos para sua elaboração. O interesse deste trabalho está exatamente na intencionalidade da marca indelével, que muda definitivamente a apreensão do corpo em sua realidade inclusive orgânica. Escolhemos a tatuagem pela facilidade de encontrar sujeitos para a entrevista, o que indica que, tal como o *piercing*, esta técnica foi amplamente assimilada e pode fornecer indícios de anseios da cultura contemporânea. Entretanto, outras distinções devem ser notadas.

Com o objetivo de visualizar semelhanças e diferenças entre as práticas, correremos o risco de simplificar elementos que não são, de modo algum, excludentes:

Caracterísicas	**Piercing e suspensão**	**Tatuagem e escarificações**
Relação com o profissional	Fundamental	Fundamental
Convocação do outro	Dimensão de segredo	Dimensão de enigma
Corpo	Relação de apropriação do corpo	Relação de assimilação do novo elemento
Estética	Importância elevada (*piercing*)	Importância elevada
Temporalidade	Negociação com o tempo	Relação definitiva
Après-coup	Arrependimento	Nuances: estranhamento, fragmentação, apagamento
Dimensão compulsiva	Fortemente presente	Fortemente presente
Fenomenologia da experiência	Aspecto espetáculo (suspensão)	Aspecto figurativo - representacional
Dor	Fundamental	Fundamental
Autonomia	Fundamental	Fundamental

Com o foco nas funções psíquicas da tatuagem, destaque-se dois elementos diferenciais e intimamente relacionados: perspectiva temporal e marca indelével. A decisão de tatuar-se envolve uma projeção de si no futuro totalmente diferente das marcas não definitivas. O mesmo se pode dizer das tentativas de subjetivação da marca: ela comporta movimentos de apropriação ou recorte do próprio corpo, uma relação indefinida entre *ter* e *ser* a marca, que participará de desdobramentos inusitados (Capítulo 5). Para terminar, um último detalhe: a proposição de um segredo ao Outro é onipresente em todas as modificações, entretanto, a figurabilidade das marcas indeléveis ultrapassa o jogo de esconde-esconde propondo um enigma, convidando à sedução e à construção de sentidos.

2) A tatuagem – Lado A

Entraremos no universo da tatuagem conduzidos por temas que se repetiram no discurso dos entrevistados, em reportagens jornalísticas e em artigos acadêmicos. Motivações, a figura do tatuador, os desdobramentos da fixação da imagem na pele, a invasão de intensidades dolorosas/prazerosas e por fim a ideia, que retorna, sobre a potência de modificação subjetiva das marcas corporais. Da abordagem destes elementos, passaremos à reflexão do efeito *après-coup* e das funções inconscientes observadas na teoria e na prática discursiva dos tatuados.

a) Motivações

> Parece que a melhor resposta à interrogação *Por que o piercing*? seja que existem provavelmente tantas motivações quanto adeptos. Alguns fizeram pensando em rebelião contra a sociedade, a autoridade parental ou ainda o desejo de individualizar seu corpo da massa. Outros portam orgulhosamente um *piercing* no umbigo porque caíram em êxtase diante daquele, idêntico ao de uma cantora da moda. Certas pessoas o farão em busca de uma reapropriação do corpo que passa pelo sofrimento e outras, enfim, ali verão virtudes sexuais insuspeitadas. Por fim, a maioria fará por simples razões estéticas.[17]

Lírio (2010, p. 34) apresenta uma lista de 20 razões para modificar o corpo, recolhidas no site www.bmezine.com. A lista envolve motivações como arte, prazer, memória e elaboração de experiências, autoestima, completude, expressão de si/diferenciação, oposição, superação de limites do corpo, prazer e/ou superação da dor, diversão, oportunidade para cuidar de si, apoderamento do corpo/sentir-se vivo, participar de uma minoria, sensações sexuais.

Estas listas, com elementos tão díspares quanto repetitivos, parecem não favorecer a compreensão do aumento do número de pessoas que se tatuam ou modificam seus corpos. O que buscam "de verdade", lá "no fundo"? Esta frustração transparece na pesquisa de Pérez (2006):

> Inicialmente, acreditava que indagar sobre os motivos que levavam os "tatuados" a escolherem determinados desenhos poderia ser a chave para compreender seu sentido. Todavia, as respostas não foram muito esclarecedoras: "porque gostei",

[17] *Body Piercing, analyse des enjeux éthiques*, em <http://www.kustomtattoo.com/tatouage-piercing-paris-tatoo/piercing-body-art-analyse-01.htm, tradução nossa.

> "porque achei bonita", "é aquela história de você bater o olho e dizer: é isso o que eu quero!" A escolha parecia estar orientada por critérios meramente estéticos. Assim o confirmava a bibliografia revisada. Sanders, nos anos 1980, registrou tal tendência (...). Alguns estudos mais recentes, como o realizado por Almeida, explicam o fenômeno como um "movimento pragmático, mecânico, impulsivo. O que está em jogo entre o mundo e o sujeito é puramente o prazer da imaginação estética". De sua parte, Le Breton afirma: "A escolha de um motivo responde freqüentemente a um impulso não racional por um desenho ou uma forma sem que seu simbolismo seja conhecido ou interrogado. O valor estético predomina sobre qualquer outra consideração" (PÉREZ, 2006, p. 198).

Pérez então se questiona se bastaria pensar na qualidade artística da imagem, porém decide que a hipótese é insuficiente frente à construção de sentido e a recriação de um simbolismo como forma singular de interpretar o mundo, recriação esta encontradas em sua pesquisa.

Reisfeld (2005) também afirma que os jovens declaram não saber por que desenharam esta ou aquela imagem, fato que não os perturba nem impede que um sentido se construa posteriormente. A autora avalia que a *fascinação visual* está enlaçada a uma captação inconsciente[18] e à *indução* pelo "outro", elementos que alcançaram uma dimensão extraordinária na atualidade (REISFELD, 2005, p. 71). Frente à ausência de motivação consciente, a autora acredita que esta captação está vinculada ao processamento edípico, na medida em que toda imagem comporta identificações. Em sua avaliação, uma certa cota da onipotência infantil tende a conservar-se na qualidade mágica das tatuagens, bem como tendências regressivas e aspectos imaturos da personalidade tendem a ser mantidos nos modelos idealizados da vida citados por seus entrevistados.

As constatações destes autores aproximam-se de nossos dados. Inicialmente a resposta dos sujeitos foi extremamente frustrante. Encontramos a potente e subliminar lista de valores, vigentes nas decisões sobre o quê, quando e com quem tatuar-se, nos angustiamos frente a discursos superficiais que lentamente se desdobraram em tímidas narrativas significantes, propusemos inclusive uma interpretação para a forma como o inconsciente se traveste em imagens. De nossa parte, gostaríamos de ressaltar neste quadro aparentemente típico de

[18] Morgenstern, A. *Perseu, Medusa e Camille Claudell: Sobre a experiência da captura estética*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. O impacto da captura estética é discutido pela autora a partir da psicanálise e sua descrição se assemelha às experiências de tatuados e outros modificadores. ...*Tudo que era movimento cessa: os olhos, os ouvidos, os pensamentos, as sensações… todos se paralisam… Que poder é esse, tão arrebatador, que uma obra de arte pode ter sobre nós, a ponto de nos convocar a uma entrega, de nos conduzir ao enlevo e ao mesmo tempo promover um impacto que nos "captura"?*

respostas, um fechamento discursivo presente no testemunho mais sincero, porém digno de uma criança de 4 anos: “porque sim!”.

Denominamos *fechamento* para ressaltar seu aspecto defensivo. Percebe-se um desejo ardente que o desenho único, criado em meio a um verdadeiro *trabalho psíquico*, funcione como a prova suficiente da tão almejada singularidade. Por outro lado, contrariamente ao desejo do pesquisador, no *fundo* a *verdade* que se mostra é um esforço em reservar a singularidade à parte observável da pele, tratando a tatuagem como suporte capaz de exprimir-se sozinho. Permanece forte o anseio de que a imagem ganhe autonomia, que fale por si, que *fale mais do que mil palavras*, garantindo uma margem de indefinição e, portanto, um campo de liberdade identitária para o sujeito se movimentar. O aspecto conhecido como *espetáculo* (DÉBORD, 1967) participa cada vez mais da construção de um si mesmo e uma ação como a tatuagem contém o fugaz aspecto exibicionista, descentramento do ser em direção ao exibir, onde as exibições alcançam certa autonomia de representação do sujeito, que resta, por uma fração de tempo, protegido e imediatamente submetido à interpretação do outro frente aos seus atos.

Seria certamente desejável conseguir forjar alguma oposição *forte* para explicar o fenômeno das tatuagens e marcas corporais: ação-palavra, reversível-irreversível, real-virtual, consciente-inconsciente, desejo-captação estética, porém, é inegável que a espetacularização de si se vê conjugada ao seu oposto – o caráter irreversível da marca indelével, ponto de condensação de responsabilidade subjetivante.[19]

Onde mora, então, a *real* motivação que explicaria o retorno maciço desta prática milenar? Quais as novas ancoragens dos *sujeitos contemporâneos* – se é que essa oposição tampouco se sustenta? O universo social e simbólico se modificam, as práticas modificam e, dessa forma, atingem finalidades diversas. Inúmeras vezes, as tatuagens funcionam como um *twitter* de si mesmo, informação reduzida, condensada, que contém o essencial e informa muito pouco. Elas detonam espirais identificatórias de infinitas imagens de si: o que vivi, entendi, o que decidi mostrar, o que o outro entendeu, o que ele disse, o que vi em seus olhos... a força das imagens que decantam no próprio processo formam “coletivamente” o si mesmo, em uma potente e invisível *indução dos pares* como escreveu Reisfeld. No mais além, o antiaderente sujeito (LE BRETON, 2002, p. 9), que se camufla e esconde esquecendo-se onde se apresenta bruto, eterno, indelével: o outro lado do desejo.

[19] Não discutiremos as nuances *acting-out*, passagem ao ato ou o ato de passagem. Neste ponto a referência é a oposição simples entre ação e palavra e a *responsabilidade* está vinculada ao caráter irreversível.

Sob o aspecto inconsciente das marcas, veremos que, de fato, para grande número de tatuados, as tatuagens não têm qualquer significado, sendo o sentido um efeito *après-coup* ou mera inferência do pesquisador. Se, segundo observação de SOLER (2009), *o estatuto do inconsciente é menos ontológico que ético, ele é um dispositivo que responde àquele que o invoca*, pode-se então supor que as imagens remetem, sim, a manifestações identificatórias, edípicas e infantis, após – sobretudo – a defração da *transferência*, fortemente presente na relação com o tatuador/piercer.

Duas últimas motivações tocam outro campo do sentido ou, a depender do ponto de vista, da ausência de sentido.

Uma delas encontra-se em um artigo sobre o estúdio de tatuagem situado ao lado de Fort Hood, a maior base militar dos EUA, local onde milhares de soldados (65 mil homens e mulheres das Forças Armadas) se preparam para partir para o Afeganistão ou o Iraque. A reportagem aborda os desenhos, lugares do corpo escolhidos e motivações dos jovens combatentes para suas tatuagens.[20] Em relação à figurabilidade, não parece surpreendente que as imagens sejam sobretudo agressivas e se refiram à própria morte, ou à dos companheiros ou dos inimigos, conjugando memória e invocando a fantasia onipotente necessária à tarefa que têm pela frente. Le Breton (2002) conta que soldados da Primeira Guerra tatuavam-se com signos referentes à guerra, ao exército, à arma utilizada, retratos dos generais, datas, número de matrícula do regimento, troféus e insígnias militares, em sua maioria relacionados ao pertencimento a uma fé patriótica. Mais raro encontrar inscrições tipo *sem chance* (LE BRETON, 2002, p. 39).

As motivações dos soldados do início do século XX apontam a preferência por uma filiação simbólica junto à *nação* ou a *defesa da pátria*, enquanto os jovens militares do século XXI decidem tatuar-se no tórax, pois esta é a parte do corpo que, normalmente encontrada intacta, permitirá o reconhecimento da identidade.

Tatuagem e identificação se encontram em seu sentido mais indigesto: *reconhecer* o corpo morto, *ce qu'il reste*, reconhecer-lhe a identidade e com ela uma história, memória, atos, enfim, sua singularidade. A tatuagem torna-se enlace com a vida que resta, funda o limite e a continuidade em um novo registro, um registro eminentemente simbólico.

[20] Harazim, D. *Guerra gravada na pele*. *In*: Revista PIAUÍ, Edição 40, p.27-33, Ed. Alvinegra, RJ. Janeiro, 2010.

Esta perspectiva nos leva à última observação. *Por que não?* foi a resposta do homem que aceitou tatuar uma obra de arte nas costas, conquistando a admiração reificada e perene de seu corpo.[21] Sem motivo, limite ou consequência: simplesmente era possível: enquanto os soldados com sua morte alcançam um registro que os ultrapassa, o sujeito-mercadoria[22] alcança a morte do anonimato ante a eternidade de todos os olhares possíveis.

Estas motivações parecem invocar a questão fragmentária e labiríntica do sujeito moderno: *Onqotô*[23], sem ponto de interrogação, quando a própria existência em seus mínimos atos cotidianos torna-se o ponto de interrogação. Significa que, incapaz de ser formulada pelo sujeito enquanto dúvida ou falta, a ação se assemelha a um apelo em busca de um intérprete que possa dar consistência à *questão*. Sem questão não há resposta possível ou todas as respostas são possíveis: *por que não?*

Uma tatuagem pode compartilhar da existência dúbia daquele estímulo doloroso que, apesar de habitar o corpo, permanece sem registro possível enquanto não ratificado pelo olhar materno. Quando sem endereçamento ou questão, a tatuagem pode sublinhar uma ausência radical de sentido. Neste destino de escoamento, a pulsionalidade se torna caldo fragmentário que atravessa o corpo e pode reacender antigos pontos de fixação. Nestes se engancham letras, signos, ativam-se protomemórias. Nesta enxurrada, o corpo poderá se tornar ancoragem, e o registro no corpo, protótipo de uma inscrição.

b) Tatuador

Lírio (2010) dedica boa parte da análise e conclusões de sua pesquisa à relação suspendido/*piercer*, ressaltando que a confiança depositada no profissional e a identificação com a sua postura frente à suspensão são elementos que irão compor o *pano de fundo* da experiência. No sentido pensado, *fundo* não é algo secundário, mas uma referência todo o tempo presente, mesmo que apagada pela figura da suspensão. O autor propõe uma analogia

[21] Bellet, H. *Le Tatoué s'expose à la Foire de Shanghai*. *In* Le Monde, 11/09/2008. Uma obra de Wim Delvoye foi tatuada nas costas de Tim em 2006, mas hoje a proposta já foi replicada, ver Silas Martí, Jornal Folha de São Paulo, 18/11/2011. O que está em discussão é a resposta do jovem, suporte da obra de arte de Delvoye. A obra do artista é interessante e merece ser conhecida: www.wimdelvoye.be.

[22] A pele já está vendida para um colecionador que quer se manter anônimo. Tim diz que *ter seu nome em um jornal é bom, mas ter em todos é terrível*.

[23] *Onqotô* é o nome de um espetáculo de dança do grupo Corpo (2005), com música de Zé Miguel Wisnik e Caetano Veloso. A holófrase representa a contração da pergunta "onde é que eu estou?", que na música se mescla a *Onqovô* = "aonde eu vou?"!

entre a suspensão e o nascimento. Ele sugere que, nos momentos em que as intensas vivências de medo, dor, terror e excitação tingem a relação com o *piercer*, a experiência atinge a dissolução de fronteiras egoicas[24] e não surpreende a utilização da primeira pessoa do singular nos relatos: como uma mãe "suficientemente boa", o profissional e seu trabalho restam difusos em bruma afetiva que se traduz na sensação de gratidão e de novos laços de familiares.

Esta leitura pressupõe que elementos da prática da suspensão ressignificam a cena primária do nascimento, conferindo à experiência o caráter de uma transformação subjetiva. Em nossa interpretação, parece mais plausível que, inundado pela intensidade pulsional da dor, o psiquismo momentaneamente transfira este *plus* para os elementos da cena, o que explicaria tanto a sensação de novos laços, quanto o fato de que, passado o pico excitatório, a transcendência se transforme em depressão (LÍRIO, 2010).[25] A *dissolução das fronteiras egoicas* é condição insuficiente para uma efetiva modificação, porém poderá deixar novas cicatrizes sobre marcas de outros encontros, ali deslocados e condensados.

Voltado ao universo das tatuagens, Pérez (2006, p. 186) apresenta este depoimento:

> Geralmente, o cara que você tatua vira seu amigo, porque é uma coisa que você vai deixar para sempre em sua pele, é uma questão de sentimento, até de espiritualidade, é o sangue que está rolando [...].

O apelo imaginário do sangue, envolvido pela aura da eternidade da marca é repetidamente evocado e não deve ser desprezado. Viver na carne, *na própria pele*, é altamente valorizado na cultura *mod*. Assim, a experiência marcada com sangue e dor é o passaporte para as novas famílias e novos amigos, reveste de autenticidade e misticismo a prática e atrai praticantes de várias tribos.

Neste campo de significações, o trabalho deste profissional ultrapassa em muito sua qualidade técnica e inclusive a função imaginária:

> A definição do desenho não é algo trivial. Não é um problema que se reduza à escolha de uma determinada imagem, mas é de fato a busca de *algo* com o qual a pessoa se identifique (...). Portanto, o delineamento dos detalhes da tatuagem requer (...) *trabalhar em cima das ideias da pessoa*. Mas o que significam as *ideias da*

[24] Pérez (2006) remete este momento à espiritualidade, à sensação que ora denomina como *flow*, ora define como *religião pessoal* **–** a busca de sentido para a vida através das tatuagens e marcas corporais.
[25] Lírio (2010) Todos os relatos analisados pelo autor atravessam uma fase maior ou menos de depressão, chegando à efetiva desorganização psíquica.

> *pessoa*? Quando comecei a explorar essa noção, encontrei uma categoria nativa, (...) que representa a busca da sua interioridade através de um processo de interação por meio do qual a pessoa a ser tatuada abre seu mundo e o tatuador colabora na busca e na tradução dessas *ideias* em imagens. Seguindo tal linha de pensamento, poder-se-ia afirmar que a imagem, como representação da *ideia*, é relevante não exatamente por seu conteúdo particular, mas pelo que ela é capaz de dizer do sujeito, do seu interior. Ao mesmo tempo, o papel do tatuador é o de mediador na interpretação dessa subjetividade que se exterioriza na iconografia da tatuagem (PÉREZ, 2006, p. 185).

Surpreendente e esclarecedor: a relevância da tatuagem não habita exatamente o desenho, seu traçado ou figura. Sua potência mora **–** vale repetir **–** na *interpretação da subjetividade* que se exterioriza na iconografia. Pode-se dizer, portanto, que seu valor subjetivo se sustenta no produto do encontro entre tatuado e tatuador. Deste encontro pode advir uma convincente reinterpretação de si e transparecer a dimensão da tatuagem como produto de um trabalho psíquico.

O sangue evocado acima pode significar pacto, entrega, confiança; entretanto, talvez outro substantivo seja mais adequado à tonalidade afetiva da qual nos aproximamos. Le Breton (1995, p. 17) dá sua contribuição:

> (...) enquanto o médico invade o corpo, o tatuador dimensiona o corpo em função do sujeito, da sua subjetividade como uma unidade, o que afeta o ato de tatuar de tal forma que tocar o corpo é tocar o sujeito, a sua intimidade, não apenas orgânica, mas também psíquica .

A noção de *intimidade* acusa que o corpo foi tocado na sua potência subjetiva e parece referir-se, sobretudo, à intimidade de um encontro consigo mesmo, mediado pelo outro através do compartilhamento de algo íntimo.

Para além da revivescência ambivalente de cuidado, da onipotência, da cota inegável de narcisismo exibicionista, pode-se invocar na intervenção corporal uma tentativa de re-traçar à tinta, tal como a própria tatuagem demanda, linhas já percorridas, reavivando seus contornos. Assim, a potência transformadora dos encontros se relaciona em parte à transferência e em parte à sempre possível repetição da diferença. O outro abre a cada vez uma possibilidade de

contato com a alteridade,[26] porém, com frequência, com uma estranha alteridade tecida de semelhanças[27].

Se a dimensão subjetiva é tão presente, se a imagem tatuada é uma interpretação nascida de um encontro afetivo, como aproximar estes dados do discurso desafetado das entrevistas, das premissas da juventude atual como "geração tefal", da repetida fragilidade dos laços sociais tendendo a relações virtuais, controladas, seguras?

Um de nossos entrevistados relatou algo diferente. Tomemos Bento como exemplo. Para ele, o tatuador é, de fato, o elemento de maior importância. Ele não escolhe o desenho, escolhe o tatuador e como os tatuadores acabam ficando conhecidos por seus estilos ou por tatuarem um único elemento, sua demanda é por algo como "considerando o *cachê* que tenho disponível, desenhe o que quiser *nesta* parte de meu corpo", com o seguinte detalhe: a grande maioria de suas incontáveis tatuagens são pareadas, ou seja, existem similares no lado oposto do corpo.

Certamente uma relação muito especial com o tatuador orienta a prática atualmente. Este profissional é reconhecido como artista, sua ética e competência técnica são avaliadas, e é estabelecida uma relação especial marcada por reconhecimento e compartilhamento de algo íntimo que será traduzido em imagem. O contrário do antigo sacerdote, o tatuador transforma texto em código, cifra palavras em imagens, tece a cortina – a alegoria – que vai esconder o sujeito. Nesta perspectiva, ele é o avesso do intérprete e o sujeito restará a espera daquele que terá curiosidade de abrir a cortina.

Por outro lado, a satisfação se avizinha à gratidão frente ao médico que cura. No dia a dia dos *cuidados* que requer uma grande tatuagem, uma relação se estabelece, uma marca se desenha. Por fim, é inegável que o que faz Bento viajar para outro país para tatuar-se: é um misto de conhecimento e reconhecimento, mas também de orgulho, de onipotência e vaidade, quando seu corpo ostenta ícones de uma excelência reconhecida por poucos. Muitos fios estão em jogo nesta trama, inclusive os daquelas pessoas que não mantêm qualquer história para contar sobre o profissional que os tatuou.

Nos parece instigante e inesperado que no cenário pós-moderno seja recorrente a importância do tatuador, apesar de seu papel de antítese do intérprete. Há sempre um *mais além* em jogo em toda relação transferencial.

---

[26] Lírio (2010, p. 135) propõe que a suspensão tem por função uma nova forma de subjetivação.

[27] Mesmo que inúmeros relatos de *mods* apontem para a formação de novos vínculos, seria este outro ali encontrado, nesta dimensão de semelhança sem falhas, sem diferenças, ainda sinal de alteridade?

Ainda uma hipótese? Talvez o *cutting* não seja considerado uma técnica de modificação corporal, porque não inscrito em uma relação de demanda ao outro. Neste sentido, não seria sinal de *modificação*, inscrição ou laço social algo não aberto, em algum nível, ao outro.

c) Local corporal e transgressão

> O lugar do corpo em questão não é jamais um lugar qualquer, mas sim um lugar designado pelos significantes da história individual (MIELI, 2002, p. 19).

Na discussão sobre tatuagem, localização corporal parece algo objetivo. Veremos como esta referência concreta se tornará eixo de referência narcísico e temporal.

Luz e Sabino (2006) avaliam a localização corporal de tatuagens masculinas e femininas em academias cariocas e descrevem desenhos, tamanhos e partes do corpo, mapeando a seleção de acordo com o gênero. Para Pérez (2006), a decisão sobre a imagem e o lugar corporal também aparece articulada com a questão de gênero, da identidade sexual e à figura do tatuador. As entrevistas de Olivia e Gui corroboram esta hipótese.

Pérez (2006) e Reisfeld (2005) constatam, por sua vez, uma relação entre local da tatuagem e a construção de um sentido para o cuidado de si. Esta alteração da função de autopreservação é observada desde o cuidado com o ferimento das agulhas até a manutenção estética da tatuagem em si, ao controle do peso e ao envelhecimento. Nas entrevistas foi unânime a alusão a mudanças na relação com o próprio corpo após a tatuagem, seja pelo aumento da autoestima e do erotismo, com ou sem a clara menção dos olhares sobre si. Os novos cuidados requeridos por este corpo, agora marcado com algo "de valor", parecem sustentar a abertura para uma perspectiva temporal.

Cuidar da tatuagem, portanto, abriga mais que o deslocamento da necessidade de cuidar-se. É interessante pensar que cada *cuidado* evocado no discurso corresponde à criação de *pontos de referência*. Qual o peso ideal? Como alcançá-lo? Até onde quero exibir meu corpo? O investimento no corpo, legitimado após a marca, pode auxiliar na criação de limites de sua exibição, de referências de avaliação de si ou mesmo de um delicado crivo para a seleção de quem *merece* compartilhar da intimidade prometida. Neste sentido, a tatuagem desenha novas fronteiras para o limite eu/outro.

Extrapolando a função da localização corporal, mas aprofundando as consequências desta inscrição de referências imaginárias, a tatuagem favorece a localização temporal subjetiva, tornando-se uma tentativa de ordenar, através da sucessão de marcas, um passado, um presente e um futuro – como ficará evidente no caso de Dante.

Constata-se, assim, que a tatuagem é uma inscrição que pode funcionar como fiel de uma balança subjetiva complexa. Ela estabelece uma referência, um marco, uma cicatriz, um monumento comemorativo. O lugar corporal é o elemento que liga esta intenção a uma fantasia inconsciente e a estabilidade desta referência se sustenta em outra fantasia – a de permanência e propriedade que o corpo permite.

Existe ainda outro sentido para a *localização* da marca corporal a ser considerado: seu estatuto interno ou externo. Ocupando a pele,[28] a zona de fronteira do eu, a tatuagem é uma modificação no real do corpo[29] que demandará um processo de apropriação subjetiva. A assimilação imediata à pele e à imagem corporal não é acompanhada pela temporalidade subjetiva, feita de construção e historização de enredos fantasmáticos. Reisfeld[30] analisa a sutileza entre *ser* e *ter* a marca como um elemento distintivo da psicopatologia, linha de fratura, ponto de virada da dimensão egossintônica para a dimensão *Unheimliche*.

Com o que apresentamos, fica claro que o local corporal é altamente relevante na decisão de tatuar-se. Ele é o ponto de ancoragem privilegiado de inúmeras fantasias inconscientes, ponto a partir do qual poderão ser ressignificados o cuidado com o corpo, a temporalidade, as relações sociais e – na medida em que os limites eu-outro participam da flutuação – as fantasias de transgressão e de intimidade.

Nos deteremos no aspecto transgressivo, pois ele favorece a discussão da função sexual da marca corporal. A ideia de *transgressão* permanece operante no imaginário de inúmeros tatuados, mesmo que na atualidade a tatuagem seja raramente considerada uma manipulação extrema. Esta ideia aparece nos relatos e entrevistas mais ou menos dessa forma:

> Levamos uma vida normal, com família, nossos filhos vão para o colégio, mas gostamos de arte, o que fazemos? Enchemos o corpo de arte, mas onde a roupa cubra, onde a gente possa se expor para quem merece ver, não para que a gente seja sempre discriminado (PÉREZ, 2006.)

[28] Sobre as discussões do estatuto da pele remeto o leitor à Reisfeld, e Le Breton.
[29] Chemama, R. et Vandermersch, B., *Dictionnaire de la psychanalyse*. Larousse in extenso. 2009
[30] Reisfeld, discussão no Capítulo 5.

Le Breton (2002), ao mostrar a nova significação social das práticas corporais, constata esta espécie de *nostalgia inconsciente* entre tatuados, oriunda provavelmente do período em que tatuagem e marginalidade eram associadas:

> As modificações corporais não são mais, como em outros tempos a tatuagem, uma maneira de afirmar uma singularidade radical, elas tocam profundamente as novas gerações em seu conjunto, todas as condições sociais mescladas, elas solicitam tanto os homens quanto as mulheres. Longe de ser um efeito de moda, elas modificam o ambiente social, incarnam novas formas de sedução, elas se erigem em fenômeno cultural. Se a tatuagem ou o piercing puderam ainda ser associados a uma dissidência social nos anos 70 ou 80, este não é mais o caso atualmente (LE BRETON; 2002, p.79.).

Reisfeld (2005) relaciona transgressão e sexualidade. Se considerarmos que o caráter marginal de um ato ou prática está relacionado à época em que o mesmo faz sua aparição, nossa época, que transformou a concepção de gênero e a aparência do corpo, que facilitou a contemplação de cenas sexuais via televisão e internet, neutralizou a rebeldia da exibição do corpo tatuado. A transgressão, contudo, tão intimamente ligada ao erotismo, teve que ampliar suas formas de expressão: se o corpo nu não suscita mais o mesmo interesse, novos estímulos são necessários para despertar o efeito sensual (REISFELD, 2005, p. 96-98.). Desta forma, a persistência da *fantasia transgressiva* é inseparável da aura de *mistério* ou *enigma* a ser descoberto, efeito cuidadosamente buscado pelos jovens tatuados.

Reisfeld acrescenta outra fantasia para tal efeito: agregar um novo atributo ao corpo representa um modo de elaborar e/ou conter a angústia de castração. A autora cita uma emissão de TV em que uma mulher praticamente nua se referia à tatuagem como um órgão especial sem o qual se sentiria desnuda. Vê-se que a tatuagem pode se revestir do caráter de um pênis imaginário que outorga uma vivência de completude.[31]

[31] Reisfeld, 2005 p.84-98. Segundo a autora, a tatuagem comporta ainda fantasias de emprestar ao corpo um signo de indestrutibilidade, bem como um estigma.

d) Intensidades: dor e prazer

> A dor incomoda, mas aguento muito por causa do dinheiro. "Pareço uma mina", reclamo, dói pra cacete, mas é uma dor meio viciante. Dói, cicatriza, você olha e esquece e quer fazer de novo. Dor que nunca mais vou repetir é o *piercing* dos mamilos. (Gui)

Inúmeros autores consultados levam em consideração a importância da dor. Buscada ou negada, selvagem ou domesticada, Reisfeld (2006), Lírio (2010), Pérez (2006), Le Breton (2002, 2004), todos reconhecem na dor uma tentativa somática de evacuação de tensões, angústias, conflitos identitários e lutos; nenhum deles, contudo, se deteem na dimensão dolorosa das marcas corporais e em suas consequências desorganizadoras.

Na tatuagem, viver a dor parece menos complicado que explicar o prazer experimentado. Neste ponto exato, o discurso perde a fluência e ganha ares de confissão. Este pequeno pecado aguarda a absolvição do intelecto. Enveredar pela dimensão quantitativa, seja da dor ou do prazer, é entrar no campo psicanalítico e compreender que a dor pode revelar a dicotomia entre a face domesticada e a face selvagem, fortemente presente nos discursos.

De maneira tímida ou divertida, porém sempre ambivalente, os tatuados reconhecem o prazer na dor. Rapidamente afirmam que não a procuraram, que o prazer é provocado pelo relaxamento ou a *endorfina* (depoimento de Bento). Se, por um lado, a presença da medicina é sinal de profissionalização crescente, sua aparição bricolada nos sites e na linguagem dos participantes pode ter outra função. A referência à técnica médica pode ser uma forma de despatologizar a dor através de uma explicação *científica* para a busca de sensações. É provável ainda que participe, junto da afirmação de arte[32], da busca de nova inserção simbólica.[33]

Longe da racionalização *científica*, Pérez (2006) explicita que o grupo de tatuados chamado *radicais*, que *gostam da dor*, utiliza *expressões emotivas* e circulares para descrever suas motivações. Para ela, a busca de sensações corporais participa de uma autojustificativa, entrando na *circularidade da emotividade*. Pois bem, *circularidade* é a interpretação que, dentro dos recursos etnográficos da autora, equivale ao confronto com o que em psicanálise chama-se repetição: marcas cujo sentido inicial escapa aos sujeitos e cujo prazer subsequente

[32] Longe da disputa entre estúdios e Conselhos de medicina, não há qualquer crítica à busca de técnica e assepsia ou questionamento sobre o que é ou deixa de ser *arte*. Busca-se destacar significantes que se repetem nos discursos e relatos consultados e recolhidos, de forma a problematizar sua função.

[33] Remeto o leitor à discussão sobre estigma no trabalho de Pérez, AL. *Identidade à flor da pele*, 2006.

prevalece sobre qualquer racionalização. Pérez cita então Sweetman (1999), aproximando-se da *fisicalidade* do processo:

> Como consequência do processo inicial ou da sensação de prazer subsequente, determinados modificadores do corpo consideram a aquisição de uma tatuagem ou de um *piercing* novo como uma experiência catártica, mostrando outra vez que, para alguns, a fisicalidade necessária do processo é a chave de sua motivação total (SWEETMAN, 1999, p. 204).

Lírio (2010) aborda dor e intensidade separadamente. Sobre a dor, ele propõe um levantamento de suas funções nos relatos analisados: dor como objetivo final da marca corporal, como sensação secundária do processo de *amadurecimento* com uma *dor consentida* a ponto de superá-la, como contato com a fragilidade e as limitações do corpo ou mesmo como signo hierárquico entre os *mods.*[34] A intensidade, por sua vez, é vinculada à experiência de satisfação primitiva, momento em que o excesso pulsional inaugura o trabalho que funda a dimensão subjetiva. Nesta lógica, o autor acredita que o excesso da excitação provocado pela suspensão pode ser canalizado para novas relações afetivas, o que o leva à interpretação da prática como possibilidade de inscrição da alteridade e a ignorar a incidência disruptiva da vertente da pulsão de morte.

Reisfeld (2006, p. 113) comenta a relação entre dor compartilhada e a formação de novas redes de vínculos, privilegiando a compreensão de condutas imitativas defensivas contra a vivência de identidade difusa. Ela dedica um capítulo às funções psíquicas da dor. Sua fina leitura psicanalítica abrange os três tipos de masoquismo descritos por Freud, o aspecto fantasmático e pulsional que se segue às experiências de dor ligadas ao prazer, à culpa e à identificação feminina. Sem negar o aspecto quantitativo, potencialmente desestruturador do equilíbrio psíquico,[35] a autora destaca a função *erótica* da dor: na medida em que não existe lesão corporal sem que o eu forme uma representação mental da mesma, as novas representações advindas das sensações dolorosas da tatuagem cumpririam o efeito de *ligação*, operação do aparato que limita a livre circulação de energia (REISFELD, 2006, p. 105-116).

Focalizando Eros, Reisfeld ressalta a qualidade masoquista da tatuagem como processador de amplo espectro de conflitos, estados de tensão e angústia que, ao não encontrarem expressão verbal, são canalizados no corpo. O modelo desta vazão é inicialmente o da conversão histérica: a dor psíquica transferida para dor somática pode assumir a função projetiva de

[34] Lírio (2010) cap III, p.63 e cap. V, p.149.
[35] Reisfeld, 2006, p.107.

buscar o enlace representacional, entrando no universo do sintoma[36] ou pode permanecer como via de escoamento e drenagem de tensão. Ambas são funções do equilíbrio pulsional e dependem das forças constitutivas do psiquismo.

No confronto entre as perspectivas de Reisfeld e Lírio, observa-se que ao privilegiar os processos de ligação envolvidos na suspensão, Lírio desconsidera que, apesar da íntima relação corpo-ego, nada permite predizer o direcionamento das intensidades psíquicas. A invasão pulsional resultante da dor não necessariamente provoca catexização do ego, este sim capaz de investimentos e desinvestimentos. Freud o evidencia ao afirmar que a dor pode drenar a libido egoica para investi-la totalmente no local doloroso: *a alteração da sensibilidade corporal põe fim ao gozo de alma*.[37] Sabemos, portanto, desde Freud, que a invasão dolorosa pode tomar a vertente erógena, atrair a libido objetal de volta ao ego, alterando ainda que temporariamente a dinâmica do recalque. Não se deve esquecer, contudo, que ela pode seguir a vertente evacuativa, drenando libido dos mecanismos de defesa, das representações, das ligações para então regredir a antigos pontos de fixação.

Para finalizar, retomemos o argumento inicial. Dissemos que a dor revela a dicotomia entre uma face domesticada e outra selvagem, o que equivale a dizer que ela abre a compreensão para os aspectos pulsionais das marcas corporais. Acompanhamos os autores defendendo a potência erótica ou disruptiva das intensidades psíquicas. Diante das entrevistas, contudo, a lógica linear sobre a tatuagem perde seu efeito; nos discursos ressoam vozes dissonantes e nos vemos impossibilitados de decidir se testemunhamos construção ou puro escoamento. É preciso ainda considerar que a tatuagem, não mais a dor, pode funcionar tanto como *destino pulsional*, a marca sendo o resultado de um enlace pulsional na tramitação de conflitos, quanto, da mesma forma, a marca pode ser centrifugada para uma lógica causal, tornando-se *fonte* de novas intensidades que assumiriam, então, características aditivas.[38]

O que a dor ensina e a tatuagem testemunha é que o caráter paradoxal de ambas advém da dimensão econômica do psíquico. Tocar o corpo é conjurar forças insuspeitadas, adentrar no reino silencioso das pulsões, domínio em que o ego pode muito pouco.

[36] Reisfeld, 2006, p. 113.
[37] Freud, S. *Personages psicopáticos en el escenário* (1942 [1905 ou 1906]. Vol VII. p. 278-279.
[38] Esta reflexão é resultado de um *quiproquo* frutífero com a psicanalista Sandra Ungaretti, a quem agradeço.

3) A tatuagem – Lado B (l'envers du décor)

> A tatuagem, pois, hoje, com seu auge e automatização, inverteu seu sinal: já não é um ato sagrado que exige o consentimento das divindades, nem o testemunho de uma prova iniciática, nem a garantia de pertencimento a uma tribo ou a um clã, nem o simulacro ideográfico que dá a um guerreiro um aspecto terrível e rememora suas façanhas, nem o signo indelével que protege de toda agressão: assim o empregava o imperador chinês, como passaporte e salvo-conduto para atravessar os paises inimigos. Não robustece o tatuado enquanto proprietário, acumulador sombrio de ornamentos que somente a fachada agressiva torna viril, que não comemora a coragem – se de verdade a inscrição é indolor – de nenhum sacrifício, o sangue de nenhum pacto, o horror de nenhuma escarificação. Proliferação e esvaziamento: esta contradição atravessa a tatuagem (SARDUY, 2001, tradução nossa).

Eis a tatuagem ao avesso, distante da marca *planejada*, *assimilada*, *inscrita* no corpo, *interpretação de si* reservada sobre a pele. Nesta assertiva, tatuar-se significa esconder com cores vivas a flacidez monocórdica da existência. Seja qual for o intento, um ruído se infiltra e nos confronta com a pergunta: como encaixar na afirmação poética da *tatuagem como inscrição* aquilo que não entra na gramática, que resta indigesto, que não deve ser lembrado?

David Le Breton (2008), no texto *Entre signature et biffure*, reconhece a complexidade da questão:

> (...) Mas a marca tem apenas o sentido que o individuo lhe confere e este ressoa com a história pessoal. Comprar *a parte do fogo*[39] através do traço, da dor e do sangue. Se a *assinatura* traduz o fato de reenvindicar-se como si mesmo, o *apagamento* manifesta o intolerável, a recusa de reconhecer-se. Por vezes, como uma saída honrosa, a marca permite de jogar sobre todas as tonalidades do sentimento de si. Entre assinatura e apagamento, ela recobre uma ferida interior e se torna elemento de cura ou ao menos um remédio para entrar em uma existência mais propícia (LE BRETON, 2008, p. 119-133, tradução nossa).

Le Breton, de fato, é otimista no confronto com Sarduy. Otimista no sentido em que vê uma ferida a ser curada, um elemento que pode funcionar como demanda, primórdio do movimento desejante. Sarduy descreve uma existência vazia. Ambos, entretanto, iluminam um ponto onde a marca corporal perde a ancoragem do sentido e enfraquece a função de

[39] *Acquitter la part du feu*: a expressão significa aceitar perder o que não pode ser salvo para preservar o resto; *sacrificar*.

comunicação. Neste item final, pretendemos descrever a operação de três destas *linhas de fratura* do sentido: a compulsão, a fragmentação e o apagamento.

a) Compulsão / Adicção

> Não sei, é uma sensação... não sei explicar, mas é, é, sabe quando você tem muita sede e você toma um copo d'água? E fala "ai que alívio!" (Olivia)
>
> *Entrevistadora – você acha que você para depois?* Não!!! (ri) mas eu preciso falar que eu paro!! (rindo) [voz mais aguda] (Gui)
>
> *E – O que dá essa sensação de quero mais?* (silêncio) Olha... ser tatuado, a sensação na hor.. na hora da tatuagem é interessante também assim, não sei, o pessoal fala em endorfina tal, não sei, (...) mas quando você termina uma sessão de tatuagem tal, dá um bem-estar. (Bento)

Dentro do tema das intensidades, chega-se a dados recorrentes sobre o aspecto aditivo das transformações corporais. Porém, falar em comportamento aditivo talvez seja excessivo.

Mesmo quando aborda sujeitos com múltiplas tatuagens, que tiveram sua identidade, seu corpo, grupo de pertencimento e universo laboral limitado, Reisfeld (2006) não fala em adicção, mas ressalta uma organização psíquica comprometida em conflitos precoces. Sua leitura não passa pela pulsão, nem mesmo quando se dedica sobre as tatuagens de jovens institucionalizados (REISFELD; 2006, p. 127-147). Ela reserva o termo adicções ao consumo excessivo de drogas, deixando a aproximação entre tatuagem e vício restrita à entrevista com jovens em processo de desintoxicação. Ela toca a *disposição aditiva da tatuagem* e o *potencial risco aditivo* apenas como tendência da personalidade individual. Eis uma diferença remarcável entre seu trabalho e esta tese: as entrevistas realizadas nos levam a propor que a autonomia requerida pela pulsão inscreve um latejar inquietante que demandará trabalho psíquico a qualquer sujeito envolvido, confrontando todos com, no mínimo, este temor.

Em Lírio (2010), encontramos citações esparsas sobre a tendência de repetir a suspensão. Em sua leitura, a compulsão aparece como sinal da perda de autonomia do *moder*,[40] ligada à insistência da incisão como tentativa de simbolizar o olhar subjetivante.

[40] Lírio, 2010, p.151.

Tanto em Pérez (2006) quanto em Lírio, a compulsão se opõe ao controle de si e à liberdade, critérios distintivos entre os que se dedicam ou não à tatuagem como *arte*. A soberania sobre o corpo participa da hierarquia entre os que *merecem* ter tatuagens: aqueles que não as escolheram por moda, pelo *sentido*[41] e nem foram tragados pelo impulso. Se o controle é valorizado, seguramente há algo a ser controlado, um *apelo* bem conhecido entre os *mods*.

Chamar o *impulso* a tatuar-se de compulsão representa, para Pérez, um preconceito. Ela reconhece, entretanto, que *sentir vontade* é o segundo fator mais citado nas entrevistas para seguir se tatuando, ultrapassando apenas a intenção de *singularizar-se*:

> Essa sensação é bastante forte, quase incontrolável e os impulsiona a seguirem buscando novas tatuagens: *tatuar faz falta, tem-se vontade de tatuar, é um negócio quase animal*. Almeida (2001) explica tal fenômeno como uma tendência impulsiva, difícil de ser contida após a primeira tatuagem, pois se torna uma *vontade incontrolável que costuma assolar os tatuados*. Vontade que só é contida pela pressão social, pelas limitações das opções profissionais ou pelo temor que sentem de *acabarem* [se deixando] *tatuar* inteiramente (PÉREZ, 2006).

De onde vem a *vontade*, o *impulso*, a *tendência impulsiva*? A autora vacila: "O certo é que não é fácil pensar em outra opção, porque evidentemente o tatuado depara-se com um impulso que parece não ter explicação além dele mesmo" (PÉREZ, 2006, p. 196). Sua opção é desvencilhar-se do impasse, interpretando o *impulso* a reviver todo o contexto de tatuar-se como busca de uma *religião pessoal*.

Pérez, Reisfeld e Lírio, cada um a seu modo, reconhecem o anseio/possibilidade de uma *abertura espiritual* entre os *mods* como função possível da marca corporal. Entretanto, não deixa de surpreender esta estranha maneira *corporal* de evocar um re-ligar *místico*.

Na análise etimológica da palavra *excesso* encontra-se *transcendência*. O verbo *excedo*[42], de origem latina, significa *sair, abandonar, atravessar, ultrapassar, transcender limites*, próximo ao sentido atual de *exceder*. Longe de qualquer misticismo, em psicanálise, o que *excede, ultrapassa, desafia*, chama-se pulsão de morte, talvez a maior revolução teórica proposta por Freud.

---

[41] Sobre *merecimento*, diz Fred: *Sabe, hoje o que tem de estrelinha, de letrinha japonesa, tudo que aparece na mídia o pessoal vai atrás pra fazer igual, entendeu? Então, às vezes, por isso que não... às vezes não... por isso que a gente fala assim, nem todo cliente merece ter uma tattoo sabe, por fazer aquilo é melhor então você não faz sabe* (Fred). Sobre o *sentido*, teremos a oportunidade de retornar à discussão, mas nas entrevistas, os sujeitos pareciam intimidados a dar sentido aos desenhos, como se este descaracterizasse a busca pela arte.

[42] Dicttionaire Gaffiot latin-français, 1934, p.616: http://www.lexilogos.com/latin/gaffiot.php?p=616

Observável apenas em seus efeitos de intensidade, repetição sem sentido, desobjetalização e na compulsão que avassala o sujeito, a pulsão de morte é fonte e efeito do desequilíbrio econômico do aparato, ela altera o jogo de forças e suspende pontos de ancoragem. É uma pulsação *ativa* (FREUD, 1905, p.220) sua potência caótica deixa as sombras e representações até então operantes tornam-se insuficientes em sua tarefa de adiamento da satisfação, de ligação, de barragem. *Domesticar*, tornar doméstico, sedentário, cotidiano, integrado à cultura, eis o trabalho inesperado a que toda marca corporal indelével constrange o sujeito.

Este *negócio quase animal* tem parentesco próximo ao corpo: sobre ambos não opera como esperado os ensejos de posse, liberdade e soberania.

b) Fragmentação

> Esta iluminação sectária relega o resto do corpo – um resto paradoxal – a uma zona anônima e longínqua, excluída da representação e do desejo: sem valor de ereção, obscurecida e torpe. A tortura e a tatuagem pertencem a este mesmo registro de desmembramento, da fragmentação falsa. Apenas o fragmento coberto pela tatuagem – iniciais, âncoras e corações que vêm sempre a inscrever-se – como por casualidade, sobre os bíceps, sobre os músculos mais eréteis – realçados pela tinta minuciosa ou submetidos à torção, à dor, têm acesso ao endurecimento, à ereção notória... O resto não merece mais que pudor: flacidez e tédio (SARDUY, 1992, p. 93, tradução nossa).

Chamar a tatuagem de *cicatriz* ou de *iluminação sectária* é o primeiro passo para dessubjetivá-la, arrancando sua intenção e historicidade, remetendo-a a uma passagem ao ato narcísica. O narcisismo em Freud, a depender das referências da primeira ou segunda teoria pulsional, pode ser compreendido tanto como morada da pulsão de morte, quanto como reservatório de libido. A partir de 1920, descortinou-se a face feroz e exigente do narcisismo que permanece sob o domínio das pulsões parciais, do corpo fragmentado, vivido como unidade nas identificações e no olhar do Outro. Adentrar este campo significa se distanciar da dimensão egoica em seu jogo lábil e envolvente.

Sarduy acentua a fragmentação em uma lógica figura/fundo: a tatuagem, ao iluminar com cores, dor e sangue seu adereço fálico, desmembra a imagem em um mosaico de prazeres parciais, relegando o tédio à sombra.

Frente à fragmentação, é tentador refletir sobre o desejo de *fechar o corpo* com tatuagens, metáfora muito comum entre os praticantes.

> *E – e tem essa ideia de um fechar?* Tem, porque... (...) é... é sempre assim, "o cara é fechado, olha lá" [voz mais grave/admiração], tipo, é mais ou menos essa ideia mesmo.. *E – de fechar, de não ter outro espaço*. De não ter branquinho. A ideia é não ter pele, mais ou menos por aí, a gente fala, "pô o cara fechou o braço", é não sobrou pele, não sobrou nada... *E – não ter pele é o contrário, é ficar aberto*. É (ri).(Gui)

O depoimento de Gui nos afasta das experiências primárias de fragmentação e nos remete à vivências pós-edípicas de reconstrução: à busca interminável de inscrição do olhar, à identificação; mas também à busca de nova filiação, ao apagamento de referências infantis. Assim, não se trata do espedaçamento primitivo, da fenda narcísica de *Luto e Melancolia* ou pulsional acordada pelo estímulo da tatuagem.

A admiração, a ânsia, o brilho nos olhos de Gui pelo *corpo fechado* lembram Reisfeld (2006) e o aspecto erótico da fragmentação. Para ela, a fragmentação conseguida através da tatuagem funciona como deslocamento para uma nova configuração da sedução através do detalhe inesperado, capaz de atrair e modificar a maneira de *ler* o texto. Ela segue Sarduy quando afirma que a tatuagem, à maneira de um fetiche, *fascina precisamente por apresentar-se sempre como fantasma de algo separável, do que se pode arrancar*, ou seja – ela conclui – *da castração* (REISFELD, 2006, p. 92). Inacabada, fragmentada, a imagem de algo separável pode trazer à tona o temor da castração.

Sarduy e Reisfeld tocam um detalhe essencial: não é incomum que algo na estética inefável da tatuagem se torne um ponto de onde o sujeito se sinta olhado e que o persegue ofuscando sua imagem, impedindo movimentos, centrifugando a atenção[43]. Ali um trabalho de apagamento, recobrimento ou assimilação pode se fazer necessário. Entre deslocamento e supressão, os signos não podem restar destacados de uma cadeia significante, com o risco de que a fragmentação decomponha com ela o sentido (SARDUY; 2001). *O corpo é algo que tem que terminar*[44], entrar em narrativas subjetivantes, sob o preço de sobrevirem vivências estranhamento, horror ou fragmentação psíquica.

[43] Paola Mieli (2002) designa este lugar corporal de *punctum*. Ampliamos sua definição, de maneira a considerar que também a transformação corporal de uma cirurgia ou tatuagem pode, não apenas esconder o *punctum*, mas tornar-se um.
[44] Sarduy, 1992.

Vejamos o que nos interessa. Nos parece plausível que a experiência de tatuar-se remeta os sujeitos, em algum momento, à distância entre o real do corpo e as construções psíquicas, mais ou menos estáveis. Este hiato estruturante é sempre credor de representações e narrativas para sua assimilação na história individual. O fato implica que toda intervenção corporal demanda um trabalho que, incompleto, poderá ter inúmeras consequências. Destacaremos dentre elas, portanto, a experiência *Unheimliche* ligada ao retono do complexo de castração, bem como à experiência de autonomização da marca fragmentada como desdobramento do duplo.

c) Apagamento (e memória)

> A memória não é tanto um mecanismo de registro, mas um mecanismo de seleção, (permitindo) ler os desejos do presente no passado. (HOBSBAWN, 2008, tradução nossa)

De maneira em tudo semelhante à própria marca, o apagamento ou recobrimento de uma tatuagem ocupa uma ampla gama de funções psíquicas. Apesar de sua importância, encontramos apenas referências esparsas.

Eis a interpretação de um tatuador entrevistado por Reisfeld (2006), que apresenta detalhes que costumam ficar, em suas palavras, *porta adentro*:

> Muitos vêm sem saber bem para quê estão se tatuando, como uma moda (...). Conheço jovens que fizeram uma tatuagem pequena e depois vieram tapá-la e outros que os agarra como um prazer de continuar se tatuando. Um faz uma tatuagem pequena, não gosta, coloca outra ao lado e depois vai buscando uma paisagem, mas é um vício. Sempre vêm e vão fazendo outra e outra e vai tomando o corpo. É como se lhes faltasse algo. Sempre há algo que completar, melhorar. Conheço jovens que vêm e nos dão bronca por qualquer razão, porque algo lhes falta e nós sempre dizemos: "não, você é masoquista e por isso quer se tatuar". Há jovens que vêm e estão desesperados para se tatuar. E isso que a tatuagem é um vício caro.[45]

O depoimento toca as motivações para tatuar-se, insatisfação, arrependimento, *desespero,* apagamento e vício. Seu autor é o mesmo que conta sobre o apagamento de sua primeira tatuagem caseira, feita aos 14 anos, na *fascinação* frente à marca colorida no braço de um

[45] Sr. A, tatuador, in Reisfeld 2006, p. 74, tradução nossa.

alemão que encontrou em um bar. Estranha fascinação que se transforma em insatisfação, em vício e que vai *tomando corpo*.

O que justificaria o esforço de apagamento? É interessante a ideia de que a tatuagem toma o corpo: a tatuagem *fecha o corpo*, *toma o corpo*, e ela mesma *toma corpo*. Retorna a inquietante fantasia da autonomia - não apenas da pulsão - mas da própria marca.

Os motivos do encobrimento de uma marca são tão variados quanto os que descrevem as motivações para fazê-la e, como eles, igualmente evasivos. Reisfeld (2006) comenta o encobrimento da tatuagem quando vivida como estigma[46], bem como o risco de se apagar uma tatuagem – discutindo a proposta de uma instituição que trata dos adictos.[47]

Outro artigo que toca os recobrimentos é de Lo Sardo (2009). Em ensaio etnográfico, o autor apresenta os depoimentos de Maria, que queima com cigarro suas tatuagens para apagá-las e de Mike, que tem o *corpo em desordem*, quatro vezes *refeito* com tatuagens extremas e contraditórias (de signos nazistas a elementos religiosos). Diz o autor:

> A marca tatuada cristaliza, em sua permanência, uma parte de si, os traços sociais de uma trajetória vivida. Ela não se contenta em simbolizar experiências passadas, ela contribui para torná-las presentes e efetivas. O sentido de uma tatuagem se conjuga ao presente na medida em que sua materialidade se funda em hábitos motores os mais cotidianos ou que ela é apreendida como um "objeto biográfico", fazendo vir à consciência a memória e o sentido de si. Por estas mesmas razões, a continuidade de si induzida por uma tatuagem pode ser vivida como forçada, como ameaçadora para a identidade presente e comprometer a vontade de se construir um futuro. As tentativas de destruição ou recobrimento de tatuagens o mostram bem (LO SARDO, 2009, p. 78-79, tradução nossa).

Os testemunhos contundentes sem qualquer suporte da leitura psicopatológica, tornam os dados insuficientes para sustentar as incisivas conclusões do autor. No entanto, elas podem nos servir. Visto sob a perspectiva psicanalítica, trata-se provavelmente de sujeitos psicóticos que se sentem perseguidos pelas representações desenhadas em seus corpos. Minhas entrevistas não alcançaram nenhum testemunho claramente psícótico, porém o recobrimento frente à sensação de autonomização da marca está em ação na neurose e presente no depoimento e angústias de Gui.

[46] Reisfeld, 2006, p. 86, tradução nossa.
[47] Ibid., p. 129.

Uma hipótese metapsicológica, que não será desenvolvida, seria que alguns sujeitos tratam as marcas tatuadas como representações-palavra (FREUD, 1915, O Inconsciente) e, tal qual esquizofrênicos descritos então, sobreinvestem estas representações utilizando-as como representação-coisa. Sarduy afirma que tanto signos, quantos tatuagens compartilham uma característica: não é possível apagar o sentido quando se deseja.

> Para suprimir uma tatuagem seria preciso arrancar a pele. O único modo de eliminá-la, de desvirtuar ou inverter sua significação, é acrescentar mais tatuagem, completar o desenho intruso com outro, integrá-lo numa composição mais vasta, que o afogue em seu grafismo e o neutralize em sua rede (SARDUY, 1992, tradução nossa).

O autor trata a tatuagem como *coisa* e propõe como antídoto dissolver a imagem integrando-a a outras redes. A proposta opera concreta e metaforicamente.

O apagamento pode reencontrar a veia masoquista e se tornar parte da tendência compulsiva, ao preço de um *além* pulsional e fantasmático indigesto. O trabalho psíquico, por outro lado, implicaria a tendência à integração física ou narrativa da experiência.

4) O corpo da tatuagem: a contribuição psicanalítica

> Sobre as condições que favoreceram a aceitação das tatuagens, a maior incidência recai sobre a dimensão dos ideais e do fato que foram adquirindo uma qualidade mais concreta. (...) De toda maneira, o agravamento das condições socioeconômicas, somado à dificuldade crescente de operar mudanças externas, desembocou num retorno em direção a uma realidade mais imediata e tangivelmente modificável como o corpo (REISFELD, 2006, p. 158, tradução nossa).

O tema "corpo", há 20 anos, era controverso, tratado tangencialmente em psicanálise. Este tempo passou e virou do avesso: após alguns meses trabalhando sobre corpo e tatuagem, retive a forte impressão de que inúmeros autores tratavam – como dado inquestionável – a ideia de que o corpo é "A" fonte da *identidade*.

Autores das humanidades, se surpreendiam ao encontrar sob o manto *blasé* ou agressivo dos *mods*, a subjetividade pulsante das marcas corporais. Contrariamente, psicólogos e psicanalistas se viram duplamente frustrados: as narrativas em geral são pobres em desejos ou conflitos e, sobretudo, os sujeitos se pretendem *transformados* pela experiência. Golpe narcísico fatal e diverso para ambos os "grupos".

De todo modo, sem contextualização e sem história, autores advindos das ciências humanas, deslumbrados pela dimensão subjetiva que a reatualização das marcas corporais permite, se puseram a escrever. Muitos destes trabalhos operam com metodologia clara, descrições acuradas, análises sensíveis, mas chegam a conclusões embaraçosas ou óbvias. Embaraçosas porque inaptas para diferenciar o comprometimento psiquiátrico dos sujeitos e óbvias porque terminam apontando para a existência de sentido das marcas realizadas. Em psicanálise o alcance e os problemas são diferentes. Os dados são demasiadamente seletivos e, na complexidade das abordagens teóricas adotadas, inutilizáveis, exercícios hermenêuticos, solilóquios inspirados em um ou outro autor. Por outro lado, a profundidade, a sutileza das análises é interessante e rica. Foi preciso um grande trabalho para não desperdiçar o material em listas de opiniões diferentes ou simplesmente abandoná-lo. Resolvemos, assim, mencionar estes dados em torno da noção de corpo, suas funções, alcance e limitações, porém será preciso certa condescendência para esta apresentação, que deverá parecer sem norte. O norte é apresentar, tentar uma conversa em torno do corpo, sem contudo transformá-lo em objeto de aprofundamento teórico. O corpo será apenas o eixo organizador desta apresentação, ainda bibliográfica.

A maioria dos artigos e livros, inspirados na teoria lacaniana, focalizam difrações e consequências subjetivas das tatuagens como escrita (COSTA, 2003; FERRARETO, 2010; COUY, DENNIS, MIELI, 2002), outros ressaltam o ponto de partida, a marca narcísica, as falhas na inscrição simbólica e significante (BARBERIS e LIPPI, 2009; LAURU, 2004), alguns apontam a função de sustentação da estrutura psíquica (GASPARD e DOUCET, 2009), seja na neurose ou relacionada à psicose (MEASEY, 1972). Em Freud, temos Reisfeld (2006) com sua pesquisa abrangente e séria, LÍRIO (2010) e a hipótese da fundação da alteridade winnicottiana; LE BRETON, 2002; 2005, WIENER, 2004; GORENDER, 2008; PÉREZ, 2006; LO SARDO, 2009; OSÓRIO, 2006; LE HÉNNAFF e HÉAS, 2007; SABINO E LUZ, 2006, que, de maneiras realmente heterogêneas, abordam a tatuagem no espaço entre *assinatura* e *apagamento*, sinal de sofrimento e via de inserção, elemento da construção de uma nova subjetividade individual ou social.

O corpo é recinto objetivo da soberania do sujeito (PÉREZ, 2006). Eis uma das fontes do incômodo: a onipresença inquestionada do corpo, do novo corpo *ideal*, maculado, contorcido, "dominado". Na sociologia temos um corpo matéria-prima, o corpo moldável pela cultura, pela tradição, a religião ou os costumes, cânones determinantes de pertencimento ou exclusão.

Na antropologia, a transformação das bordas corporais é uma das maneiras mais primitivas de diferenciar natureza e cultura[48], de traçar uma fenda que arte e religião terão a função simultânea de separar e religar. Na psicanálise, o corpo é pura construção, fundada sob um real incontornável. *Ser* o corpo, *ter* corpo, *habitar* o corpo, silenciar, negar, comprar, emprestar, transformar, customizar... não há fim na lista de ações possíveis, bem como é infinita a surpresa frente à negação radical do corpo à ilusão de controle onipotente.

Para Le Breton (2002, p.11-12), na sociedade ocidental e urbana a partir de 1930, as marcas gradativamente apontaram para o corpo recortado do mundo e dos outros, lugar de liberdade *no seio de uma sociedade à qual o sujeito é apenas formalmente ligado*. A individualização foi simultânea à virtualização de produtos e a criação de desejos e diferenças, coincidiu com o implemento de práticas neoliberais e com a completa ingerência da economia na vida social. Como consequência da lógica fugaz de consumo, a ânsia de diferenciação se enlaça à busca de sinais duradouros, traduzida novamente no consumo de produtos capazes de criar um *semblant* reassegurador – nicho da tatuagem.

Reisfeld (2006, p. 65) acredita que o corpo responde a um discurso social que nos faz partícipes de um imaginário coletivo. Assim, a tatuagem na pós-modernidade é mais um emergente de uma cultura que prioriza a noção de corpo-imagem como via de valorização social[49], a eternidade dos 15 minutos de fama e a certo tipo de experiência de autoconsumo. Sua proliferação é sobretudo *massificação de uma técnica em uma época em que o impacto visual, o cuidado e a modificação da imagem exterior adquirem suma importância*[50],[51],[52].

Se a tatuagem é um emergente da cultura e esta traduz como um espelho os valores atuais, vejamos outro valor em transformação. Lírio (2010) destaca um singelo jogo de palavras: alguém propunha a mudança de rito de passagem (*rite of passage*) para *right of passage*, contestando o direito inalienável de *fazer o que bem entender* com o próprio corpo. O autor interpreta e indica a migração de antigos ritos coletivos para a nova garantia – o direito jurídico coletivo (LÍRIO, 2010, p. 52). Pois bem, em se tratando do corpo e cultura, o que esta pequena troca de significantes traduz? Que a liberdade possível na contemporaneidade é

[48] Algumas referências da sócio-antropologia do corpo: Cf: Le Breton 2006 e 2011.
[49] Reisfeld, 2006, p. 43, tradução nossa.
[50] Ibid., p. 30.
[51] *L'histoire du tatuage.* Disponível em <http://www.tattoo-passion.com/origines.html> Neste site encontram-se inúmeros *spots* de merchandise de produtos com jovens tatuados ou piercings.
[52] Reisfeld (2006, p. 90) destaca o discurso midiático e mercadológico que envolve a prática atualmente: da geração de empregos ao crescimento de empresas provedoras de insumos e acessórios e o papel da mídia, da fotografia e da internet na disseminação das tatuagens..

poder fazer-se o que quiser, ser, portanto, *dono do próprio corpo*? A liberdade de que se gabam tatuados e afins, assombra pela desapropriação que esta mínima possessão denuncia.

> O corpo (...) *é uma coisa que você não vai perder, é um... valor que você investe, e que você não perde, está sempre aí com você*. (Nina)

O corpo é meu! A declaração libertária preside o contrainvestimento à torrente de incertezas, tensão e angústias de se tornar humano e fincar balizas morais e subjetivas sem firme referência da cultura. Quanto maior a fragilidade simbólica, mais renitente as afirmações denegadoras. O universo das marcas corporais parece alicerçado sobre a tarefa de elaborar a castração nos níveis do real e do simbólico, levando a resultados controversos.

a) Soldagem eu-corpo

> Se a marca é vivida como assinatura, como o operador de uma cristalização de si, havia no começo um sentimento de alteridade em relação ao corpo próprio, o sentimento de não ter incarnado em si (LE BRETON, 2008).

Em psicanálise, a manutenção da instabilidade estrutural entre imagem e o si mesmo participa de uma noção de saúde psíquica. Veremos, porém, que a manutenção desta distância que enriquece o psiquismo com flexibilidade e versatilidade, é um grande desafio neste momento de enfraquecimento simbólico do coletivo.

A garantia de uma identidade em que o sujeito possa *se fiar* é buscada na tentativa de soldagem eu-corpo[53]. Efeito momentaneamente possível na tatuagem, a falha logo é interpretada como insatisfação e reenviada na certeza de que outro desenho será melhor, outro tatuador poderá expressar mais claramente. Após algumas marcas, o confronto entre a certeza de um corpo-tela claramente finito, a continuidade da insatisfação por um lado e do prazer por outro, transformam limitações em angústias sucessivas: angústia/temor da compulsão, do trabalho de construção de sentido ou da ausência de sentido. No momento mesmo em que a experiência jubilatória aproxima o sujeito da sensação *eu sou meu corpo*, a sombra da morte espreita. A identificação total sujeito-corpo só é possível quando o corpo está morto, fechados os circuitos desejantes.

[53] A construção da ideia de *essência* de si foi discutida no Cap.I. Buscar esta *essência* no corpo, suporte que sustenta a esperança de existência desta diferença tão almejada, mostra que no aspecto individual, a fantasia que preside esta busca se traduz na crença de que a "verdadeira" imagem, tal qual uma pérola, existe e emergirá na pele.

Mieli (2002) adentra este território:

> Se, conforme o processo de identificação, descrito pela metáfora do espelho, o sujeito é capturado por uma imagem unitária, por um eu ideal que antecipa logicamente uma unidade gravitacional a advir, uma hiância estrutural se cria entre a imagem unitária de si e a experiência subjetiva de um movimento gestual penoso e despedaçado. A hiância em questão revelará a distância existente entre o estatismo de uma imagem cativante e o dinamismo do corpo que nela se representa, distância sempre em suspenso, eventualmente abismo, como o demonstram os efeitos de *inquietante estranheza* (MIELI, 2002, p. 23).

Distância ou abismo: tempo e espaço se distendem e contraem nesta inscrição paradoxal de uma marca que faz borda ao corpo, ao tempo, ao outro.

b) Transformação subjetiva

Le Breton (2004) aborda o corpo e suas marcas sob a perspectiva da *inscrição simbólica*. O autor chama de *simbólicas* incisões que *precisam ser refeitas a cada dia, três vezes por semana,* aproximando as marcas de tentativas fracassadas de sutura. É uma utilização do termo diferente da que propõe a psicanálise, onde esta dimensão oferece a estabilidade para as construções subjetivas.

Por sua vez, apesar da riqueza de seu estudo, ao assumir a ideia de que o corpo é sede da subjetividade, Pérez (2006) confere ao fato de ser tatuado uma potência de transformação subjetiva, sem contudo apresentar uma definição consistente para o termo:

> Proponho pensar a subjetividade que se constitui na prática da tatuagem como um processo aberto, fluido, dinâmico, que se constrói na interface das buscas individuais e dos processos de interação instituídos no ato de ser tatuado, entre o desfrute estético e a construção de sentido íntimo, entre o ser interno reflexivo e os impulsos emocionais, como um movimento dialético e inovador.

Adiante, esta potência mostra sua origem:

> Os projetos e as histórias estão presentes, impressos na pele, e como tal têm a força do vital, daquilo que se pode ver, tocar, sentir e vivenciar. Os projetos não são apenas abstrações, mas formas capazes de serem corporificadas (...). Nesse sentido, o ato de ser tatuado pode ser compreendido como um processo de construção corporal e vivencial (PÉREZ, 2006).

As conclusões de Lírio (2010) apontam para a possibilidade da escrita da singularidade através das suspensões. A singularidade estaria em sentir ter encontrado sua própria marca a partir do espelho constituído pelo outro.[54]

> A suspensão corporal (...) proporciona um novo trabalho de ligação corpo-psiquismo e, assim, nova forma de subjetivação, em busca de singularidade e liberdade. Considero essa reinvenção do sujeito como tipicamente pós-moderna (LÍRIO, 2010, p.193-194).

Para Ana Costa (2003, p. 21), a marca corporal pode ser suporte de singularidade na passagem adolescente e para Gorender (2008, p. 39-41) pode servir de ancoragem para uma narrativa identitária, enquanto função ligada à grande variedade de entrelaçamentos RSI que modificam e pontuam amplamente seus efeitos. Ferraretto (2010) diz: *A tatuagem pode ser a experiência da barra, uma maneira simbólica de inscrever e mostrar ao outro algo da própria subjetividade e do próprio desejo, que resta enigmático.*

O otimismo acadêmico sobre a função da marca corporal transborda sem se confrontar com a fragilidade e a *mesmidade* dos discursos pouco fiéis à realidade das repetições, apagamentos e angústias. Parte destes trabalhos reproduz o otimismo imaginário e idealizado dos próprios sujeitos pesquisados, permanecendo na tarefa já hercúlea de descrever o campo e então, acontece: descrevem sempre a mesma fotografia estática e seu sorrisos amarelos.

Existe – como sempre – o outro lado da moeda. Barberis e Lippi (2009), na contramão dos artigos citados afirmam:

> Por que, segundo nossa hipótese, a tatuagem adolescente não tem valor simbólico? Em que ela não consegue reinscrever a marca da castração? Em outros termos, porque a tatuagem não é um avatar da castração? (...) O sujeito marcado *simbolicamente* pela castração renuncia a ser o falo para o Outro: neste sentido, a castração é também uma ferida narcísica. Por outro lado, a tatuagem, investida da potência narcísica visa embelezar, mostrar um corpo que não é jamais suficientemente ideal – fálico – para o Outro. A tatuagem não é uma marca de subtração como a castração – quando o sujeito se subtrai ao gozo do Outro – mas um signo de adição: lembremos que ela se inscreve a partir de uma adição de substâncias (cores) sobre o corpo (BARBERIS ; LIPPI, 2009, tradução nossa).

O argumento diferencial entre a experiência simbólica e a imaginária das autoras se baseia na concretude do ato de injetar tinta e nada *retirar* do sujeito. Temos que, novamente, discordar.

[54] Lírio, 2010, p.161. Cita Raposa e a busca por uma essência que já estaria "incrustrada" em seu corpo.

O ato em nada antecipa a função subjetiva da experiência. A dimensão simbólica tem assento sobre um momento qualquer – o *point de tournage* e a perda que ele comporta não pertencem ao ato, mas à possibilidade de inscrição do sujeito em um cenário fantasmático-edípico.

Dos autores citados, aqueles que utilizam os conceitos de *letra* e *traço* para refletir sobre a potência subjetiva da tatuagem têm instrumentos teóricos para construir narrativas mais consistentes. Como vimos, para a grande maioria, as marcas podem ter efeitos simbólicos, desde que metaforizem a inscrição e o corte que estabiliza a imagem narcísica e funda a dobradiça entre eu ideal e ideal de eu (MIELI, 2000, p.13).

O olhar do Outro – capaz de ratificar ou suspender a inscrição das sensações no corpo da criança – este olhar é interiorizado por meio de um traço, signo de aprovação cuja introjeção simbólica constitui a base do ideal de eu (MIELI, 2002, p. 13).

> Se a geografia erógena escrita pela *letra* [inscrição que se faz graças ao investimento do lugar da satisfação de um valor sexual que provém do exterior] oferece ao corpo uma permanência narcísica, a garantia de uma presença, de uma persistência, a sedimentação do *traço* desenha sua forma (MIELI, 2002, p. 11).

Mieli (2002) propõe conceitos para refletir sobre a eficácia da inscrição simbólica de cirurgias plásticas, tatuagens e *piercings*, sempre considerando a fragilidade do fenômeno e a extrema dependência da estrutra psíquica e do equilíbrio pulsional.

Para a autora, é frequente que a modificação voluntária do corpo atinja um caráter de *necessidade*, indicando que razões estruturais estão envolvidas na busca por estabilidade para essa forma que oscila, premida pelo incômodo do *punctum*[55]. Sua conclusão é que existe a possibilidade de transformar *punctum* em *landmark* : se primeiro denota o ponto corporal a partir do qual *o sujeito de sente olhado*, o segundo aponta para a possibilidade de construção de *marcas que delimitam um território ou objeto que serve de guia ou ainda acontecimento considerado ponto de virada em dado período*.

Sem querer adiantar a discussão sobre as funções da tatuagem, nem aprofundar uma teoria com a qual não temos a devida intimidade, uma última contribuição de Reisfeld pode nos ajudar a aglutinar parte da riqueza de dados deste capítulo:

[55] O *punctum* descreveria uma falha na construção narrativa-ficcional narcísica, ponto excitante de intrusão concreta do outro e/ou de bloqueio representacional ligado ao resgate da transmissão geracional. São zonas que, funcionam como uma espécie de *buraco negro*, fonte de angústias e defesas

> (As tatuagens) possibilitam canalizar tendências masoquistas, não apenas desde sua vertente erógena, como também como um regulador necessário de tensões que de outra maneira adquiririam um traço destrutivo. Quando existe um franco compromisso patológico, procurar-se a dor corporal pode ajudar a evitar um transbordamento de intensos estados de angústia que de outra maneira desorganizariam o psiquismo. Minha conclusão geral é que a tatuagem comporta uma intencionalidade elaborativa e seu valor deve ser considerado no contexto da economia psíquica. A narcisação do corpo, como apoio da identidade, participa em todos os casos, mas é necessário diferenciar a ideia de ressarcir aspectos parciais do self, de uma dinâmica que busca refundar a identidade e onde o que está em jogo é um narcisismo que faz a própria constituição do ser. (REISFELD, 2005, p.74, tradução nossa)[56]

[56] O texto de Reisfeld: *Tatuajes: Una Mirada Psicoanalitica*, é um livro pioneiro na América Latina, foi resultado de 10 anos de entrevistas e pesquisas de orientação psicanalítica.

Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana

Capítulo III

Método

> O analista deve, antes de tudo, ter "mapeado o terreno" e assim fazer surgir hipóteses pré-teóricas, conceitos em estado larvar, mobilizados para delinear um primeiro esboço da organização do fenômeno. Tem-se então a "experimentação do pensamento", momento em que o pesquisador se vê imerso em perplexidades e impasses, até que alguma via se apresente como capaz de ordenar os problemas e as hipóteses em sequências potencialmente férteis. Surge então o que Laplanche denominou de *contribuição*: algo que esclarece, mesmo que em medida modesta, uma região do campo psicanalítico e ao mesmo tempo se articula de maneira a ser aproveitável por outros (MEZAN; 1993, p. 88).

O capítulo anterior mapeou, criticou e desenhou nosso posicionamento de pesquisa psicanalítica neste vasto campo formado pelas marcas corporais na contemporaneidade.

Este capítulo tem por função explicitar os objetivos e a história desta tese, revelando o porquê de cada uma das inúmeras escolhas realizadas, justificando cada elemento-chave. Passaremos pela construção da amostra, do objeto tatuagem, pelo tratamento dos dados, pela abordagem psicanalítica como método de pesquisa. O objetivo principal, contudo, é justificar a utilização do conceito de identificação e a maneira encontrada para confrontar conceito e fenômeno. Descreveremos os caminhos desafiadores encontrados para abordar as inúmeras dissonâncias apresentadas e que se condensam na pergunta: a quais funções psíquicas respondem as marcas corporais? De que modo o conceito da identificação pode iluminar e ser iluminado no confronto com o fenômeno?

1) O projeto internacional – breve histórico

O Projeto de pesquisa de cooperação internacional, na sua primeira versão (2007), tem este nome: "Estudo comparativo internacional das marcas corporais auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo: Funções das tatuagens e escarificações na economia psíquica dos jovens adultos: gênese, relação aos corpos, solução subjetiva". Com o tempo e o uso, reduziu-se o nome, mas sua essência – o método – cunhou trabalhos, artigos e discussões.

Este consiste de uma entrevista semidirigida robusta (anexo 1, cf. Cd-rom) e um questionário para ser aplicado pela internet (anexo 2, cf. Cd-rom). Cada pesquisador envolvido pôde deles se servir com a amostra ou objetivo desejados. Foi assim que, após discussões iniciais com Jean-Luc Gaspard e um trabalho de tradução minucioso, saímos a campo para observar como o material funcionaria no Brasil.

Encontrei Dante, um jovem com 5 tatuagens que, em meio a uma longa entrevista morna, passa a mão sobre seu corpo para mostrar em qual parte do corpo materno começou o câncer que a matou. Ele não percebe, mas sua mão toca três de suas cinco tatuagens, marcas até aquele momento *sem qualquer motivação*. Esta potência da marca corporal me fisgou.

O projeto inicial era muito diferente, mas foi dessa forma que a identificação e sua profunda relação com o luto passou a objetivo principal. Projeto reescrito, partimos para novas entrevistas. O material coletado, contudo, nos confrontou com questões inesperadas: lutos diversos sem ligação direta com as tatuagens. Além disso, horas de transcrição sob a contínua sensação de vazio subjetivo do material nos faziam pensar: o que levava aqueles jovens à experiência com as marcas corporais? Onde se adensavam sinais de subjetividade? Por outro lado, características do instrumento de coleta de dados, construído sobre hipóteses da teoria lacaniana, perpassavam os dados. Mesmo após um ano na França, eu não dispunha de uma apropriação da teoria lacaniana que me permitisse encarar o trabalho teórico de uma tese. Pareciam fraturas intransponíveis.

Depois de vários meses, um mergulho mais amadurecido nas entrevistas na tentativa de construir um *crivo* interpretativo para o grupo, muitas tabelas e quadros depois, uma regularidade veio à tona: o detalhamento das funções singulares das tatuagens ultrapassava em muito sua proposta estética, seja organizando o cotidiano, os laços sociais, a percepção de si e a temporalidade do sujeito, seja insuflando um pulsar nunca antes percebido.

No encalço deste *além*, guiados ora por uma *superfunção*, ora pela *angústia*, configurou-se uma espécie de espaço privilegiado, na verdade um eixo, organizado e presidido pelo *Outro*, o *outro*, o *objeto* pulsional – as inúmeras funções do não-eu no psiquismo, alteridade não totalmente outra, o avesso do avesso do avesso em que o eu constitucionalmente mergulha, se configura e se perde. Essa efervescência *princeps* poderia ser retratada pela *identificação*.

Identificações emergiam no processo transferencial de figurabilidade; eram reativadas pela sobrecarga pulsional presente na criação, no suporte corporal, na dor e nos efeitos narcísicos e sociais; eram revisitadas na relação fantasmática com pais, amigos, familiares, instituições, ou seja, elementos variados poderiam se desdobrar sob a luz das identificações. Até mesmo os efeitos angustiantes, aditivos e a fragmentação, quando observados sob a perspectiva da condensação de similaridades, das identificações parciais, dos efeitos inquietantes do duplo, do apagamento regressivo das diferenciações do ego e, por fim, das angústias superegoicas, tangenciavam identificações e se beneficiavam desta perspectiva.

Posto isto, a dificuldade não foi reconhecer os domínios do conceito, mas apreendê-lo. Sabemos que a exteriorização de uma identificação é altamente complexa e que Freud se debate sobre este problema em *Psicologia das Massas*[57]. Mas há uma saída interessante: um sinal –indireto – da identificação é a *ausência* do objeto do psiquismo.

Como explica Assoun (2006): "vê-se o princípio: amar alguém (*um objeto* em termos libidinais) é organizar sua própria economia libidinal-narcísica por meio deste objeto. O *objeto* sustenta a montagem libidinal do sujeito". (ASSOUN, 2006, p. 126, tradução nossa)

Enquanto a sustentação funciona, a aparente normalidade, ensinou Freud, é silenciosa. Assim, será focalizada sobretudo *a ausência do objeto*, ou melhor, a desorganização surgida desde sua perda. De fato, o que emerge é o arranjo singular possível em dado momento de encontro com o *traumático*, seja ele induzido pela *invasão do real* ou por "*situações traumatogênicas paradigmáticas* (que) *se situam no eixo da relação com o outro, quer dizer, no drama da separação e da castração"* (ASSOUN, 2006, p. 123, tradução nossa).

[57] Freud, 1921 p. 104.

Assim, percebe-se que não se trata do luto em sua apreensão cotidiana, mas da lógica estrutural luto-identificação proposta por Freud em 1923[58] para explicitar o caráter impossível e traumático de toda perda.

> À ocasião da perda do objeto - visível ou invisível – o sujeito se encontra confrontado com este *déficit* do investimento objetal de estrutura, ou seja, com esta vulnerabilidade narcísica maior presente desde a origem. De onde (nasce) a tentação de morrer com o objeto, que satura a morbidade do processo (ASSOUN, 2006, p. 126, tradução nossa).

Eis a dimensão que será privilegiada na construção de caso: localizar as configurações singulares diante da perda objetal, os efeitos desta tendência ora sadia, ora mórbida de construção de monumentos estruturantes ou tumbas mortíferas onde habita o conceito de identificação.

Chegou-se a uma proposta teoricamente viável, porém, de execução complexa. Para aplicar este modelo de leitura às entrevistas, foi necessário um tratamento do material. Assim, ordenamos os dados inspirados no que os lacanianos chamam de *construção de caso*. A estratégia foi esboçar um centro gravitacional dinâmico no qual um conflito, uma desorganização discursiva ou uma repetição indicavam um luto. O objetivo foi então focalizar e descrever de que maneiras a saída encontrada se apoiava ou se servia do corpo e das marcas corporais e, deste novo ponto de partida, propor uma discussão de um fragmento do conceito de identificação.

a) A construção de caso

> A *construção de caso* não visa a exatidão nem a certeza. Trata-se de transmitir a lógica do caso, que não é a cronologia. A lógica de um nó, que permite observar tal posicionamento subjetivo, a lógica de tal e tal sintoma num dado momento, não um momento qualquer, a lógica que não pode se desfazer da transferência subjacente. A partir do momento onde a transferência se engaja, estou incluso no dispositivo, eu operei certa colocação em transferência (...). É preciso relatar qual bricolagem o sujeito encontra no confronto com um ponto de real.

[58] A intimidade entre luto e identificação está presente claramente em Freud desde 1914-15, mas em *O Ego e o Id* (1923) lê-se que todo luto deságua em uma identificação e alça este mecanismo à categoria de modelo estrutural do psiquismo.

> Trata-se de transmitir a lógica de uma bricolagem, como o sujeito se organiza e *se vira* com isso...[59]

A *lógica de um nó*, nascido do confronto do sujeito com o *real* e/ou com o *objeto* – sim, pois a transferência nada mais é que a atualização do encontro traumático com o objeto. Com este objetivo em mente, cada entrevista foi redesenhada na tentativa de descrever esta lógica *conflitiva*.

Partir deste núcleo pulsante da perda como de um ponto nodal que funda uma perspectiva, de onde surgirá uma referência singular para se observar os efeitos da desorganização, principalmente nas formas como são convocados corpo e marcas corporais – um dos objetivos da tese.

O corpo, contudo, não é um espaço anódino. Como a curva de um rio, o corpo esconde paisagens novas e inesperadas. Em seu destino de incorporação, gravadas que estão no corpo, as tatuagens inscrevem uma segunda perspectiva, eixo de origem de um espaço-tempo alternativo. Desde esta nova configuração, as marcas e suas funções serão o objeto de uma outra leitura, que envolve a busca de uma nova lógica. Ao tomar as tatugens como objeto, nos aproximaremos do que descreve Mme Borgnis-Desbordes como *lógica da bricolagem*. A tatuagem, mesmo quando ocupa função *construtiva*, mesmo quando se torna ponto de partida para outros conflitos e questões, é sobretudo efeito, resultado de uma cadeia anterior de determinações, desejos e conflitos inconscientes que a precedem largamente.

Será então deste *a priori* da identificação estrutural nos processos de luto que selecionaremos um fragmento do conceito para fechar a discussão de cada caso. Eis o objetivo final do trabalho.

As entrevistas foram recortadas e minuciosamente analisadas em seus aspectos formais e de conteúdo. Ordenamos os dados em quatro itens inspirados no instrumento inicial[60] e finalizamos com duas "Perspectivas": I – *A lógica do conflito* e II – *A lógica da bricolagem: funções da tatuagem e a identificação.*

[59] Anotações da aula de Emmanuelle Borgnis-Desbordes. Universidade Rennes II, primeiro semestre de 2011.
[60] A proposição e descrição se inspiram na estrutura da entrevista semidirigida elaborada por Gaspard e Doucet (2008). Explanações originárias do material estão em *itálico*. Para compor o método desta tese, alguns itens foram condensados e as modificações adotadas estão explicitadas abaixo.

- **Perspectiva I: A lógica do conflito**

Através de recortes da anamnese do sujeito e das marcas, dos enunciados, da relação com a alteridade, as marcas corporais e o próprio corpo, proporemos a leitura de uma dinâmica conflitiva. O conteúdo destes itens está detalhado no Capítulo 5.

- **Perspectiva II: A lógica da bricolagem - funções da tatuagem e identificação**

Desenhado o quadro *conflitivo* de cada sujeito, retomaremos os focos de angústia e gozo e sublinharemos as funções predominantes do corpo e da tatuagem, destacando os arranjos e partindo para a discussão de um fragmento metapsicológico da identificação.

Assim teremos:

Dante: O pêndulo melancólico *ser* ou *não-ser*

Olivia: O duplo e o *Unheimliche*

Nina: As identificações edípicas e a infiltração do superego

b) As marcas corporais e a tatuagem

> Zizek mostrou como a investigação da criança se assemelha à célula elementar do romance policial, o "*whodonit*"? (*quem fez o que*?). (...) ambas são inauguradas pela descoberta de um corpo (DUNKER, 2005, p. 137-160).

Das inúmeras modificações corporais[61] encontradas, escolhemos as tatuagens. Estas talvez sejam, na atualidade, o carro chefe dos novos ritos, que interpelam por seu impacto transcultural, geracional e econômico[62]. As marcas corporais transformaram-se em parte essencial da cultura jovem e tornaram-se objeto de estudos acadêmicos desde meados da década de 1980, tendo um pico importante de publicações entre 1995/1996. A partir do ano

[61] Disponível em: http://www.bmezine.com

[62] Reisfeld destaca o discurso midiático e mercadológico que envolve a prática atualmente: da geração de empregos ao crescimento de empresas provedoras de insumos e acessórios e o papel da mídia, da fotografia e da internet na disseminação das tatuagens. (Reisfeld, 2006, p. 26, 150-159).

2000, a quantidade de pesquisas que abordam o tema se mantém estável e em ligeira alta nas Ciências Humanas até em áreas do conhecimento como a crítica literária e a economia.[63]

A justificativa para trabalhar o tema não habita estas estatísticas. São curiosidades para alguém que, como eu, pouco conhecia sobre tatuagens. *Marcas corporais* me parecia algo cuja semântica indefinida poderia abrir um interessante campo de pesquisa. Entretanto, como relatado, a primeira entrevista evidenciou a potência insuspeitada: a tatuagem conjuga repetição e criação de intensidades que arrastam o sujeito para a conjunção constitucional magmática, onde os Titãs Eros e Tânatos voltam a enfrentar-se.

Nas análises, tivemos o cuidado de modificar nomes, profissões, mas sobretudo de embaralhar a geografia e a iconografia das marcas que, detalhadas, poderiam ser tornar um mapa para o reconhecimento dos entrevistados.

c) Os jovens – particularidades da amostra

> A *nova idade da vida* não se torna uma realidade dotada de consistência positiva a não ser para aqueles cuja capacidade de improvisação e experimentação são diretamente função das garantias fornecidas por seu capital cultural, herdado ou adquirido (BAUDELOT; ESTABLET, 2000, p. 47, tradução nossa).

Le Breton utiliza a expressão *geração Tefal*[64] para ressaltar a afetividade *antiaderente* da adolescência. Paré (2002) denomina *geração internet*, destacando valores psicológicos e grupais que levarão ao remodelamento das relações de trabalho. No Brasil, Calligaris fala em *adultescência*,[65] sublinhando a eternidade das características adolescentes na modernidade, enquanto Singly (2006) fala em *adonascentes,* termo que explora a redefinição das relações familiares trazida pela nova identidade adolescente.

Segundo os sociólogos Baudelot e Establet (2000), a definição de adolescência ou a extensão *jovens adultos* estão ligadas ao paradoxo entre a mudança estrutural da sociedade e o fracasso dos indivíduos, melhor formados que seus pais, em manter seu *status* social. A realidade, pobre em alternativas de manutenção do *status*, é o único elemento para se avaliar o

[63] Esta afirmação foi inferida a partir das bases de dados Cairn.Info, Psycinfo, Erudit, Persée et Psycarticles.
[64] Le Breton, D. Expressão de Denis Jeffrey, *in La scène adolescente: les signes d'identité*, 2002, p. 9.
[65] Calligaris, C. *A Adolescência*. Coleção: Folha Explica, Publifolha, 2001.

reconhecimento de si, bem como o custo-benefício dos investimentos anteriores (BAUDELOT; ESTABLET, 2000, p. 23, tradução nossa).

Desta breve descrição pode-se compreender que a representação social sobre a adolescência mudou, mas a que ponto? O que mudou está ligado à rarefação dos marcos que garantem passagens. O consumo de signos de singularidade assinala ausências de referentes, de sinais e balizas que não foram substituídos por algo que cumprisse a mesma função, ou seja, a oferta de alternativas para escoamento da angústia e do desamparo.

Ao quadro geral se soma o específico: abordar jovens adultos é adentrar no terreno de incontáveis lutos, numa fase de esperada precariedade de recursos internos e externos, num período em que a projeção profissional é insuficiente para servir de provisão autônoma de autoestima, o que torna as atividades sublimatórias frágeis e conflitivas. Também a renúncia edípica fica prejudicada pela impossibilidade de distância física e espacial dos pais e a separação simbólica prejudicada por sua presença ainda excitante. Urge que figuras externas de referência cumpram a função de sustentar os investimentos (REISFELD, 2006, p. 68).

As tatuagens, bem-vindas neste período de tantas instabilidades, não são prerrogativa da adolescência. Sua disseminação generalizada parece apontar sobretudo mudanças na expressão de anseios, conflitos, desejos, singularidade e dor e indicar, talvez, o desamparo daqueles que consideram como única garantia a propriedade do próprio corpo.

Na amostra selecionada para este trabalho todos ultrapassaram a necessidade do consentimento legal dos pais para tatuar-se, sendo excluídos sujeitos juridicamente não responsáveis para participar do estudo. Foram selecionados três jovens de classe média e média baixa, moradores da cidade de São Paulo e da Grande São Paulo, entrevistados a convite de conhecidos, entre 2008 e 2010.[66] Entrevistamos jovens adultos entre 20 e 28 anos, grupo bem diversificado em termos de inserção no trabalho, escolaridade, dependência familiar e autonomia, diversidade que não permitiu qualquer generalização.

[66] Realizamos 6 entrevistas, 4 questionários e duas entrevistas "fora de padrão": uma com um tatuador e outra com uma mulher de 58 anos.

2- A Psicanálise como método - reflexões

> Inúmeros são os modos como se pode desenvolver, dentro dos fundamentos éticos e teóricos da psicanálise, uma investigação dos fenômenos sociais, contribuindo para a elucidação de sua eficácia no processo de alienação do sujeito e apontando os laços que possibilitem a sua inclusão como sujeitos do desejo (ROSA, 2004, p. 340).

Na psicanálise, a impossível replicação do acontecimento foi uma das primeiras fontes de crítica à validade da pesquisa com qual vários analistas se depararam, ouvindo: *isto não é pesquisa científica!*[67] Vemo-nos hoje tentando refutar críticas de que *isto não é psicanálise!* quando partimos a campo munidos de um questionário e de nossa formação psicanalítica. Grosso modo, temos que enfrentar as questões da transferência e da associação livre para ser psicanálise e da objetividade dos dados para ser pesquisa científica. É provável que, tal como a *revolução social* da tatuagem, estes polos não dividam seriamente o campo. Rosa (2004) mostrou que a *inovação* da psicanálise *extramuros* está estabelecida desde Freud, fundamentada em Lacan e em pleno desenvolvimento nas universidades brasileiras[68]. Na verdade, ironicamente, ela ocorre em paralelo a discussões sobre o fim da psicanálise.

Que ciência poderia incluir a psicanálise?, pergunta retoricamente Lacan. Golpe de mestre citado em todos os artigos lacanianos consultados, esta pergunta resgata a autoestima dos analistas, tão habituados a ficar sem palavras ante a arrogância da ciência. Segundo Lacan, é a psicanálise que coloca uma questão para a ciência: poderia ela suportar a reinclusão do sujeito, que de um só golpe fundou e excluiu? A psicanálise deriva, mas não coincide com a ciência, pois resulta de uma subversão do campo pelo viés do sujeito (ALBERTI e ELIA, 2000, p. 20).

A discussão gira e se centra não apenas na pesquisa, mas na psicanálise enquanto campo de conhecimento. Giro fundamental, que reconhece como rompimento discursivo a colocação da *noção de sujeito* no cerne da pesquisa, da teoria e da prática. Elia (2000, p. 25) lembra que esta noção vem acompanhada de outra, fundamental: o inconsciente como um saber, como um novo objeto que necessita de um novo método. A resposta talvez seja tão retórica quanto fundante: o inconsciente fundamenta todo o edifício psicanalítico e a psicanálise é o único método capaz de abordá-lo.

---

[67] Safra, 1993, p. 119-132.

[68] Multiplicando os grupos e fóruns de discussão sobre pesquisa e psicanálise. Em 2011, foi organizado congresso internacional através de instituições de ensino superior interessadas na discussão psicanálise-universidade. CONLAPSA – RJ.

Quando o autor desenvolve o tema, apesar de mirar o inconsciente com as estratégias clássicas, afirma que o conhecimento produzido pela pesquisa em psicanálise tem o desafio e a vantagem de funcionar de alguma maneira como um reflexo do social. No umbigo do inconsciente está o Outro:

> O sujeito do inconsciente não é um sujeito empírico, (...) Enquanto tal, ele é sem atributos, e trata-se, na experiência analítica, de reconstruir os modos pelos quais ele construiu, sintomaticamente, a imensa floresta de valores, identificações, traços de pertinência social, política, ideológica, aspectos psicológicos etc. O sujeito do inconsciente não é, em si mesmo, pobre, rico, branco, negro, tampouco homem ou mulher. É em sua relação com a alteridade, em que para ele consistem a linguagem, a família, a sociedade, enfim, todos os elementos que Lacan denominou o Outro, que o sujeito vai sexuar-se, definir-se homem ou mulher, e definir também seus demais atributos (ELIA, 2000, p. 26).

Sem se tornar uma sociologia, a psicanálise gesta elementos para se pensar o enlace individual-social através da alteridade e dos ideais.[69] A questão quase clássica nos pareceu instigante, porém nada desenvolvemos nesta direção. De fato, a metodologia utilizada na tese está longe de responder às questões sempre abertas sobre pesquisa e psicanálise. Ousada, ela talvez peque por aproximar referenciais distintos. O intuito do capítulo é apenas apresentar os elementos de uma reflexão coletiva. Nossa tarefa restringiu-se a pensar como o inconsciente se enlaça à experiência de tatuar-se quando o discurso proferido nega a existência de sentidos outros para as tatuagens e *piercings*.

a) O inconsciente

Sobre o inconsciente diz Colette Soler (2009): "Freud inventou o dispositivo que permite interrogar o que ele nomeou...o inconsciente. Coisa bem estranha, que não responde àquele que o invoca*"*.[70] A frase indica que o inconsciente se presentifica na transferência, condição suficiente para a pesquisa em psicanálise. Por um lado, portanto, o tratamento psicanalítico dos dados foi sustentado pela resposta dos sujeitos à invocação para *fale-me de suas tatuagens*. Eles vieram e falaram. Um enlace transferencial surtiu efeito, sendo entretanto insuficiente para que eu me autorizasse a seguir adiante. Era como se as hipóteses ligadas a

[69] A presença de Baudelot e Stablet no primeiro capítulo objetivou apresentar a narrativa sociológica da transformação social atingindo os ideais de toda uma camada social e as implicações concretas desta alteração no seu aparente oposto: a experiência de si.
[70] Soler, 2009, p. 8, tradução nossa.

conflitos inconscientes fossem suposições ilegítimas e violassem o material através da análise psicanalítica.

Da bibliografia ao discurso, as motivações generalistas para tatuar-se como o amor à arte, a busca estética e variados ganhos narcísicos se somavam a entrevistas monótonas, dessubjetivadas em uma sucessão descritiva de ações pasteurizadas por um discurso pouco apropriado.

Questionamos inicialmente se a sensação de *superficialidade* não seria característica intrínseca, espécie de inibição imposta pelo coletivo de praticantes. Vimos que, como prática social, os *mods* formam um grupo empenhado em impor sua ética, valores e ordenar sua disseminação. Assim, conferir sentido às imagens poderia significar deslegitimar a *arte* e ferir a ética grupal.

Se se tratasse apenas de posturas defensivas, esperadas nos discursos individuais, elas não atravessariam horizontalmente o material. Cogitamos, então, que a ideia do corpo como único refúgio do sujeito implicaria uma desesperança, uma espécie de *miséria* subjetiva capaz de explicar a lista de causas e efeitos inconsistentes.

Outra hipótese foi pensar a dessubjetivação como efeito de uma cisão entre imagem e discurso, ato e narrativa em sujeitos para quem as marcas poderiam representar puro escoamento pulsional – experiência, entretanto, não representativa de nossa amostra.

Por fim, quem sabe as tatuagens não seriam espécies de *somatizações*, expressão maciça do psíquico no corpo, indicando menor preponderância discursiva na tramitação de conflitos psíquicos? Nem mesmo a angústia que costumeiramente interroga os sujeitos produzia efeitos.

De qualquer maneira a pergunta se mantinha: onde está o sujeito? Onde fisgar vestígios de desejo implicados no sofrimento, na repetição e no arrependimento que, apesar de recorrentes, são vistos como exceções passageiras? Qual caminho seguir para que a leitura psicanalítica não violentasse um campo para o qual não foi chamada? Onde se adensa o inconsciente?

Chegamos, assim, a uma construção plausível para processos preponderantemente investidos de libido.

Existe uma *crença* muito presente entre tatuados, uma expectativa subterrânea de que a marca configure sobre a pele um traço primordial, uma *essência de si* consistente a ponto de sustentar uma incarnação subjetiva vivida como frágil. Esta fantasia leva o sujeito a uma

imersão consciente em imagens e histórias, lembranças, antecipações de olhares significativos onde fantasmas se atualizam. A energia assim gerada é investida na marca em si e nas fantasias a respeito do olhar do Outro. Esta experiência libidinal proporciona uma espécie de autonomização da marca, que passa de objeto do olhar a sujeito de um enredo fantasmático. Esta construção se torna capaz de inverter o sonho em pesadelo, de fomentar o caráter persecutório da marca e de transformar a experiência estética em experiência subjetiva.

Pois bem, nossa proposta é aproximar esta prontidão psíquica à *ânsia desejante* (FREUD. 1921, p. 129*).* Ânsia desejante é um estado que adjetiva a configuração psíquica do *primeiro poeta épico*, o caçula da fratria da horda que, ao criar uma narrativa ficcional em que vence o pai, desdobra o confronto dual em três polos distintos, transformando a si mesmo em herói.

Nossa hipótese é que, de maneira semelhante, o fomento desta associação livre em que os jovens mergulham visando imagens, termina construindo alegorias, narrativas ficcionais de si. Nestas alegorias, o inconsciente se condensa, desloca, disfarça significantes e vozes, desvenda vestígios e cria um campo subjetivo.

O ato ficcional resultante da *ânsia desejante* atinge dimensões inesperadas no encontro com o corpo. Não só as representações cobram uma assimilação, as pulsões ativadas pela incidência corporal precisam de novos diques representacionais. Revelam-se incompletudes, bem como, à revelia do sujeito, sinais libidinais e interdições, identificações e repetições, credoras de *trabalho psíquico*.

Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana

Capítulo IV

Identificação

Avatar é uma palavra da antiga mitologia hindu, trazida ao século XXI por um filme hollywoodiano homônimo. O termo original indica as diversas incarnações de um mesmo deus ou incarnações parciais de fragmentos ou aspectos da divindade. Pois bem, verdadeiras incarnações de relações objetais perdidas: esta é mais conhecida característica da identificação.

Mais conhecida implica que a metapsicologia da identificação é multifacetada: compreende desde aspectos ligados à identificação como *processo, mecanismo* ou *produto psíquico,* às suas funções estruturantes, defensivas e sintomáticas. Um conceito cuja apreensão global é inútil e a descrição detalhada parece sempre insuficiente.

O ponto de partida será uma perspectiva histórica do conceito de identificação na obra freudiana. Foi extremamente difícil apresentar o material; esperamos que o resultado acadêmico seja tão profícuo quanto foi o processo de leitura. Antes, o primeiro passo será o preparo *cirúrgico* do campo, protegendo-o de invasões conceituais aproveitadoras. Em seguida, seguiremos a *evolução* teórica do conceito, não sem lembrar que, segundo Soler (2009, p. 3-4), o trabalho cronológico sobre um elemento pode operar uma *cisão entre nome e o dito que ele porta.* Se esta aproximação pode enfraquecer a apreensão, no âmbito acadêmico a cronologia organiza a teoria, de forma a proporcionar um solo comum.

1- Identificação: características metapsicológicas gerais

Onde se apresenta o leque de funções e consequências da identificação na obra freudiana, ressaltando-se o caráter de toda identificação como *condensação,* não apenas de traços do objeto, verdadeiro *trabalho psíquico,* que tritura o objeto para transformá-lo em eu.

A identificação, como a maior parte dos conceitos fundamentais em psicanálise, foi tematizada desde a clínica da histeria, citada nas cartas a Fliess, retomada de maneira descritiva na *Interpretação dos Sonhos* (1900), surgindo de forma explicativa nos textos metapsicológicos de 1914-15 e insuspeitadamente complexa na reordenação proposta a partir de 1921.

A metapsicologia freudiana da identificação aponta duas características desde o princípio: seu caráter ativo (o que a diferenciaria da *imitação passiva e da simpatia banal*) e a localização: a maior parte delas, especiamente as mais eficientes, localizam-se no inconsciente.

Outra característica inerente à identificação é o caráter conflitivo e ambivalente. A aproximação semântica de *cópia* deixa a falsa impressão de uma unidade singular e organizada resultante do processo. Nada mais avesso à identificação e ao psiquismo, em qualquer versão pensada por Freud. Ao contrário, há verdadeiros *complexos identificatórios*, complexos que de maneira alguma formam um todo coerente: as identificações se contradizem, fazem exigências diversas, heteróclitas e conflituais. O ego é uma instância em que representações e afetos díspares convivem; o dinamismo conflitual colore o funcionamento do aparato, sobretudo nas identificações resultantes do complexo de Édipo. Contudo, por mais conflitivas que sejam, a valência das identificações raramente aparece como egodistônicas, sendo a psicopatologia daí resultante uma construção posterior, uma organização estrutural e não efeito direto do processo – este presente em toda gama de situações psíquicas.

Como a tatuagem, a identificação pode ser compreendida como *fonte* inesgotável de traços do objeto, pontos que, dependendo do grau e da tópica da assimilação latejam, sendo capazes de moldar, selecionar e imprimir as marcas interno/externo, eu/outro na dinâmica psíquica, alterando o equilíbrio pulsional. Neste sentido, ela promove um verdadeiro arcabouço representacional através da construção de um *relicário de investimentos perdidos* construção que regula o compromisso entre ego, id e superego (LAPLANCHE; PONTALIS, 2007).

A identificação pode ser *destino* da pulsão, alterando o equilíbrio econômico através da manutenção de traços do objeto no psiquismo. O caráter conservador que preside o mecanismo terá consequências insuspeitadas. Na medida em que o ego se identifica com o objeto perdido, a pulsão pode descrever o *retorno sobre si mesmo*, um dos quatro modos de defesa contra a invasão pulsional. Este avatar pode ser o resultado do trabalho de luto normal, bem como o estopim do luto patológico. No extremo, pode se mostrar como faceta do princípio do Nirvana em sua tentativa de conservar o objeto custe o que custar, excedendo o

nível de catexias narcísicas equacionável. O retorno pulsional que caracteriza a defesa primária será interpretado a partir de 1920 como fonte de desfusão pulsional. A identificação, até este momento um processo economicamente inócuo, passa a ser focalizada por seu aspecto ora de manutenção dos níveis libidinais no interior do aparato, ora de desfusão. (DONNET, 1968; NEYRAUT, 1984; FREUD, 1923 e SILVA JUNIOR, 2003)

Na interface egoico-narcísica, a identificação se relaciona intimamente com o corpo, corpo que se presta tanto a espelhar o ego, seus desejos e conflitos, bem como a expressar o compromisso interinstâncias nas digitais do superego, forjadas pela identificação nos sintomas propriamente edípicos. Parcial ou maciça, a identificação pode corresponder à *inclusão* ou *substituição* do objeto no ego, no superego ou nas instâncias ideais, multiplicando as consequências do mecanismo.

A identificação se revela ainda uma espécie de *modus operandi* do psiquismo[71]: na mesma lógica das similaridades de forma, conteúdo ou significantes opera a *condensação* inconsciente. De certo modo, toda identificação é uma condensação, não apenas de traços do objeto, mas um verdadeiro *trabalho psíquico* que tritura o objeto para transformá-lo em eu.[72]

Por fim, é preciso abordar a *identificação primária* com todas as controvérsias que ela suscita. Está em questão a clivagem primordial, o *emprunt* mítico com o *pai da pré-história individual*, primeiro laço com o objeto antes mesmo que ele seja reconhecido enquanto tal.

2- Os Mecanismos e o surgimento do objeto

Vamos direto ao ponto: incorporar, introjetar, identificar *o quê?* Esta questão descortina o universo metapsicológico que envolve o campo: as espirais dialéticas e nem sempre transitivas da relação ego-objeto. Percorremos um longo caminho até lá, mas de acordo com nossa pesquisa, a identificação versa sempre sobre a posição do *objeto* no psiquismo. O enraizamento da identificação como elo de pertencimento simbolizante (na identificação primária) fornece pistas para a importância que Freud conferiu ao conceito: a identificação gesta uma maneira de apresentar a complexidade intrínseca à cofundação eu-outro.

> É em razão da impossibilidade de sobreviver de um modo auto-suficiente e da falta de materialização dolorosamente sentida quando da evocação alucinatória, que *o outro* se introduz na cena psíquica. Nascendo em parte de um fracasso, ele está, ao

[71] Cf. Freud, 1900, p. 325.
[72] Cf. Donnet e Pinel, 1968.

> mesmo tempo, obrigado a forçar a pessoa a reconhecer: *Eu (não) sou Tudo*, e o objeto da primeira tentativa de identificação co-constitutiva deste *Eu*, que será a partir de então o sujeito do verbo que enuncia o fantasma (MIJOLLA, 1984, tradução nossa).

No resto indigesto do que permanece não-eu, que não responde como alucinatoriamente esperado, tem início o delineamento do que chamamos *objeto.* Assim, mecanismos introjetivos como a incorporação, a identificação e a introjeção participam da inclusão e mesmo da substituição parcial ou total do objeto no aparato.

a) Canibalismo

O protótipo da identificação para Freud, de maneira veemente após suas pesquisas e das contribuições de Abraham sobre a fase oral, é o canibalismo. Strachey, na introdução de *Luto e Melancolia*, explicita que o texto visa examinar a questão da *natureza da identificação*, natureza intimamente ligada ao canibalismo e à oralidade (STRACHEY, Introdução *Luto e Melancolia*, XIV, p.239**)**. O canibalismo, seja o efetivamente praticado em alguns grupos humanos, o referido no mito científico da horda primitiva ou ainda o fantasmaticamente vivido na constituição subjetiva, resulta, para Freud, em uma identificação. Assim, somente a proposição da fase oral por volta de 1914 permite que *incorporação* e *introjeção* sejam compreendidas como protótipos da identificação ou de alguns de seus tipos, mecanismos em que o processo mental é vivido e simbolizado como uma operação corporal (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 189).

Por meio do canibalismo, citado brevemente nos *Três Ensaios* (em inclusão feita em 1914) e em *Totem e Tabu*, Freud introduz um aspecto espinhoso da identificação, um aspecto ligado à etologia, ao instinto, ao corpo, aos movimentos mais primários de sobrevivência e constituição do psiquismo: o movimento precoce e simbolizante de fusão da *cria humanoide* ao universo humano. Esta identificação-protótipo do simbólico (identificação primária) é uma das várias versões do mecanismo que, apesar de conservar o mesmo nome, abrange funções diversas. Como um caroço, a identificação, produto deste toque de Midas do psiquismo que tudo transforma em matéria única, mantém o traço da diferença entre a sutil difração eu/não-eu e eu/corpo.

Mantendo sempre no horizonte essa espécie de imantação assimilatriz do aparato, é preciso, mesmo que em linhas gerais, tentar ordenar os movimentos que dela participam: *incorporação, introjeção* e *identificação.* O próximo item é dedicado a esta tarefa.

b) Introversão e Introjeção

Introversão, conceito cunhado por Jung (1910). Freud raramente utiliza o termo e, quando o faz, refere-se ao movimento da libido em direção a objetos imaginários ou fantasmas. Jung, por sua vez, confere à introversão importância capital, a ponto de chamar a psicose de *neurose de introversão*, devido à retirada maciça da libido do mundo.

Eis um ponto a ser sublinhado: a introversão não aponta para o objeto – seu foco principal são os movimentos libidinais. Ao contrário, a introjeção trata de um mecanismo cuja função principal é posicionar o objeto no psiquismo.

A *introjeção*, trabalhada por Ferenczi, apresenta a mesma diferença de interpretação entre autores, mas tem longos desdobramentos. Este autor introduz o termo em simetria àquele da *projeção*, sendo difícil obter uma noção precisa do conceito, pois parece utilizá-lo em senso estendido de "paixão pela transferência".

> Enquanto o paranóico expulsa de seu eu as tendências que se tornaram desprazerosas, o neurótico busca a solução fazendo entrar em seu eu a maior porção possível do mundo externo, fazendo-o objeto de fantasmas inconscientes. Pode-se dar a este processo, em contraste com a projeção, o nome de introjeção. (FERENCZI 1909, apud LAPLANCHE ; PONTALIS, 2007, p.209, tradução nossa)

Já em Freud, o termo ganha relevância em *A Pulsão e seus destinos*, quando se torna correlativa da oposição prazer-desprazer na constituição primitiva do ego. A introjeção, quase sempre empregada como sinônimo de incorporação por sua característica assimilatriz e oral, deve ser mantida separada, pois seu significado é mais amplo: não se refere apenas ao interior do corpo, mas ao interior do aparelho psíquico (LAPLANCHE; PONTALIS, 2007, p. 210).

Nos outros textos: *Luto e Melancolia,*[73] *Psicologia das Massas*[74] e no próprio *A Pulsão e seus destinos,*[75] não se percebe diferença entre introjeção e identificação: as referências aparecem mais como cuidado formal do texto que como conceito separado.

[73] Freud, 1917 [1915], p. 239.
[74] Ibid., 1921, p. 102-103.

Segundo Bégoin (1984, p. 486), em Freud o modelo do mecanismo é a introjeção melancólica, quando a introjeção do objeto perdido no ego acaba por desestruturá-lo devido à impossibilidade de assimilação (FREUD, 1917 [1915], p. 247). O mecanismo, entretanto, não se limita à melancolia.

Faremos um pequeno desvio de rota para, a partir de Bégoin, observar como Klein propõe a dinâmica da introjeção do objeto. Klein focaliza o psiquismo pré-edípico onde vigoram as pulsões parciais, para onde retornam as regressões patológicas antes que cada conjunto de identificações seja transformado em uma cena fantasmática. Nesta configuração, dois obstáculos intimamente relacionados dificultam a passagem da identificação narcísica ou *projetiva* para a *introjetiva* ou secundária. Eis o primeiro: a intensidade das angústias de separação. *A impossibilidade de aceitar e simbolizar a ausência do bom objeto se acompanha de uma fixação narcísica com o mau objeto*, criando uma *relação sadomasoquista com este: no lugar de um bom objeto ausente, tem-se um perseguidor presente* (BÉGOIN, 1984, p. 486).

A segunda fonte de problemas está relacionada ao papel do objeto real no desenvolvimento. Para Bégoin, Klein é a única autora a explicitar que "as más experiências na realidade são perigosas, na medida em que reforçam o poder dos fantasmas dos maus objetos e do superego taliônico, enquanto as experiências satisfatórias na realidade reforçam os fantasmas dos bons objetos e a confiança nos bons aspectos do self" (BÉGOIN, 1984, p. 487).

Klein propõe, portanto, não a identificação, mas as consequências da introjeção dos objetos parciais como determinantes para a dinâmica psíquica precoce. Sua perspectiva acentua o aspecto fragmentário dos processos, quando cada experiência qualitativamente diferente com um objeto tem existência independente e altera a dinâmica e a economia psíquicas. E mais: Klein e Freud destacam uma correlação entre angústias de separação e a fragilidade egoica - difícil conjunção com consequências marcantes para todas as perdas posteriores.

c) Incorporação

Enquanto introjetar e identificar permitem oposições semânticas (projetar e desidentificar), incorporar é movimento de mão única. O que está incorporado nem sempre pertence ao eu e, excetuando-se qualquer espiritualismo, a *anulação* possível seria a assimilação do que foi

[75] Ibid., 1915, p. 130.

incorporado, tornando-o ego. Observa-se que incorporar é movimento *princeps*, onde qualquer diferenciação é produto ou efeito.

Laplanche & Pontalis definem a incorporação como modo fantasmático de fazer penetrar e guardar um objeto no corpo. Ela constitui um objetivo pulsional e uma relação de objeto característica do estágio oral, um modelo que pode ser vivido em outras zonas erógenas e outras funções corporais como a pele, respiração, o ânus, os genitais, visão, audição e o pênis (LAPLANCHE & PONTALIS, 2007, p. 200).

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud cita pela primeira vez a fase de pré-genital oral de organização da libido e neste momento a incorporação é descrita como *paradigma psíquico* da identificação (FREUD, 1905, p. 180).

Em *A pulsão e seus destinos*, mantém-se a ideia da incorporação como produto de uma zona erógena de contato geradora de prazer, mas o conceito é alçado à categoria de relação objetal, como *etapa do amar*, *tendência motora* pré-ambivalente (FREUD, 1915, p. 99). A partir de 1920, na proposta da nova dualidade pulsional, a incorporação terá três acentos sublinhados: prazer de incorporar o objeto, de destruir o objeto e de, ao assimilar suas qualidades, alterar perigosamente o equilíbrio econômico do aparato.

3- O conceito de Identificação em Freud

Este subitem inteiro tem o objetivo de rastrear os modos e funções do conceito de identificação nos textos mais relevantes de Freud que abordam o tema. Não realizamos uma seleção, não propusemos uma análise que nos auxiliasse nos capítulos que se seguem, simplesmente ensaiamos detectar as filigranas dos processos que compõem o conceito. A partir deste detalhamento ostensivo, eventualmente propusemos fios de ligação, estendemos algum sentido, sem maiores pretensões.

a) Cartas à Fliess e A Interpretação dos Sonhos (1900)

Na obra freudiana, uma das primeiras aparições do termo se encontra na carta a Fliess, de 17/12/1896. Nesta, Freud propõe que a agorafobia se origina de uma identificação com prostitutas:

> Assim o que eu havia suposto há muito tempo sobre o mecanismo da agorafobia em mulheres está confirmado. Você adivinhará sem dúvida se pensar nas mulheres "públicas". É o recalcamento da intenção de ir procurar nas ruas o primeiro passante: vontade ligada à prostituição e identificação (Freud, 1896, p. 277, tradução nossa)[76]

O sintoma, formação reativa ao desejo, está sustentado por uma identificação. Nada de cópia ou imitação: a identificação aparece como modo de expressar um desejo, como camuflagem.

Em 2/5/1897, Freud envia a Fliess o *Manuscrito L,* no qual a identificação aparece em quatro momentos. Os dois primeiros se referem aos casos de um rapaz e de uma moça que copiavam, o primeiro o humor depressivo do pai e a outra, a inibição da mãe. Freud atribui esta identificação com o sintoma como o *principal conteúdo da neurose* (FREUD, 1897, p. 304-306). O terceiro versa sobre uma *justiça trágica*, quando, por identificação com a empregada da casa, uma menina se bombardeia de autoacusações[77], o que sublinharia a identificação não com o sintoma, mas com um ponto comum desejante que uniria a pequena patroa à empregada, a saber, o desejo pelo pai. A quarta e última referência é uma frase solta, mas não menos importante: *a identificação talvez autorize a falar literalmente de pluralidade de pessoas psíquicas*. Estes exemplos, simplesmente citados, representam um precoce panorama das funções assumidas pela identificação na aurora da teoria psicanalítica.

Dois anos depois, com *A Interpretação dos Sonhos* terminada, Freud faz uma importante indicação na carta 125, de 9/12/1899. Diz ele: "a histeria é haloerótica, sua principal via é a identificação com a pessoa amada. A paranóia torna a dissolver a identificação, reestabelece todas as pessoas amadas da infância que tinham sido abandonadas e cinde o eu em pessoas estrangeiras".[78] O foco nas diferenças dinâmicas da psicopatologia mostra que o mecanismo da identificação se apresenta como algo inacabado e aberto. Os traços do objeto são peças de um *puzzle* complexo, onde os encaixes se configuram segundo agrupamentos pulsionais, aceitando ordenações, junções, transformações ou fragmentações.

---

[76] Todas as referências à obra *Sigmund Freud: Lettres À Wilhein Fliess*, 1887-1904, de Freud, são tradução nossa.

[77] Segundo Freud, esta identificação da pequena burguesa com a empregada da casa, que usualmente mantinha relações sexuais seja com o patrão, seja com os filhos homens, coloca em ato uma "justiça trágica". Note-se a permeabilidade da fronteira egoica: a menina se confunde com a serviçal, recriminando-se como se ela mesma tivesse cometido o ato.

[78] Cf. Freud, 1899, Vol.I, p. 322. Uma nota de rodapé remete ao texto sobre Schreber: "a paranóia fragmenta, assim como a histeria condensa. Ou melhor, a paranóia volta a dissolver as condensações e identificações empreendidas na fantasia inconsciente". A identificação sofre um trabalho posterior empreendido pelo narcisismo, vínculos que se desfazem na patologia narcísica.

Antes de 1900, portanto, a identificação compreendia manisfestações de expressão de um desejo, da pluralidade de pessoas psíquicas, da imitação do sintoma histérico, participava diferentemente em quadros nosográficos e era um mecanismo aberto. Neste período, todo arsenal teórico-clínico freudiano está voltado para as manifestações inconscientes de ordem sexual. Assim, as menções à identificação privilegiam identificações pós-edípicas, ligadas aos sintomas histéricos e à formação onírica.

Em *A Interpretação dos sonhos* (1900), nova abertura: Freud aborda a identificação na interface sonho-sintoma através da análise do sonho da *Bela Açougueira*[79] e também como mecanismo coadjuvante da *condensação.*

Ao descrever a figurabilidade no sonho, Freud aproxima a identificação ao *modus operandi* inconsciente:

> Entre as relações lógicas, apenas uma é extremamente favorecida pelo mecanismo de formação do sonho. É a relação de semelhança, de concordância, o contato, o "*como se*", que nos sonhos pode aparecer de diversas maneiras. (...) *Semelhança, concordância, comunidade* são figuradas no sonho em todos os casos pela reunião em uma *unidade* que já estava no material onírico (e que...) podemos chamar de *identificação.*[80]

Desde a identificação do eu do sonhador com outros personagens até a composição irreconhecível de personagens por características comuns, os processos de identificação e condensação agem conjuntamente e sustentam – enquanto estratégia de figurabilidade – o desenho de um aparato conservador e desejante (FREUD, 1900, p. 325-328).

Na apresentação do sonho da *Bela Açougueira*, a identificação refere-se ao sonho e ao sintoma de maneira semelhante: uma identificação – parcial – que se expressa em uma renúncia. Freud pretende convencer paciente e leitor de que a não realização de um desejo (de oferecer o jantar e de comer caviar) representa a realização de outro – de manter não realizado o desejo da amiga de engordar e fazer-se mais atraente aos olhos de seu marido. Freud sustenta que a única interpretação para que a sonhadora se imponha esta *abstinência* é sua *identificação* com a amiga.

Neste contexto, Freud propõe a *identificação histérica*. A identificação...

---

[79] Freud, 1900, vol IV, p. 164-169.
[80] Ibid., p. 325, grifos e tradução nossa.

> (...) é um aspecto extremamente importante para o mecanismo dos sintomas histéricos, é o fundamento da imitação presente nestes sintomas e o caminho pelo qual os enfermos expressam as vivências de toda uma série de pessoas, como se padecessem por um grupo de homens e representassem sozinhos todos os papéis de um drama. (FREUD, 1900, p. 167, tradução nossa).

Como está, diz Freud, a afirmativa constitui apenas uma descrição sem efeito para a compreensão do ato psíquico. Este ato, na verdade, apresenta um *ato inconsciente de pensamento*. Tal qual o exemplo do *contágio* no hospital feminino, o sonho demonstra que...

> (...) a identificação não é uma simples imitação, mas a apropriação fundada sobre a pretensão de uma etiologia comum; ela expressa um *tudo como se* e se refere a um elemento comum que permanece inconsciente, usada com frequência na histeria para expressar uma comunidade sexual (FREUD, 1900, p. 168, tradução nossa).

O avanço está no destaque dado ao elemento inconsciente de ordem sexual que liga a experiência desejante destas mulheres – ou melhor, está em encontrar um mecanismo que sustente em vigília a estruturação do aparato anímico desejante.

Voltemos à *Bela Açougueira*. Freud não detalha este aspecto, mas o mecanismo que se apresenta no sonho não é o mesmo encontrado no sintoma de manter insatisfeito o desejo de comer caviar. No sintoma observa-se uma função diversa: a paciente atua por identificação, porém inflige a si mesma a privação que desejou para a amiga. Esta última pequena reviravolta anuncia um desenvolvimento fundamental presente em *Luto e Melancolia* (1917 [1915]): ao assimilar o objeto, o ego fica sujeito a intervenções superegoicas, *como se* fosse ele mesmo o objeto. Vale registrar que o caso da *Bela Açougueira* parece se aproximar mais com o da menina histérica que se autodenigre, identificando-se com a empregada, do que com as jovens do hospital.

Outro ponto a ressaltar é que o *elemento comum* na identificação abordada por Freud neste momento, não é apenas um desejo, mas a configuração de uma *cena desejante* (LAPLANCHE; PONTALIS, 2007, p. 188). Estendendo o mecanismo da formação onírica para o mecanismo em geral, tem-se que cada personagem é, em si, uma composição fantasmática. Aspecto marcante na histeria, esta cena mantém a densidade libidinal de cada personagem, sendo cada um encobridor de um ou mais traços que remetem a desejos multifacetados. Na *Interpretação dos Sonhos*, a dinâmica da identificação resulta do deslocamento e da condensação necessários para a expressão dos desejos infantis frente à censura onírica. Freud se aproxima desta multiplicidade ao afirmar que o sonho e *outras*

formações psicopatológicas admitem duplo sentido e são a expressão provável dos inúmeros desejos que os compõem (FREUD, 1900, p. 167).

Donnet e Pinel (1968) afirmam que, nessas descrições, Freud descreve duas tópicas inconscientes – uma ligada ao sonho e outra ao sintoma – e se perguntam se a proposição estaria assim formulada devido à precariedade da compreensão metapsicológica do ego instância. Os autores propõem, entretanto, que as ambiguidades apontam para diferenças entre o mecanismo em ação no processo primário (funcionamento inconsciente ligado ao id e à condensação onírica) e no secundário (evitação sintomática do caviar pela Bela Açougueira), hiato que conteria em esboço a hipótese da *identificação* primária.

Em momentos de prevalência do processo primário, a identificação possibilita que a castração incida sobre um aspecto do desejo, enquanto outro sai vitorioso em seu ganho de prazer. Se através da identificação o psiquismo consegue manter uma cota de prazer, burlando a castração, qual o mecanismo virá limitar a *festa*?

b) *Luto e melancolia* e as contribuições metapsicológicas de 1914-15

As indicações sobre a identificação até este momento da obra eram, como visto, condensadas e sua importância sobretudo descritiva. Alain de Mijolla (2002, p. 811) comenta que "o passo principal da caracterização do conceito de identificação foi dado com *Luto e melancolia*, quando Freud faz dela um processo integrado na história dos laços libidinais que se tecem entre o ego e o outro ou mesmo no interior do próprio sujeito".

Strachey é mais específico e contextualiza o conceito: "o que permitiu a Freud reabrir o tema foi a introdução dos conceitos de narcisismo e de ideal de eu". Pois bem, para entender *Luto e melancolia,* "extensão do trabalho sobre o narcisismo escrito um ano antes" Strachey (Introdução *Luto e Melancolia,* p.239), é incontornável considerar os aportes metapsicológicos presentes, sobretudo, na *Introdução ao Narcisismo* (1914) e em *A Pulsão e seus destinos* (1915) – textos que têm por base a teoria da libido.

Vejamos alguns pontos de contato. Observando a definição de *narcisismo,* Freud a descreve como destino privilegiado para onde retornam os investimentos abandonados (FREUD, 1914, p. 73). Bem, há duas substituições esclarecedoras: se substituirmos *narcisismo* por *si mesmo*, o referido *retorno* se tornará uma das primitivas defesas contra a invasão pulsional: o retorno

sobre si mesmo (*A Pulsão e seus destinos*). Se substituído por *ego*, a dinâmica e as consequências deste *retorno* são as principais questões de *Luto e Melancolia*.

Outra coincidência entre o primeiro texto e *Luto e Melancolia* é a pergunta que os perpassa de modo algo diferente: como explicar o aparecimento da megalomania na esquizofrenia e da mania pós-melancólica (FREUD, 1915). Ambas apontam para a metapsicologia da teoria da libido e a insipiente compreensão da formação do ego.

Neste momento da obra, as instâncias ego e superego estão em processo de construção, com maior ou menor grau de diferenciação, cisões ou falhas, partícipes de um jogo complexo de interações dinâmicas. Na procura de teorizar a neurose narcísica e o ego, Freud se depara com o complexo estatuto metapsicológico do *objeto*. A *posição do objeto*, colocado ora entre ego e realidade e ora entre ego e instância moral/ideal estará presente, deste texto em diante, no conceito de identificação. No estudo da identificação, *Luto e Melancolia* articula o conceito à teoria da libido, descrevendo a *identificação narcísica* e interrogando as *neuroses narcísicas*, propondo olhar, *através da melancolia, para a constituição íntima do eu* (FREUD, 1917 [1915], p. 245). Desde então, nos principais trabalhos onde se pode estudar a visão freudiana da identificação: *Luto e Melancolia, Psicologia das Massas* e *O Eu e o Isso*, encontra-se, surpreendentemente, não apenas o ego, mas a relação ego, superego, objeto e identificação.

Em 1914-1915, as explicações sobre o mecanismo da melancolia se baseiam na analogia com o processo de luto. Cotejando ponto a ponto ambos os processos, Freud indica reações do psiquismo à perda objetal, da reação *normal* à patológica e localiza um ponto de junção: a identificação. A identificação aparece como ponto final do processo de luto e marco inicial da melancolia. Onde está a diferença?

Em *Luto e Melancolia*, Freud descreve a identificação como *etapa prévia à eleição do objeto e como primeiro modo, ambivalente em sua expressão, como o eu distingue um objeto*. O confronto fundante id-realidade desencadeia a tendência, predominante na identificação, de *incorporação por devoramento, de acordo com a fase oral do desenvolvimento libidinal*, que *a posteriori* indicará o objeto (FREUD, 1917 [1915], p. 247). Esta nova definição, contudo, foi forjada para explicar a maciça regressão do investimento objetal à identificação na melancolia, momento em que Freud se deparava com o enigma do ego através das neuroses narcísicas.

Nesta primeira etapa, não há nenhuma diferença: a primitiva voracidade oral ou, em Ferenczi, a tendência egoica de alargar as próprias fronteiras via introjeção, têm resultados semelhantes.

A especificidade da patologia ligada à perda do objeto se encontra na perda de um objeto *investido narcisicamente* (MIJOLLA, 2002, p. 811).

Vamos seguir esta pista. Em *A Introdução ao Narcisismo*, Freud (1914, p. 87) define como escolha *narcísica* de objeto, a escolha objetal moldada segundo o próprio ego: *algo que ele é, foi ou gostaria de ser.* Tal como está, a descrição indica que o *ego* molda o investimento libidinal.[81] Na frase de Mijolla, ao contrário, *narcísico* aparece como qualidade do investimento libidinal, sem morada no ego ou no objeto. Tentar delimitar é exatamente o "x" da questão: a qualidade *narcísica* indica que ego e objeto não se diferenciaram claramente e a insuficiente diferenciação torna-se a marca que cunhará a dinâmica psíquica e as escolhas posteriores. Descortina-se, assim, outra perspectiva do narcisismo: Narciso não apenas se apaixona por seu reflexo, ele está fadado a amar tudo que se lhe assemelhe; qualquer objeto é inoculado pelo *mesmo* que se adensa, destaca e autonomiza, consumindo o ego neste fascínio mortífero.

Este tipo de *vínculo objetal* é caracterizado pela *forte fixação* aliada à *escassa resistência do investimento* (FREUD, 1917 [1915], p. 247). Tal configuração *sui generis* força a regressão maciça do investimento libidinal à *identificação narcísica* e explica o caráter necessário do objeto para a sobrevivência do ego e as sérias consequências que sua perda pode implicar:

> Seguindo a analogia com o luto, deveríamos inferir que ele (melancólico) sofreu uma perda no objeto; no entanto, de suas declarações surge uma perda em seu eu (...) Não há dificuldade alguma em reconstruir o processo. Houve uma eleição de objeto, uma ligação da libido com uma pessoa determinada; por obra de um afrontamento real ou um desengano (...) o vínculo fica estremecido. O resultado não foi o normal, que teria sido a retirada da libido deste objeto e seu deslocamento para um novo. (...) O investimento de objeto resultou pouco resistente e foi cancelado, mas a libido livre não se deslocou para outro objeto, mas voltou para o eu. Porém ali não encontrou nenhum outro uso, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do eu com o objeto abandonado (FREUD, 1917 [1915], p. 245-246, tradução nossa).

Vê-se que, como apontado, na melancolia o retorno libidinal não fortalece o ego como objeto de amor. Imagem poética, porém inquietante: o ego desaparece sob a sombra do objeto:

> A sombra do objeto caiu sobre o eu, que, em seguida, pode ser julgado por uma instância particular como um objeto, como o objeto abandonado. Desta maneira, a perda de objeto teve que se transformar em uma perda do eu e o conflito entre o eu e

[81] Laplanche e Pontalis (1992) avaliam que a identificação está ligada à escolha de objeto narcísica, que se apoia ora no objeto externo como modelo e ora no modelo interno, que elege o precedente.

> a pessoa amada, em uma bipartição entre eu crítico e o eu alterado por identificação (FREUD, 1917 [1915], p. 246-247, tradução nossa).

A causa desta regressão é a identificação narcísica, capaz de – pelas características do investimento citadas – centrifugar o investimento amoroso levando o objeto a ocupar um lugar na tópica, bem como de apagar a necessária e fluida dialética entre *ser* e *ter* o objeto (FREUD, ano. p. 247-248).

Neste artigo, Freud estabelece a anterioridade da identificação narcísica em relação à histérica, postulada em *A interpretação dos Sonhos*, bem como sua importância como condição para a melancolia. Mesmo propenso a estabelecer este funcionamento como exclusivo da melancolia, Freud se vê obrigado a admitir que as identificações com o objeto não são raras nas neuroses de transferência, e constituem um conhecido mecanismo de formação do sintoma.

> Porém, temos direito a diferenciar a identificação narcísica da histérica porque na primeira se abandona o investimento objetal, enquanto que na segunda este persiste e exterioriza um efeito que habitualmente está circunscrito a certas ações e inervações singulares. De qualquer modo, também nas neuroses de transferência a identificação expressa uma comunidade que pode significar amor. A identificação narcísica é mais originária e nos abre a compreensão da histérica, menos estudada (FREUD, 1917 [1915], p. 248, tradução nossa).

O detalhamento sucessivo da identificação é sempre tênue, mas vale reter que *a identificação expressa uma comunidade que pode significar amor*. Este elemento não se alterará e talvez perpasse as indicações futuras do conceito.

Um último detalhe. Quando Freud indica a participação da *ambivalência*[82] na eclosão da melancolia, é preciso considerar que a força relativa entre ego e superego ocupa um papel dinâmico fundamental: *a consciência moral pode adoecer sozinha*[83]. Neste sentido, Assoun (2009)[84] sublinha que a coesão dinâmica e econômica do ego será o fiel da balança entre a manutenção total ou parcial, entre a *assimilação* ou *substituição* do objeto no ego (DONNET; PINEL, 1968).

---

[82] Cf. Freud, 1917 [1915], vol. XIV, p. 248-249, tradução nossa.
[83] Ibid., p. 245.
[84] Assoun destaca a noção de falha narcísica e insiste que não se desconsidere que seu emprego está restrito à melancolia.

c) Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921)

> Há uns 10 anos, no carro com os vidros abertos, um garoto de 12-13 anos, com um caco de vidro, gritava e exigia que eu passasse minha bolsa. Tive tempo apenas para olhar para ele, por cima dos óculos escuros, quando ele perguntou: *Qual a cor dos seus olhos*? Respondi sem entender: *Cinza.* Ele comenta: *Iguais aos meus!* e se vai. (experiência pessoal)

Em 1921, Freud dedica um capítulo do livro *Psicologia das massas e análise do ego* à identificação. Por que o mais extenso tratamento metapsicológico dado ao conceito aparece neste texto? Nosso intuito é, ao refletir sobre esta pergunta, observar que a ampliação e ordenação do conceito respondem aos novos desafios da teoria e de uma época.

O capítulo VII do referido livro é nomeado *A Identificação* e começa assim, com tom de obviedade irrefutável: "a psicanálise conhece a identificação como a mais precoce exteriorização de uma ligação afetiva com outra pessoa" algo, entretanto, nunca antes formulado nestes termos (FREUD, 1921, p. 99). A ênfase na *exteriorização* aparentemente nos aproximaria do aspecto perceptual da identificação. Contudo, vejamos. A exteriorização se refere a um mecanismo psíquico inconsciente, o que indica que Freud não objetiva as manifestações afetivas dos comportamentos de apego ou as imitações infantis, mas as ligações inconscientes cuja emergência são, até então, fruto da observação analítica ou psicopatológica.[85] Trata-se, portanto, como ressalta Freud, de pensar a natureza destas ligações afetivas inconscientes, os objetos precocemente assimilados, segundo uma modalidade oral e profundamente ambivalente. Pois bem, é provável que a frase afirmativa, direta e original que abre o capítulo, tenha como objetivo pavimentar o salto planejado nos capítulos anteriores. O livro é subdividido em 12 capítulos, dos quais nos ocuparemos seletivamente e com um foco muito claro: o recorte da identificação.

Após descrição detalhada da *vida anímica coletiva* através de Le Bon e McDougall (cap. II e III), Freud aponta que o *fenômeno mais notável e importante* é o incremento de afetividade observado nas massas. Este incremento é assim descrito: "Na verdade é uma sensação gozosa para seus membros, entregar-se assim, sem barreiras, a suas paixões, e desse modo confundir-se com a massa, perder o sentimento de sua individualidade" (FREUD, 1921, p. 80). A

[85] A exteriorização é ponto problemático que retorna na última nota de rodapé do capítulo, indicando que Freud ainda deseja esclarecer sob quais formas se pode perceber uma identificação. Cf. Freud, 1921, p. 104). O encadeamento sequencial do texto nos leva a pensar que a exteriorização possível da identificação, neste momento, é a restrição da agressividade para com a pessoa a quem o sujeito se identifica.

explicação psicológica para esta mudança anímica e para a inibição do pensamento é buscada na psicologia individual e na teoria da libido.

No capítulo IV, Freud dá o golpe de mestre: transporta o leitor da noção conhecida de *sugestão* até os controversos *vínculos amorosos libidinais*, segundo ele, únicos elementos capazes de explicar o poder de coesão e o grau de renúncia narcísica que a psique individual suporta na massa. Em seguida, com a descrição de grupos como a Igreja e o Exército (cap.V), prepara-se a compreensão de dois focos libidinais: o laço ao condutor e o laço entre os indivíduos. Passo a passo, o autor molda e aproxima, em um campo quase exclusivamente sociológico, conceitos estritamente psicanalíticos.

O capítulo VI é crucial. Para estabelecer a importância dos vínculos libidinais na massa e manter as conquistas da pesquisa psicanalítica estabelecidas com a pulsão de morte e o narcisismo, a oposição entre narcisismo e relação objetal ganha caráter explicativo frente à incompreensível homogeneização dessexualizada vigente na massa. Assim, para que a proposta da identificação enquanto *mecanismo de ligação afetiva* seja coerente, é preciso tomá-la como *investimento objetal de meta inibida*, ou seja, pareá-la a um investimento objetal. Este é um dos pontos que sempre será importante na abordagem da identificação. Sob a própria pena freudiana, a identificação tanto propulsiona o investimento objetal, representando uma tendência narcísica inata de mimetismo, quanto age como processo anímico genético cuja função é moldar o ego (proposição-base da identificação primária), ou ainda, em outros momentos, torna-se resultado - produto deste mesmo investimento abandonado (identificação com um traço do objeto).

Esta proposição a meio termo, a saber, identificação – investimento objetal– pode ter outro objetivo. A ideia de *amor* sempre foi analisada por Freud com grande reserva, beirando a desconfiança. Entretanto, foi esta ideia que abriu as portas para postular a relação pulsional na massa. A identificação proposta neste *entre*, nesta fronteira do investimento sem, contudo, levar a cabo a meta da satisfação direta, servirá como atestação do laço afetivo/pulsional inconsciente, fonte da qual nasceriam as possibilidades tanto da empatia, quanto do enamoramento.

O capítulo VII, porém, vai muito além desta estratégia. Freud propõe uma conhecida divisão em três dimensões da identificação: identificação mais precoce ou originária e a sintomática – ordenada segundo outros dois tipos: a identificação com um traço do objeto e aquela que se baseia no processo da psicologia de grupo (FREUD, 1921, p. 100-101).

A primeira delas é a identificação que desempenha um *papel na pré-história do complexo de* Édipo (FREUD, 1921, p. 99). Refere-se a uma identificação imediata, anterior a qualquer relação objetal, oral e profundamente ambivalente. Na descrição aparece como ligação ao *pai*, dado que Freud descreve o Édipo do menino, onde esta primeira identificação poderá se modificar segundo o complexo positivo ou invertido, sem ainda o acento *primário* que ganhará em 1923. No caminho da *unificação anímica*, encontra-se a descrição clássica da diferença entre identificação e eleição de objeto. Diz Freud:

> No primeiro caso o pai é o que um queria *ser*, no segundo, o que um gostaria de *ter*. A diferença depende, então, de que a ligação recaia no sujeito ou no objeto do eu (FREUD, 1921, p. 100, tradução nossa).[86]

A primeira das identificações é *possível antes de toda eleição sexual de objeto.* Com dificuldade de apresentar essa diferença, Freud ressalta que o que "se percebe é que esta identificação aspira a configurar o eu próprio à semelhança do outro, tomado como "modelo"" (FREUD, 1921, p. 100).

O próximo passo será elucidar a identificação presente *na formação neurótica do sintoma*. Freud toma três exemplos, ensaia interpretações possíveis e transforma os dois primeiros em uma única categoria do conceito. No primeiro, uma menina imita a tosse da mãe. Ele interpreta que esta identificação se realiza em conformidade com o complexo de Édipo: uma moção hostil em relação à mãe, o desejo de substituí-la junto ao pai e a substituição que ocorre sob os auspícios da culpa. Pode acontecer ainda que o sintoma copiado seja o mesmo – não do rival – mas da pessoa amada. Neste segundo tipo de formação do sintoma, ocorre que "a identificação substitui a eleição objetal; a eleição do objeto regride até a identificação pela via regressiva" (FREUD, 1921). Clássica pelo exemplo da tosse de Dora e famosa pela retomada por Lacan, *"esta identificação parcial limita-se a tomar emprestado um único traço da pessoa-objeto"*. Mecanismo-chave do luto, fruto da resolução edípica e estandarte do princípio anímico no qual o aparato jamais renuncia a um prazer obtido[87] esta subdivisão é o segundo modelo delineado por Freud.

---

[86] A diferença entre *ser* e *ter* só faz sentido na lógica edípica. Em personalidades mais narcísicas, a separação *querer ser* (ideal) e *querer ter* (objeto) é precária para ordenar os investimentos e suas consequências.

[87] Sem o intuito de uma busca exaustiva, nas leituras feitas para este trabalho, recuperamos quatro textos onde Freud reforça este princípio maior: *Introducción del Narcisismo* (adesividade libido, 1914, p. 90), El *creador literario y el fantaseo* (1908 [1907], p.128), *El chiste e su relación con el inconciente* (1905/121) e *Duelo y Melancolía* (1917 [1915]/242).

Por fim, "o terceiro caso de formação de sintoma", particularmente importante no texto em questão, é a "identificação que prescinde por completo da relação de objeto com a pessoa copiada". É aquela em que o sintoma se forma pela "suposição de uma mesma etiologia, quando um ego reconhece no outro um ponto comum e a identificação recai sobre um poder ou querer colocar-se na mesma situação. (...) A identificação pelo sintoma passa a ser assim o indício de um ponto de coincidência entre os "eus" que deve ser mantido recalcado" (FREUD, 1921). Este é o mecanismo fundamental para a compreensão da psicologia das massas, onde o laço se funda sobre uma mesma qualidade de ligação ao condutor. Ponto fundamental entre as identificações sintomáticas descritas, esta também sofre a "influência do sentimento de culpa e todas aceitam, portanto, a semelhança pelo sofrimento*"* (FREUD, 1921, p. 101).

À parte o avanço teórico na descrição da identificação, o ponto central desenvolvido no capítulo é a relação da identificação, não mais sinônimo do investimento objetal, mas etapa *anterior* e *transitiva* da ligação libidinal a um objeto. Será o *enamoramento* pelo condutor e a *identificação* entre os pares calcada na necessidade de manter este amor, o principal motivo a submeter os *animais de horda* que compõem a massa, a recalcar impulsos hostis e produzir em seu lugar a formação reativa de uma igualdade, de uma irmandade: "o sentimento social se baseia, pois, na mudança de um sentimento inicial hostil em uma ligação de cunho positivo, da índole de uma identificação" (FREUD, 1921, p. 115).

Por fim, há um ponto que Freud retoma no último parágrafo do capítulo VII que levará a desdobramentos insuspeitáveis. Diz ele: antes de finalizar a compreensão da organização libidinal de uma massa, deve-se considerar "algumas relações recíprocas entre objeto e ego" dentre as quais ele inclui a identificação, o enamoramento e a hipnose (FREUD, 1921, p. 104). Passa-se, então, à tópica.

É assim que, no capítulo VIII, *Enamoramiento e Hipnosis*, Freud, em formulações sucessivas, começa por descrever que o objeto na identificação enriquece o ego e que no enamoramento o empobrece. Insatisfeito, reformula dizendo que na identificação o objeto foi perdido e posteriormente erigido dentro do eu, enquanto no enamoramento ele foi mantido e sobreinvestido às custas do eu. Ainda insatisfeito, questiona se haveria uma identificação sem perda do objeto. Volteia e afirma que "em sua essência esta resposta está contida em outra alternativa: que o objeto se coloque no lugar do ego ou do superego" (FREUD, 1921, p. 108). O grau de enamoramento hipnótico em que entram os indivíduos quando partícipes de uma massa, a seriedade da regressão a uma *atitude passiva-masoquista* capaz de reavivar a herança arcaica do pai da horda primitiva, são alguns dos elementos que, segundo Freud, denunciam

um retorno do recalcado que dota a formação de massa e a hipnose de um caráter inquietante (FREUD, 1921, p. 121).

A destruição avassaladora das conquistas individuais observadas no fenômeno de massa é considerada inquietante. A potência do vínculo libidinal amoroso voltado ao condutor divide, no texto em questão, a atenção com os vínculos entre os pares. Estes praticamente se submetem àquele, porém, a construção da identificação sustenta a engrenagem, mantendo a dicotomia incontornável: em uma ponta a estranha *sensação gozosa* de *confundir-se com a massa* e na outra a capacidade de refrear os impulsos agressivos e narcísicos, possibilitando o laço social.

Neste breve resumo, é reconhecível o esforço de descrição metapsicológica realizado por Freud: ele ressalta o aspecto *econômico* da identificação através da teoria libidinal individual e sua extrapolação para a teoria social; o *tópico* nas indicações das interrelações ego-objeto-superego e o *dinâmico* na onipresente reversibilidade identificação - investimento, esta última dependente dos organizadores narcísico e, sobretudo, edípico. Contudo, o Apêndice prepara a discussão metapsicológica mais importante do período pós 1920 – o funcionamento do superego.

A transformação da característica da realização direta das pulsões para a construção de metas inibidas sugere a necessidade da participação do superego. Vejamos.

"A substituição das aspirações sexuais diretas pelas de meta inibida promove (...) a separação entre eu e ideal de eu (superego)" (FREUD, 1921, p. 135). Esta afirmação remete a uma questão deixada em aberto em dois momentos do texto, referentes à variabilidade da distância entre ego e superego. No primeiro, Freud afirma que "o distanciamento eu - ideal de eu varia segundo indivíduo e para muitos esta diferenciação interior do eu não avançou muito se comparado a uma criança" (FREUD, 1921, p. 104). Na segunda passagem ele reafirma: "em alguns indivíduos a distância ego-superego não chegou muito longe, ambos coincidem e o eu conservou com frequência sua antiga vaidade narcísica" (FREUD, 1921, p. 122). No entanto, a indicação citada não apenas responde a questão, como será destacada por Strachey como a segunda principal contribuição de *O Ego e o Id* (Freud, 1923): "Freud nos mostra que o superego deriva das transformações dos primeiros investimentos de objeto da criança em identificações: ocupa o lugar do complexo de Édipo". (STRACHEY, 1923, p.10).

Temos assim desenhado um outro papel fundamental da identificação: as identificações – que deram origem às relações de objeto pré-edípicas e que conjugam sem qualquer conflito

moções pulsionais variadas a objetos variados – passarão por uma *reordenação*, após a qual algumas moções diretas terão sua meta recalcada e seu objeto "abandonado" e introjetado, enquanto outras – igualmente recalcadas quanto à meta – servirão de modelo para as próximas escolhas objetais.

d) O Ego e o Id (1923)

> Este texto contém a exposição, a mais detalhada da obra freudiana, do complexo de Édipo em sua forma "completa", "positiva" e "negativa", através da perspectiva da identificação à luz do superego (ASSOUN, 2009, p. 815, tradução nossa).

A insuficiente divisão da psique em consciente e inconsciente e a nova proposição tripartite do aparato organizam uma das *últimas obras teóricas* de Freud (STRACHEY, 1923, p. 10). Este artigo tão importante será, contudo, ordenado seletivamente, seguindo novamente elementos que tornem compreensível a proposta freudiana sobre o papel da identificação.

"Também uma parte do eu, Deus sabe quão importante, pode ser o inconsciente" (STRACHEY, 1923, p. 4). Disfarce cínico para certo inatismo ou signo da origem mítica e ficcional da assertiva? Seja como for, ao lançar nova luz sobre as estruturas de origem, impõe-se um raciocínio que leva à proposição de um inconsciente primário, ao qual Freud dá o nome de *Isso psíquico, inconsciente e desconhecido*[88] e outro dele decorrente, onde pulsam as identificações. No curso da diferenciação progressiva destas estruturas, Freud se servirá das identificações em dois momentos cruciais: o primeiro para explicitar a formação do caráter do ego e o outro para apontar o mecanismo que está na origem do superego.

As consequências de um modelo

Antes das novas proposições, Freud retoma a dinâmica e as consequências da identificação em uma espécie de ensaio para o novo desenho do aparato e da teoria da libido. Vejamos resumidamente.

> Se um tal objeto sexual é abandonado (...), não é raro que em troca sobrevenha uma alteração no eu, que é preciso descrever como a ereção do objeto no eu como na

[88] Freud, 1923, p. 25.

> melancolia, todavia não nos resultam familiares as circunstâncias desta substituição. (FREUD, 1923, p. 31, tradução nossa)

A retomada do assunto reacende a insatisfação de Freud na apreensão do mecanismo; porém, apesar da *pouca familiaridade*, o autor levanta hipóteses dinâmicas importantes, não necessariamente novas, e lista consequências:

1- A identificação talvez seja o mecanismo egoico que, mediante a regressão à fase oral e a introjeção, possibilita o abandono do objeto, condição pela qual o id abandonaria seus objetos.
2- O caráter do eu forma-se com a sedimentação de investimentos objetais abandonados e contém a história destas eleições de objeto (1923, p. 31).
3- Cabe considerar a simultaneidade entre identificação e investimento, ou seja, a ocorrência de uma alteração de caráter antes que o objeto seja abandonado, que poderá sobreviver ao vínculo e, em certo sentido, conservá-lo (1923, p. 32).
4- A transposição da eleição erótica em alteração egoica é um caminho que permite ao ego controlar o id e aprofundar seus vínculos com ele, às custas de grande docilidade frente às suas exigências. Dessa forma, o ego se impõe como objeto de amor, busca reparar a perda do id, mas permanece em certa medida submetido às suas ingerências (1923, p. 32).[89]
5- A transposição de libido objetal em egoica leva ao abandono das metas sexuais e à dessexualização, uma espécie de sublimação que tem por consequência certa dose de desfusão pulsional (1923, p. 32,46 e 55).

Estes itens participam da compreensão metapsicológica da nova versão do aparato, onde a identificação, como se vê, ocupa um papel fundamental.

A formação do caráter

Visando explicitar o desdobramento de uma instância em outra, Freud revisita as contribuições de *Luto e Melancolia* e admite que a ocorrência da identificação quando da perda do objeto é muito superior ao que se sabia naquele momento:

> A suposição de que um objeto perdido volta a se erigir dentro do eu, vale dizer, um investimento de objeto é substituído por uma identificação (...) participa em

[89] Ideia já presente em *Luto e Melancolia*.

> considerável medida da conformação do ego e contribui essencialmente para produzir seu caráter (FREUD, 1917 [1915], p. 30-31, tradução nossa).

O que Freud quer dizer com *caráter*? Em *A Predisposição à Neurose Obsessiva*, ele afirma que *no desenvolvimento do caráter se tropeça com as mesmas forças pulsionais em jogo na neurose* e especifica:

> No caráter falta o que é peculiar nas neuroses, a saber, o fracasso da repressão e o retorno do recalcado. No caso da formação de caráter, a repressão não entra em ação, pois alcança sua meta de substituir o reprimido por formações reativas e sublimações (FREUD, 1913, p. 343, tradução nossa).

Guiados pelo conteúdo da frase, percebemos que a construção do caráter depende de investimentos cujas metas já foram inibidas e que não precisam de recalque. O que são estes investimentos, senão identificações?

Na 32ª Conferência, a formação do caráter é uma atribuição do ego e entram em sua composição a "incorporação da anterior instância parental na qualidade de superego – seu fragmento mais importante e decisivo, as identificações com ambos progenitores da época posterior e com outras pessoas influentes, bem como as identificações como precipitados de vínculos objetais abandonados" (FREUD, 1932, p. 84).

Vê-se que a descrição do caráter inclui formações reativas, substitutivas e sintomáticas frente às fixações libidinais pré-genitais e edípicas, sendo todas produzidas a partir de identificações diversas.

Uma identificação singular e o superego

Na identificação primária, "o que Freud descreve é um fenômeno totalmente independente de todo investimento pulsional, de natureza filogenética, mesmo etológica, evocando a captação pela imagem do outro", raiz da teoria lacaniana de identificação (DONNET; PINEL, 1968, p. 19). Quais são as palavras de Freud em sua própria definição?

> Tudo isto nos reconduz à gênese do ideal de eu, pois atrás dele se esconde a identificação primeira, e de maior valência, do indíviduo: a identificação com o pai da pré-história individual. À primeira vista, não parece o resultado nem o desenlace de um investimento objetal: é uma identificação direta e imediata (não mediada), e mais precoce que qualquer investimento de objeto. Contudo, as eleições de objeto

> que correspondem aos primeiros períodos sexuais e dizem respeito ao pai e à mãe parecem ter seu desenlace, se o ciclo é normal, em uma identificação desta classe, reforçando deste modo a identificação primária (FREUD, 1923, p. 33, tradução nossa).

É interessante perceber que *identificação primária* é um condensado de identificações que se avoluma lentamente a partir de identificações parciais até o momento em que, no confronto com o impasse edípico, o superego se organiza e revoluciona o jogo de forças, assimilando e multiplicando a potência dos objetos primitivos.

Freud se preocupa em explicitar a indiferença inicial entre pai e mãe. Na famosa nota, explicita que seria melhor dizer, em vez de *pai,* genitores, mas, nesta fase a criança ainda não apreendeu a diferença anatômica entre os sexos. Donde apenas *pai*: um ser imaginariamente intocado pela falta, tal como o pai da horda primitiva.

Pré-história individual, por sua vez*,* marca o tempo antes da história individual, antes do sujeito ser separado dos seus pais no que diz respeito ao desejo: antes do Édipo, portanto, mas não necessariamente ao período pré-representacional[90].

Muitos autores se estendem aí e de suas reflexões fomos levados a supor que a anterioridade pode ser uma maneira de introduzir uma ideia gestada no próprio texto: o ego é uma instância que precisa ser desenvolvida, assim, sua *pré-história* diz respeito à mais extrema precocidade, antes de qualquer vestígio representacional que se possa nomear de eu, algo como o tempo zero da constituição do pensamento em Piera Aulagnier. Mas por que Freud precisaria dotar o conceito desta temporalidade? Nossa hipótese aponta para a tentativa de criar um tempo simbólico, uma categoria necessária imersa em uma estrutura contingente, próxima daquela descrita no mito do pai da horda primitiva de *Totem e Tabu*.

Seria a identificação primária[91] uma forma de inscrever a constituição da psique no simbólico, no que ela reserva de Humano[92], inscrição que registra no mesmo movimento a imortalidade do simbólico e a possibilidade da contingência? A *identificação* com um *pai da pré-história* parece indicar um pai mítico, imortal na medida em que seu espaço pode sempre ser ocupado por não importa qual "pai". Neste lugar de figura modeladora primitiva, Kristeva coloca a Linguagem,[93] Chemama localiza o Superego[94] e Lacan o Outro.[95] Tal referência inauguraria

[90] Comentário de Nelson da Silva Junior, fev/2012.
[91] Mijolla afirma que esta é uma identificação ontológica e está vinculada a uma linhagem simbólica na medida em que testemunha o nascimento do pensamento e da humanidade. (p.502)
[92] Cf. Mijolla, 2002, p. 810.
[93] Kristeva, J., 1984.

uma outra lógica, na qual as identificações que se seguem, constituídas de traços e de significantes ouvidos, forjam o aparato psíquico sobre a contingência e possibilitam a fermentação a partir de reinterpretações singulares.

Nenhuma semelhança com os fenômenos do laço mãe-bebê: a identificação primária funda um corte que se torna potencialidade e que imprime, tal qual uma marca d'água, as digitais do Humano sobre todas as manifestações sucessivas.

Freud descreverá os três influxos da identificação primária que justificam a potência do superego e dois fatores constitucionais para sua diferenciação. Os influxos são: o *complexo de Édipo completo*, a *bissexualidade constitutiva* e a *formação reativa capaz de recalcar o próprio Édipo*.

No complexo de Édipo completo, as moções descritas para cada sexo ocorrem para todo e qualquer indivíduo, diferindo apenas as intensidades relativas. No psiquismo, as duas correntes identificatórias permanecem ativas devido à bissexualidade constitucional que influi, portanto, na resolução do complexo. Pois bem,

> O superego não é simplesmente um resíduo das primeiras eleições de objeto do id, mas também tem o valor de uma enérgica formação reativa frente a elas. Seu vínculo não se esgota na advertência: *assim (como o pai) deves ser*, mas compreende também a proibição: *assim (como o pai) não te é lícito ser* (FREUD, 1923, p. 35-36, tradução nossa).

Esta *dupla face do ideal de eu* deriva do fato de que este último está empenhado na repressão do complexo de Édipo e dever "sua gênese unicamente a este ímpeto revolucionário" (FREUD, 1923, p. 36). Assim, ao amálgama tenso, intenso e ambivalente que caracteriza o superego, soma-se a *enérgica formação reativa* frente às identificações primárias. Estranha formação reativa que parte do superego e não do ego! Este fato talvez indique outra função da própria identificação.

O *ímpeto revolucionário* aponta para uma operação psíquica enigmática. Vejamos uma interpretação possível. Freud diz, pouco antes: "ao ego cabe transpor em ação a vontade do id como se fosse a sua própria" (FREUD, 1923, p. 27). Ele diz ainda: "o eu infantil se fortaleceu para essa operação repressiva (do complexo de Édipo) erigindo dentro de si este mesmo

---

[94] Chemama, R.; Vandermarsch, B., 2009.
[95] Segundo Assoun (2009), neste livro, encontra-se uma única aparição do termo outro grafado em maiúscula por Freud.

obstáculo (o pai)". (FREUD, 1923, p. 36). A identificação, neste sentido, propicia não apenas um trabalho da dessexualização, do retorno passivo e interesseiro, apropriação de investimentos por parte do ego – mas a captação da energia do id na reconstrução de objetos, assimilando-os para fortalecer-se em sua batalha psíquica.

Aspectos econômicos da identificação

Na parte final do trabalho, a identificação reaparece na pergunta sobre os vínculos entre id, ego e superego, as duas classes de pulsão e destas com o princípio do prazer[96] ou seja, retornamos o que chamamos de *lado B da identificação*. Essa brincadeira algo maniqueísta revela a dificuldade de pensar o psiquismo tal como proposto a partir dos desdobramentos da pulsão de morte.

No quadro se apresentam os seguintes elementos: a) a proposição de uma energia indiferente e deslocável, atuante no ego e no id e proveniente do "acúmulo libidinal narcísico, ou seja, Eros dessexualizado*"* (FREUD, 1923, p. 45); e b) a redescrição do princípio do prazer "como bússola do id contra a libido" (FREUD, 1923, p. 47). Assim, na tentativa de se livrar o mais rápido possível das perturbações geradas pela libido, o id incita a satisfação sexual e – na segregação de Eros pela satisfação - a pulsão de morte fica "de mãos livres para levar ao cabo seus propósitos". (FREUD, 1923, p. 48)

Bem, enfrentaremos momentaneamente uma ambivalência no texto freudiano. Para chegar à energia deslocável, Freud joga com o conceito de identificação em 3 posições: 1- na origem da transformação da rivalidade ou ódio em amor,[97] 2- na identificação como resultado da transposição do ódio modificado, portanto, ou em amor ou em identificação. Por fim, tem-se uma terceira posição da identificação na reapresentação do *narcisismo secundário*, hipótese que sublinha que o segundo banho pulsional se origina da energia subtraída aos objetos. (FREUD, 1923, p. 44-47).

[96] Cf. Freud, 1923, vol. XIX, p. 43.

[97] Freud localiza a identificação como a responsável pela transposição do ódio em amor, presente tanto na homossexualidade quanto nos sentimentos sociais dessexualizados: não é mera coincidência que estes são exatamente os campos onde Freud descreve a operação da identificação.

O intento de Freud parece ser retrabalhar o desenho do psiquismo a partir da pulsão de morte, ressaltar a energia não ligada, originada e disponível no ego a partir da identificação[98]. Reinterpretar e ampliar o que parecia bem conhecido – o ego:

> Ao apoderar-se assim da libido dos investimentos objetais, ao arrogar-se a condição de único objeto de amor, dessexualizando ou sublimando a libido do id, [o ego] trabalha contra os propósitos de Eros, se coloca a serviço das moções pulsionais inimigas (FREUD, 1923, p. 46, tradução nossa).

Neste contexto Freud introduz uma ideia concomitante: para a energia deslocável, não ligada, o caminho de descarga é indiferente. Esta indiferença é "característica [do princípio do prazer], do id, quando os investimentos adquirem particular indiferença em relação aos objetos.[99] Muito mais afeito ao ego seria persistir na seleção do objeto assim como na via de descarga" (FREUD, 1923, p. 45-46, tradução nossa).

Pois bem, a identificação está na origem da energia dessexualizada e da fundação do *caráter* do ego, porém a afirmativa não autoriza a suposição de que ela se torne econômica e dinamicamente inócua. Ao abordar o assunto, Freud fala em contrainvestimentos (FREUD, 1926 [1925], p.147-148) e em resistência do caráter e do ego (FREUD, 1923, p.31, 33 e 49). Vê-se que a identificação, apesar de perder boa parte de sua carga libidinal, em alguma medida continua demandando trabalho.

Responsável pela desfusão pulsional[100] e polo de atração para a formação do caráter – eis a forma como a identificação é descrita por Freud em *Ego e Id*.

e) 31ª Conferência: A decomposição da personalidade psíquica

Nas indicações dos comentadores, a começar por Strachey, esta conferência é o último texto em que Freud aborda a identificação. Nele, identificação volta a ser descrita como "assimilação de um eu alheio dentro do eu, imitação ou incorporação oral/canibal e como uma

[98] O intento de Freud nesse texto é demonstrar de onde vem o rigor do superego em relação ao ego. O caminho é simples: a necessária identificação na base da formação do superego é também a causa de uma desfusão pulsional uma vez que dessexualiza a libido. Esta desfusão, por sua vez, reorganiza as relações entre o ego e o superego conforme uma relação sadomasoquista, ie, as finalidades da pulsão de vida e de morte agem separadamente. Esse texto explica em detalhes o que Freud chamará de masoquismo moral em 1924. (Silva Junior, IDE, Revisa da SBPSP, Vol. 45, nº1).

[99] Algo especialmente presente na análise na raiz das transferências (Freud, 1923, p. 45-46).

[100] A responsabilidade do ego nesta desfusão chega ao ponto de Freud construir uma analogia entre o padecimento do ego sob a agressividade do superego e o dos protistas, que sucumbem pelos produtos catabólicos por eles mesmos criados.

forma muito importante de relação com o próximo, provavelmente a mais originária, diferente da eleição de objeto" (FREUD, 1933[1932], p. 58).

Após este brevíssimo resumo do conceito, duas perspectivas e nenhuma novidade.

Mais uma vez e de maneira bastante direta, a identificação vem responder sobre a fundação do superego: "em relação à transmutação do vínculo parental em superego (...) [temos que] a base deste processo é o que chamamos identificação" (FREUD, 1933[1932], p. 58). No correr deste texto, Freud se questiona sobre a violência sádica do superego na relação com o ego, tentando compreender se este sadismo seria uma maneira de *ligar* a pulsão de morte ou se o mesmo seria a manifestação de uma desfusão (FREUD, 1933[1932], p. 101).

Por outro lado, a parte dedicada ao ego termina lembrando a parcialidade de sua força e potência. Economicamente, o ego é uma instância que sobrevive às expensas do id e de seus investimentos. A identificação nada mais é que uma das maneiras pelas quais o ego consegue apresentar-se como substituto do objeto perdido, angariando assim recursos pulsionais que a ele retornam, processo interminável, que – por influência dos pais, entra em declínio – formando assim o caráter do indivíduo.

É neste ponto que Freud se mostra insatisfeito com as ponderações tanto sobre o conceito, quanto sobre a constituição da tópica: "Nem eu mesmo estou satisfeito com estes aportes sobre a identificação, mas basta que lhes pareça possível concordar que a instituição do superego se descreva como um caso bem sucedido de identificação com a instância parental" (FREUD, 1933 [1932], p. 59-60). Neste artigo em forma de conferência, é retomada a ideia de que as identificações com os primeiros objetos perdidos da infância se tornam a verdadeira herança que engendra o superego instância. Sobressai a visão de que a identificação primária é uma ligação maciça, que não passa por qualquer intermediação – antes mesmo da ordenação perceptivo-representacional que formará o ego, o id está brutalmente em ação – como bem descreveu Melanie Klein. Sua brutal voracidade modifica o insipiente aparato à sua própria revelia, destruindo enquanto preserva, preservando enquanto destrói. As bases/referências resultantes destes primeiros esboços pulsionais balizarão os investimentos posteriores e, dessa forma, irão delinear o contorno pelo qual se moldará o ego: dialeticamente, entre discriminação e indiscriminação.

Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana

Capítulo V

Análises das entrevistas

> O menino Candido Portinari saiu de minha terra com papel e cores em punho para a imensa aventura de pintar uma pátria. Pintá-la, não: criá-la de uma realidade ignorada, mostrá-la aos quatro cantos do mundo, contorcida, ofegante, opressa, inaugural, como a dizer-lhe: "Somos assim". (...) Um dia, seremos apenas os farrapos de narrativa de nossa existência. E mãos ávidas, mãos sábias do futuro virão recompor o que fomos, virão surpreender-se de nós. E do pó que seremos, retirarão o que beberam aqueles olhos e o que se escapou por aqueles dedos. E saberão que neste lugar existimos, porque ele inventou a nossa eternidade…
>
> Guilherme Figueiredo (www.portinari.org.br)

A frase em epígrafe ronda a dimensão temporal e expõe a certeza de que nenhum método retirará a profunda, onipotente e arriscada criação sobre a qual se assenta um trabalho de pesquisa.

Criação está na essência deste capítulo, que pretende transformar as entrevistas em dados analisáveis. Partimos de duas perspectivas, dois pontos de observação privilegiados: o desenho de um núcleo conflitivo para cada caso e a configuração da função do corpo e marcas a partir de tal conflito. Feito isto, selecionamos um fragmento do material analisado para *fazê-lo trabalhar* através do conceito de identificação.

Como apresentado no Capítulo 3, analisamos as entrevistas em seus aspectos formais e de conteúdo. Oraganizamos então, duas perspectivas que ordenaram a apresentação dos casos. São elas: *A lógica do conflito*, onde proporemos os dados e a configuração de uma dinâmica conflitiva e *A lógica da bricolagem - funções da tatuagem e a identificação*, na qual apresentaremos este núcleo relacionando-o às funções do corpo e da tatuagem. Formada esta nova perspectiva, nós a confrontaremos com um fragmento metapsicológico da identificação.

A *Perspectiva I: A lógica do conflito* foi dividida em 4 itens, inspirados no instrumento de entrevista:

Item 1 – *Anamnese do sujeito e das marcas*: o item foi desenhado para apresentar o histórico do sujeito e tecer relações deste com as marcas, sua localização e motivações.

Item 2 - *Enunciado e alteridade*: a atenção foi voltada para a análise da enunciação e a descrição das nuances e tonalizações afetivas e significantes. Abordamos, sobretudo, a densidade da *alteridade* e como o sujeito se posiciona a partir desta referência.

Item 3 - *Marcas corporais e rapport com as marcas*: desenha a historicidade da marca em paralelo à do sujeito e busca aproximações, repetições e dissonâncias. Procura ainda estabelecer o movimento que conduz à prática das marcas corporais.

Item 4 - *Rapport com o corpo*: procura desvelar ou suscitar uma teoria pessoal do sujeito sobre seu corpo, recortar o discurso e as funções que o mesmo assume na realização da marca. Sublinharemos o significado afetivo dos lugares corporais, bem como pontos de escoamento do sentido, situações de angústia e de repetição.

A *Perspectiva II: A lógica da bricolagem - funções da tatuagem e a identificação*, por sua vez, partirá do núcleo conflitivo para sublinhar as funções predominantes do corpo e da tatuagem e, por fim, discutir a dinâmica através de um fragmento metapsicológico da identificação.

Assim teremos:

Dante: O pêndulo melancólico *ser* ou *não-ser*

Olivia: O duplo e o *Unheimliche*

Nina: As identificações edípicas e a infiltração do superego

No primeiro caso, focalizaremos nos processos identificatórios a tendência assimiladora do ego, não apenas quando o ego trabalha para *ter*, mas sua tendência a *ser* o objeto e todas as consequências daí advindas. No segundo, relacionaremos de maneira mais direta a angústia do sujeito ao *Unheimliche* despertado pelo duplo nesta *estufa de angústias que é o ego* (Freud, 1923, XIX/57). No terceiro e último caso, observaremos como a configuração edípica acentua as características superegoicas da identificação.

É importante sublinhar ainda que este material é o resultado condensado de entrevistas que duraram por volta de duas horas, com transcrições de 25 a 30 páginas. Uma reconstrução mais detalhada ainda seria insuficiente para transmitir as características e intensidades do encontro e mesmo do material transcrito. Uma tentativa de minimizar esta distância e de padronizar as observações foi o trabalho de codificação de signos de emoção. Após cada transcrição trabalhei várias horas sobre o material, reescutando a fita e padronizando marcações discursivas afetivas (entonação, ritmo, repetições, paradas, silêncios, risos) dentro de um parâmetro comum. Assim também, a colocação de virgulas, a repetição de letras e significantes foram cuidadosamente registradas. A transcrições completas estão disponíveis no Anexo 3, no Cd-rom que compõe a tese.

1- Dante

1.1) Perspectiva I: A lógica de um conflito

Que..... que eu gosto de ver é o desenho, não é a tatuagem..... é o desenho.
Orgulho mesmo de ficar olhando o desenho.

O grande orgulho de Dante é ter desenhado as próprias tatuagens. As tatuagens sancionam um olhar erotizado e tecem um fio poderoso que enlaça os objetos libidinais de sua história. Talvez esta trama teça um novo corpo sustentado pela tensão entre intrincados masoquismos, sem clara destinação.

- **Anamnese do sujeito e das marcas**

Dante tinha 26 anos no momento da entrevista (2008). Estuda informática, trabalha na manutenção de equipamentos. Os pais são separados desde que ele tinha 10 anos e a mãe faleceu em decorrência de câncer em 2004. Ele vive com a irmã mais nova, que sofreu um grave acidente de moto entre 2005 e 2006. No mesmo período, tentou estudar na Alemanha, mas não teve permissão de entrar no pais escolhido, ficando alguns meses sem rumo na Itália, até conseguir voltar. O pai mora atualmente na Bahia e o contato dos irmãos com familiares é raro. Dante pouco sabe sobre a família, sua origem e sua história. Não há notícia sobre relacionamentos afetivos.

A postura corporal, o ritmo da fala, a entonação lenta, baixa e sem energia de Dante transmitiram uma passividade capaz de me convocar a intervir. Minhas intervenções foram inúmeras, exageradas, a repetição de "*ahns*" e "*hums*" formas de relançar a conversa. Ele se ateve a respostas diretas, concretas, literais. Mesmo depois de ter o fio discursivo cortado por uma pergunta apressada, Dante reapresentava seu ponto várias vezes: um significante rondava e reaparecia.

Em uma de suas primeiras afirmações, Dante conta que tem quatro tatuagens. Passa a enumerá-las, descreve sua ordem e a localização corporal, fala dos tatuadores e, quando vai contar como escolheu as imagens, lembra-se que são *cinco* tatuagens e não quatro.

Resumo das marcas:

Tatuagem		**Idade**	***Piercing***	**Idade**
leão	(2000-2001)	18-19	Furo na orelha	16
nome da mãe	(2005)	23		
carro	(2005-2006)	24		
sol	(2007)	25		
mar	(2008)	26		

A mãe o acompanha em sua primeira vez. O que se vê é que o *leão* tatuado se traduz em uma imagem domesticada. No caso de Dante, a marca nasce amputada da potencialidade transformadora de uma apropriação pessoal. Ela não representa, apenas apresenta o consentimento para uma singularidade doada e morna.

Cinco anos se passam e a segunda tatuagem é uma *homenagem* à mãe, falecida em 2004: o *nome* dela atravessa as costas de Dante de ombro a ombro. Importante sublinhar que a partir desta marca, Dante começa a cuidar *da tatuagem*, lavar a pele com sabonete *protex*, passar *bepantol*, usar esfoliante. Uma característica ora feminina, ora infantil do cuidado de si e que aponta para a pequena distância entre objeto e representação.

Desde a *homenagem*, uma sequência de marcas se sucedem, uma por ano: *carro*, *sol* e *mar*. A terceira tatuagem, portanto, foi um *carro* visto de costas. Completamente esquecida, o *carro* foi tragado, dois anos depois, pelo *mar*. Dante conta que para ele *as duas são uma só* e que esta tatuagem foi um marco: depois dela ele não teve mais *queda de pressão*. Isso significa

ainda houve necessidade de parar de tatuar-se, tomar água e comer algo para não desfalecer durante o processo.

A quarta tatuagem foi um *sol* de uns 3 cm no local onde um relógio pode escondê-la, *feita por fazer*, em *cinco minutos*, sem qualquer motivação aparente.

Por fim, o *fundo do mar*, com alguns animais contornando o *carro*, foi a única marca que ele suportou todas as sessões sem reações de queda de pressão, suor frio e mal-estar. Dante fala sobre ela com especial distinção e orgulho.

Como a ordenação temporal foi um dos pontos de derrapagem discursiva mais evidente, Dante necessita, por exemplo, pensar na data da tatuagem-homenagem para lembrar do ano da morte da mãe. O apoio para a lembrança aponta que, além da função de inscrever referências, a marca corporal se tornou uma espécie de elemento intermediário. As referências talhadas no corpo são, de alguma maneira, menos intensas que a lembrança e funcionam como pára-excitação. Esta função talvez ajude a compreender que, apesar da dor, da queda de pressão ou da intensa preocupação com o *preconceito*, Dante relata que a *satisfação* e o *orgulho de ver os desenhos* foram as sensações que melhor descrevem o *a posteriori* de cada tatuagem.

- **Enunciados e alteridade**

Dante é um homem cujo corpo aparenta ser "sólido", compacto, impressão que contrasta com a voz tateante, a fala lenta e sem energia.

No aspecto geral, vemos um discurso em *esboço*. Quando conta que a mãe, mesmo discordando, aceita a primeira tatuagem, pergunto:

> E – mas ela era assim, tranqüila? E seu pai? *Meu pai, ele é separado da minha mãe...* E – hum. ..... *mas... quando eu..... eu tinha uns 10 anos de idade, era bem pequeno quando eles separaram... e.... ele sempre foi... ele nunca, nunca gostou, quando eu ia visitar ele, ele ah, negócio de maloqueiro... pra ele, ele nunca gostou. Mas também não fala.*

Compreende-se o que Dante tenciona dizer, mas sejamos detalhistas. Ele responde o que não perguntei e as pausas marcadas por vírgulas deixam margem a várias frases dentro da mesma frase. Por exemplo, do que o pai *nunca gostou*: da mãe, das visitas da criança ou da tatuagem? O que o pai *sempre foi*? Quantos adjetivos este jovem homem poderia colocar na frase

inacabada? O que interessa é que, neste momento, ele ensaia e não coloca nada. Um história ainda em *esboço*.

Este tipo de esboço subjetivo aparece como discurso cheio de pausas e significantes repetidos, como se ele rascunhasse o que quer dizer até se surpreender com um sentido – tal e qual o motor da vontade de tatuar-se.

O equilíbrio alcançado neste discurso frágil nem sempre funciona. Vejamos a cisão que a emergência do erotismo provoca e a desorganização temporal quando tento buscar uma sintetização: E – olha só... agora Dante, só pra eu entender. Quais são os anos da tatuagem? ..... *Tinha..... tinha 18 pra 19 anos na primeira, foi em... dois mil e..... dois mil e seis.....* Seis anos são suprimidos nesta frase, que – se fosse possível – levariam com eles a morte materna e o acidente da irmã. Qual o significado desta desorganização temporal que atravessa toda entrevista? Para além dos pontos conflitivos, talvez indique que, apesar da "condensação" produzida pela última tatuagem, Dante continua *espalhado*, perdido, sem casa, sem mãe, pai ou irmã, esperando, como se tudo pudesse recomeçar.

Para falar do pai, repetem-se *pequeno* e a explicação de uma *geografia* dispersa. Do *Paraná* a *Pernambuco* alguns espaços foram ocupados, mas a pergunta subliminar parece insistir: qual seu lugar nesta cadeia? A tentativa de localizar a origem da família paterna o atravessa e se aproxima da busca de outras origens: do câncer, da responsabilidade do pai neste câncer, das suas raízes *negra* e *alemã*, em poucas palavras, sua origem como sujeito.

Sem firme sustentação para o eu, o registro da alteridade fica prejudicado. Por consequência, a figura do tatuador também inexiste enquanto tal. O primeiro era um *argentino*, cujo estúdio ficava *em frente*: a referência inicial à alteridade adjetiva o estrangeiro, alguém com quem se pode ou não fazer *contato*. O outro tatuador é simplesmente *o segundo*, o tatuador da irmã, de quem ficou *amigo*. Este *outro* não interfere em nada no processo de tatuar-se, nem como apoio, nem como modelo. É de se notar que ninguém possui delimitação suficiente para merecer a singularidade simbólica do nome: nem mesmo da mãe, cujo "nome" é tão citado, pode-se conhecer a identidade. O "privilégio" se restringe às amigas com quem tentou viajar para a Alemanha. Indiferenciação predomina em toda a entrevista.

- **Marcas corporais e *Rapport* com as marcas**

Desde a primeira tatuagem, o ponto mais importante destacado por Dante é que *ele desenha* as imagens. Mesmo quando escolhe na internet e *monta* a tatuagem como fez com o *mar*, não faz a menor diferença – elas são suas criações. Este é o único momento em que uma tonalidade afetiva aparece sem tantos subterfúgios. Dante se orgulha a ponto de tirar da pasta um caderno para me mostrar seu trabalho: um traçado geométrico, adolescente e desarticulado preenchia todos os cantos da apostila e surpreendia pela ausência de qualquer elaboração.

Representa-se assim a precariedade presente também no discurso. Diz Dante: *Orgulho de ficar olhando o desenho*. Onde o *eu*? O narcisismo se apóia sobre a frágil mitologia de ser desenhista *nato* e na tentativa tímida, dolorosa e desafiante de ter um corpo moldado por seus próprios produtos. Os elementos nos levam a uma estratégia auto-erótica que inesperadamente atrai olhares erotizados e engrama abertura e diferença. Eros também pode sustentar a repetida busca por tatuagens. Contudo, ao admitir *não ter feito as tatuagens só para si*, vergonha e silêncio se entremeiam às palavras e Dante mal consegue finalizar uma frase. Outros pontos de silêncio ou *inaudíveis* se concentram em episódios relacionados à morte ou à sua negação.

A primeira tatuagem parece ter pouca importância, motivada pela imitação de um antigo colega, citado de passagem. Cinco anos mais tarde, porém, um verdadeiro ciclo de marcas recomeça na homenagem para mãe. Com a morte da mãe tem início um longo processo que finca suas fundações nos signos da morte, signos que, mesmo indeléveis, adquirem algum deslocamento possível. Este será nosso foco.

O *carro* visto de costas *não tem história, nunca tive este carro*. Para Dante, *história* se resume a ele e a sua vida, não há cadeia, mas um circuito fechado. Insisto. Ele conta que o pai teve, *mas não..... nãooo tem relação não.*

Nossa hipótese é que esta tatuagem é uma construção no sentido freudiano: retrata a perspectiva de Dante criança, que observa o pai que parte. Não é uma despedida, é uma separação que tenta simbolizar-se, um luto que precisa inscrever-se, porém ali não é exatamente a lembrança que está registrada, mas um tempo congelado que não pôde ser apagado.

Apesar do luto estancado, signos de vida se sobrepõem, a transparência da água e dois grandes animais coloridos envolvem o carro e criam um "dentro" onde se encontram câncer materno, distância paterna, solidão, silêncio e ..... vida!

- ***Rapport* com o corpo**

A primeira modalidade de função do corpo, provavelmente antes de qualquer tatuagem, é de suporte narrativo. Dante não me mostra as tatuagens, mas passa a mão sobre elas várias vezes, "mostrando-as". Esse fato indica uma sustentação subjetiva que se apóia, sobretudo, em elementos concretos.

Por outro lado, a "concretude" física das tatuagens se tornou justificativa convincente para Dante olhar e tocar o corpo sem fantasias demasiadas, para começar a brincar de esconder enquanto se coloca ao alcance do olhar. O olhar do Outro ratifica e se transforma em mediador para uma dimensão mais erotizada do contato consigo e com os outros. Dante percebe que .....*ah, falar que vai fazer só pra você nummm... (inaudível)*, pois experimenta alguma ressonância erótica e narcísica criada pelo segredo e pela fantasia de transgressão.

A percepção não evita a reação defensiva. Aparece uma cisão momentânea, uma distância de si mesmo como desdobramento de si:

> E – Você acha bonitas as tatuagens quando você se olha no espelho? .....*é, então, quando fiz a primeira você sempre fica olhando*. E – fica olhando? *Aí fiz a segunda e você esquece um pouco da primeira, cê olha a segunda... aí quando fiz nas costas olhava um pouquinho, mas como... você não... tem como ficar vendo.....*

A referência do *fazer* está ligada ao eu, mas a do *olhar* a um *outro eu*, não totalmente assimilado.

O corpo para Dante, como qualquer outro elemento psíquico, não "representa", ele mesmo não "lembra" ou "planeja": ele simplesmente *é*, *vive* e *faz*. Compreende-se a analogia pouco poética com que compara a tatuagem: uma *restauração dentária, algo diferente que com o tempo você começa a se acostumar*. Longe vai a experiência de assimilar ou domesticar: as marcas são vividas como *incrustrações*, sobreposições estranhas em um corpo também estranho. A impossibilidade de assimilação talvez explique a eficácia: encobrindo e sobrepondo, novos elementos são agregados a velhas estruturas, estendendo sua

funcionalidade. Sem reforma radical, neste psiquismo a tatuagem vem para intermediar, adensar experiências imaginárias e proteger o sujeito do contato abrupto com o real.

Incrustrações descreve bem o tipo de relação objetal e o percurso afetivo da dor. Ambas são diretas, sem intermediários, representante-representado fundidos: a marca mais dolorida foi a do *nome da mãe;* a que ele teve maior reação de desconforto físico foi a do *carro* e a mais *tranquila* foi o *fundo do mar*, quando estava *mais acostumado*. Por outro lado, se o discurso resta limitado, na repetição significante se pode ler a insistência ambígua daquilo que não pôde ser apagado.

Um belo exemplo é *Hospital,* significante que condensa inúmeros fios. A mãe diagnosticou o câncer em 2003 e faleceu em 2004, a irmã sofreu o acidente em 2005. Pois bem, estes fatos *surgem* apenas quando Dante relaciona o desfalecimento ao *ver a agulha entrando e saindo* à lembranças ligadas a hospital. Ele explica então o *endereço* do hospital em que irmã ficou internada, lembra do *clima do hospital*, de entrar no hospital, das visitas à irmã e do *rosto desfigurado do rapaz* que dirigia a moto. Bem adiante e comentando outro assunto, refere-se apenas que percebeu melhoras no desconforto para tatuar-se durante a última tatuagem, mas *nunca mais entrou em um hospital para saber*. O significante carrega a teia complexa e sutil que liga fantasmaticamente os corpos de Dante, da irmã e da mãe, como se momentaneamente funcionassem como um. Vejamos o exemplo mais contundente.

Para mostrar a localização do câncer materno que, quando diagnosticado já estava *espalhado* pelas costas, braço, nuca e cabeça, Dante *passa a mão* sobre seu corpo e o gesto, como em um passe de mágica, envolve e *ilumina* três de suas cinco tatuagens. Nenhum discurso desenhou o que suas mãos delinearam: Dante, mãe e irmã ligados pela parte de seus corpos traumatizada, invadida, aberta, doente, sangrenta.

A localização ganha função narrativa, mas Dante não percebe a coincidência ‘‘geográfica’’ entre as tatuagens e a origem do câncer, menos ainda a coincidência da busca pela origem da filiação, da separação e da morte. Quantas dúvidas, anseios, sentimentos, proto-histórias estão ali em esboço? O corpo acusa mortes que, através da tatuagem, podem começar a ser narradas.

1.2) Perspectiva II - A lógica de uma bricolagem e o pêndulo melancólico *ser* ou *não ser*

> There is a silence were has been no sound
> There is a silence where no sound may be
> In the cold grave, under the deep deep sea[101]

A ausência de metáforas, metonímias e analogias denunciou a pobreza da enunciação e revelou seu caroço: o caroço da obstinação significante. A miséria simbólica aponta para a tragédia do sujeito ao não ter elementos para narrar a própria história. Uma falha narcísica, anterior ao encontro com o real da morte materna, condensa um gozo: a indiferenciação monolítica de um corpo que se pretende inofensivo e infantil, que se apraz na indiferenciação, no transitivismo gozoso e na passividade.

O núcleo conflitivo mais evidente foi causado pela morte materna. Tal encontro com o real deixou seu impacto emparedado no corpo, evidenciando que este psiquismo se apoia fortemente em torno do eixo corporal. Trata-se provavelmente de um processo de *melancolização* do luto[102], resposta lógica frente às hipóteses de *falha narcísica* e da incorporação do objeto. É frequente que este processo se dê a ver no corpo, o que, para ser fiel à proposta metodológica de análise, torna difícil separar o núcleo conflitivo da função do corpo.

Vejamos este núcleo. O segundo ciclo de marcas descrito está, geográfica e semanticamente, associado à morte. O personagem principal da dimensão geográfica é o corpo e o da semântica são as tatuagens. Podemos dizer que o corpo é veículo e suporte de uma identificação maciça e sem mediações com a mãe que empareda não apenas o significante da perda: o próprio sujeito do inconsciente ali prepara seu túmulo. O corpo de Dante se sobrepõe, se assimila ao da mãe não através de uma marca familiar, mas do signo da doença. De todas as moções pulsionais em jogo nas identificações, não se pode dizer que se trata da reação superegoica a uma identificação edípica ou de processo semelhante à somatização: o corpo não está *afetado*, ele reproduz como uma radiografia, corpo que substitui outro fora de combate. Trata-se sobretudo da incorporação do objeto, aparentemente simbolizada no nome, mas desmascarada pela insistência gozosa do local corporal.

---

[101] Thomas Hood, 1799-1845. Citação no filme *O Piano* de Jane Campion, 1993. *Há um silêncio no qual nenhum som se faz ouvir/ Há um silêncio no qual nenhum som pode estar/ Na fria sepultura das profundezas do mar*.

[102] Le Breton (2007): "Sem investimento objetal dentro do modelo freudiano de *A pulsão e seus destinos*, é difícil falar em luto, talvez fosse mais pertinente falar em *melancolização"*.

A sobreposição semântica inicialmente aprofunda a identificação melancólica, mostrando através das tatuagens do *nome da mãe* e do *carro* no momento da partida que novas *lápides* anunciam: *aqui jaz*. Assim, descrever a função do corpo e das tatuagens em Dante é descrever a conflitiva melancólica. É de se notar, contudo, que o corpo, mesmo cooptado pelo sintoma melancólico, manteve sua potência erótica de apropriação e representação. Na especificidade da leitura metodológica proposta, é preciso sublinhar a dimensão subjetivante que inaugura outra lógica.

Pois bem, no reverso da melancolia, o corpo possibilita a adesão do sujeito a *esboços de simbólico* pertencentes às tatuagens carro, nome e mar - Dante tem, de fato, do que se orgulhar. Destes signos partiram os elementos mínimos que, apesar da insistência sobre o ponto mortífero da geografia corporal, operaram, ainda que precariamente, como significantes.

Seja qual for o fio de deslocamento, um efeito de coesão e de pára-excitação foi bem sucedido e, a partir do *fundo do mar*, a *vida* volta a habitar as representações de si fundidas à mãe, ao pai e ao câncer. Dante registra sobre o túmulo corporal, um *afresco* de quem, além de ser uma homenagem, pode ter uma história viva. Vê-se, então, que as tatuagens para Dante operam entre sintoma e inscrição e comportam mais de uma função.

Esta perspectiva foi instalada fora do amálgama ombro-braço, pouco antes do *fundo do mar*, quando Dante tatua um *pequeno sol, feito por fazer*, pensado apenas para não ser visto. A aparente ausência de sentido pode ser substituída pela interpretação de um ganho narcísico em posicionar-se na fantasia como agente, alguém que engana o Outro através do esboço de segredos ingênuos da latência. Mas o efeito ultrapassa o jogo infantil: Dante parece ter inscrito a possibilidade de ficcionalização de si[103], ou seja, inaugurado um terceiro pólo fantasmático que o retirou da relação de exclusão mútua com o objeto, convocando narrativas onde a diferença foi tornada possível.

Qual proveito mútuo tiraríamos do conceito de identificação no confronto com o quadro proposto?

[103] Ver referência do primeiro poeta épico discutido por Freud em Psicologia das Massas e apresentado no Cap.3.

Nos meandros melancoliformes da saída neurótica, o caso de Dante nos confronta à polaridade identificação-investimento ou à seu equivalente objetal: a dialética entre *ser* e *ter*[104] o objeto.

Em 1938, Freud resume a dialética dessa forma:

> *ser e ter na criança. A criança ama exprimir a relação de objeto pela identificação: eu sou o objeto. Ter é uma relação ulterior, que recai sobre o ser após a perda do objeto. Modelo seio. O seio é um pedaço de mim, eu sou o seio. Apenas mais tarde: eu tenho, eu não o sou...*[105]

Em 1921, entretanto, tal polaridade foi utilizada para explicitar as configurações dos investimentos libidinais na resolução do complexo edípico. Simplificando: Freud aponta que a escolha edípica comporta um compromisso duplo, flexibilizado pela castração: *ser* o pai e *ter* a mãe como objeto ou vice-versa (FREUD, 1921, p.100).

Antes da configuração edípica, um psiquismo absorto em conflitos marcadamente narcísicos se *movimenta* como um pêndulo e descreve uma *oscilação* entre ser e ter, que torna a perda objetal um paradoxo, do qual participam a *identificação narcísica*[106], sustentada pelo investimento com o mesmo nome. Nesta configuração econômica e dinamicamente singular pode-se bloquear a *evolução* representada pelo *ter*, fortalecida na resolução do complexo de Édipo.

Voltemos a Dante: longe está a emergência do conflito propriamente edípico. Dante se vê confrontado a seus objetos de maneira dual e a cada encontro se estabelece uma tensão, a um só tempo, constitutiva do ego e termômetro para sua coesão.

O caso de Dante problematiza a função da tatuagem ao apresentar processos em que o ego não trabalha apenas para *ter* o objeto, mas emerge sua tendência assimiladora[107] que poderá se desdobrar em potente desobjetalização, efeito da pulsão de morte. Não se trata, portanto, do *fechamento* passageiro do sujeito enlutado frente a novos objetos: estamos diante de um tipo de dinâmica psíquica de desconstrução econômica do pólo objetal.

Olhar o psiquismo através da lente da identificação nos levou a pensar a dinâmica do aparato em função do *objeto*. Dessa perspectiva, as três grandes subdivisões do conceito propostas em

[104] Cf. Freud, 1921, *Psicologia das Massas*, acima p.66.
[105] Freud,S. *Esboço de Psicanálise*, 1938.
[106] Freud,S. *Luto e Melancolia*, XIV, 1917 [1915], p.247.
[107] Freud,S. *O Ego e o Id*, XIV, p.27 e 31.

1921 expõem um desenho singular dos níveis estruturais do psiquismo. Da mitologia do primeiro esboço humanizante, passando pela tensão excludente ego-objeto e chegando ao tripé estruturante do momento edípico, observa-se que o mecanismo opera diferentemente em cada um destes níveis.

Uma afirmação de Laplanche e Pontalis (2007) sublinha o aspecto que queremos ressaltar. Para os autores, após a elaboração da segunda tópica, *as instâncias não são mais descritas em termos de sistemas em que se inscrevem imagens, lembranças, "conteúdos" psíquicos, mas como relicários, sob diferentes modos, das relações de objeto* (LAPLANCHE & PONTALIS, 2007, p.189). Assim, nossa reflexão indica que, em sua essência, a identificação abrange sempre o posicionamento do objeto no psiquismo e a cada subdivisão em momentos, fases, desenvolvimentos, regressões e patologias, eis que se abre o campo onde psiquismo é confrontado ao objeto.

Gostaríamos de propor a partir do caso de Dante que, em configurações mais narcísicas, a dialética *ser/ter* se refere a um único objeto e nos confronta à tendência tanática do ego, quando - a depender do campo de forças relativo inter-instâncias - o ego poderá tomar o caminho de busca *pelo* objeto ou de dissolução *no* objeto, buscando sê-lo.

No caso de Olívia, o foco será a angústia *Unheimliche* que invade tal dinâmica. O destaque em ambos os casos é a importância da identificação como perspectiva de observação clínica, de onde se verá ou não a flexibilidade desta fronteira indefinível entre investimento e identificação representada pela identificação, do qual emergirá o objeto.

2 – Olívia

2.1) Perspectiva I: A lógica de um conflito

Pra mim é importante, às vezes eu me sentir em casa, é importante

Entre a frase em epígrafe e esta: *o que seria do amarelo se todos gostassem do azul?*, pronunciada pela avó materna de Olivia, existe uma tensão que perpassa e aglutina os significantes da entrevista. Se na primeira lê-se que a familiaridade vivida como similitude é o que orienta Olívia em sua busca pelas marcas, na segunda inscreve-se a possibilidade de sustentar uma diferenciação. Ambas ocupam uma função fundamental na história de Olívia e delas se desdobram a escolha das tatuagens.

- **Anamnese do sujeito e das marcas**

Olívia, aos 21 anos, tem 4 tatuagens e já teve 3 *piercings*. Trabalha e estuda na área de administração. Mora com os pais e sua irmã mais velha. Mãe, irmã e avó são as referências mais importantes neste momento. A avó materna, falecida há mais ou menos dois anos, morava com a família. A jovem teve um relacionamento afetivo de cinco anos, terminado há menos de um ano do momento da entrevista. Os planos futuros aparecem ainda indiferenciados e confusos.

A primeira intervenção corporal foi aos 13 anos, um *piercing* que ganhou de presente da avó para *esconder o buraco do umbigo*. A primeira tatuagem foi aos 14 anos, um *planeta* pequeno feito em segredo em local íntimo, imagem pela qual é lembrada por toda família. Aos 16 anos, os pais aceitam financiar a tatuagem de um verso que trata a impermanência da vida, feita nas costas, em meio ao longo e turbulento namoro. O próximo desenho foi uma *fênix* no torso, por volta dos 18 anos. Por fim, após a saída do último emprego e da morte da referida avó, tatua *flores* que ela mesma desenhou (entre 19-20 anos). Nenhum dos desenhos possui cor e todos podem ser encobertos pela roupa de trabalho, porém faz questão de mostrá-los à entrevistadora, com exceção do *planeta*. Quanto aos *piercings*: aos 13 anos fez o do umbigo e entre 16/17 anos colocou o alargador e o *piercing* no nariz, este retirado pouco tempo depois.

Resumo das marcas:

Tatuagem	**Idade**	***Piercing***	**Idade**
planeta	14	umbigo	13
"frase sobre a impermanência"	16	nariz	16-17
fênix	18	alargador	16-17
flores	19-20		

O confronto com a finitude, presente nos momentos de crescimento, diferenciação, iniciação sexual e morte concreta parece configurar uma espécie de refrão, uma tonalidade que perpassa várias camadas do psiquismo e onde a adolescência lapida inúmeras angústias. Ela conta sobre momentos de impasse subjetivo, quando *algo* precisa acontecer para *juntar o quebra-cabeça*, para ajudá-la a *engolir* e *seguir*. É muito provável que este *algo* esteja relacionado à decisão de marcar-se em sua urgência ansiosa e após *longa* hesitação.

- **Enunciados e alteridade**

Olivia é pequena, magra, muito bonita e vivaz. Fala muito rápido, o tom é agudo, o ritmo é acelerado e parece ora expulsar, ora segurar palavras, como se a boca fosse a comporta para uma ansiedade quase materializada, líquida. Observa-se intensa movimentação pulsional ainda sem rédeas potentes.

Tal qual sua fala, os enunciados escorrem, multiplicam-se sem consistência subjetiva em frases que denotam indiferenciação. Por exemplo, em alguns momentos o sujeito narrativo se desfaz e os papéis assumidos por Olivia, a irmã, a mãe ou a avó tornam-se intercambiáveis: (ela explica para a mãe a tatuagem que quer fazer e que pretende que a mãe financie) *(...) eu falei e minha mãe falou "é pequena?" e eu falava "é", pra ela não... se preocupar, porque para ela é grande... a que eu fiz é grande. Aí eu falei pra ela que era pequena e tal e quando eu fiz ela se assustou "ah, você fez mesmo?" porque ela achou que eu não ia fazer, e minha irmã já tinha. É. Mas ela ficou um tempão falando... e a, e a dela é bem pequena, não dá pra ver... um pouco*.

Em outros, percebe-se a frágil colagem de discursos. Quando fala de seus pesadelos, Olivia, os associa a dois filmes de terror: *Jogos Mortais* e *O Tatuador*. Conta que não gosta deste tipo de filme e explica por que foi assistir: *Ah, é é, pela produção, pela produção do filme, pelo*

cenário que é bom, pelo produtor que é muito bom, então você acaba indo ver para ver o trabalho da pessoa e não pelo filme. E – tem algum que você admira em especial? *Não, não. Eu gosto, eu gosto, eu acho legal os filmes franceses, eu acho que eles, eles procuram muito mostrar o lado mais bonito do mundo, e é bem legal*. E – tem algum filme em especial? *Ah, tem vários filmes que eu gosto bastante, mas um filme que eu gosto bastante é O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*. Observa-se um *patchwork* pouco harmônico de respostas parciais, qualidade discursiva que se repete por toda a entrevista.

Outra repetição é a presença de interpelações e perguntas sobre o saber: *sabe*? *eu não sei*, você sabe, *né*? Exemplo: (Na última frase da entrevista, Olívia explica a importância da tatuagem ao criar uma *familiaridade*) *É. É importante. Eu não sei, às vezes eu acabo me sentindo mais segura... não sei. Se você está no meio de pessoas que são parecidas com você, que sabem... não sei. Acho que é isso*. Quem poderá lhe revelar seu desejo?

Cada um desses elementos discursivos parece indicar certa dificuldade de assimilar experiências de alteridade. Esta, representada pela avó, resta encapsulada pela brincadeira infantil: só avó gosta de amarelo. Entretanto, esta personagem em sua sabedoria relaciona *eu* e *outro* quando pergunta: *o que seria do amarelo se todos gostassem do azul?* A singularidade tende a ganhar espaço, re-polarizando a dimensão da alteridade consigo mesma, ainda enigmática para Olívia.

A ligação avó-alteridade se repete: Olivia conta que a avó veio morar em sua casa quando ela tinha 8 meses de idade. Esta talvez seja uma lembrança encobridora: no momento de percepção do estrangeiro, algo familiar ressurge com outra roupagem, dificultando/possibilitando o contato com o diferente. Luto e a identificação à flor da pele logo após a morte da avó se mostram ressignificados quando, apesar de tudo, Olívia não pinta as flores de amarelo, pois ela não gosta de cor em suas tatuagens! Pequena diferença, hesitação ou elaboração? Sabemos apenas que Olívia diz *não*! Ela não tatua as pernas e não colore as flores o que aponta que alguns limites poderão ganhar dimensão simbólica.

O contato com a alteridade em sua dimensão de estrangeiredade se configura como ponto nodal da conflitiva de Olivia. No pesadelo relatado na metade final da entrevista aparece a tensão entre o sinistro e o familiar, experiências que a tatuagem tenta apaziguar ao criar imaginariamente uma antecipação frente ao estrangeiro: [explica como se sente quando encontra alguém tatuado] *para mim é importante, às vezes eu me sentir em casa, é importante*. A apropriação dos enunciados pouco digeridos, efeito de identificações

imaginárias[108], se projeta também sobre o corpo. Neste, as tatuagens terão o mesmo efeito *patchwork*, entre assimilação e desconhecimento, com consequências sobre duas experiências de angústia: um pesadelo e uma fantasia que aparece no relato de um filme.

- **Marcas corporais e *Rapport* com as marcas**

Em relação às motivações, a narrativa transita novamente por campos heterôgeneos sem contradição. Olívia, começa afirmando seu interesse por *arte*. Depois conta que gosta de desenho, de Pop Art e de Tarsila do Amaral, mas tatua um verso de um poeta brasileiro. Gosta sensação de que as *pessoas se lembram dela* ao ver imagens de *planeta* e *fênix*. Pensa que a tatuagem marca *homenagens* e *mudança*, contudo, a marca escolhida também *mostra quem você é por dentro*, apesar de, sobretudo os *piercings*, terem finalidade inicial de *agredir*, *rebeldia* e ligarem-se ao fato de se *sentir reprimida*, com vontade de se *mostrar diferente* dos outros. Por fim, diz: *E eu não sei, a tatuagem eu acho que é muito isso assim, a vontade que a gente tem de expressar no nosso corpo o que a gente gostaria que as pessoas vissem na gente, sabe*?

Em se tratando da tonalidade afetiva na relação com as tatuagens, elas parecem disfarçar esteticamente um humor enlutado, a descrença no futuro e na permanência do que quer que seja estão parcialmente encobertos pela ansiedade e pelas figuras com que se tatua. A *flor*, por exemplo, foi a última marca realizada. Para explicar o motivo de tatuar a *flor*, Olivia tenta se ater ao presente, afastar a angústia perante à morte e ao futuro, contando que a *flor* marca *apenas* a decisão de mudar de trabalho. Entretanto, esta mudança e a morte da avó coincidem e ela conta como se sentiu: *Eu, eu não sei, porque... eu até comento com a minha mãe, eu tenho um jeito muito estranho de lidar com as minhas dificuldades, eu, eu páro e assim, tem dias que eu penso e fico pensando... é como um quebra cabeça pra mim, sabe? Eu tento, vou tentando juntar e... para engolir, sabe? Porque tem que ir, (ri) alguma coisa tem que acontecer pra gente..... seguir, né*? Há algo indigesto e a tatuagem aparece como ato necessário à contenção da angústia.

[108] A dimensão imaginária da experiência subjetiva é uma contribuição da teoria lacaniana, que nasce da hipótese de que o ego é fruto da antecipação visual de uma totalidade corporal alheia ao sujeito. No sentido aqui empregado remete à *mímesis*, à identificação como semelhança, cópia ou imitação formadora do ego, onde predomina a referência ao Outro e a castração opera de modo fragmentário. O texto inaugural é *Le stade du miroir comme formateur da la fonction du Je*. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

Apenas no final da narrativa, Olivia conta sobre a *fênix* e seu significado: aquela que *renasce das cinzas*. Esta foi a imagem que Olívia demorou mais para estabelecer a forma final, que errou o lado do corpo para mostrá-la a um colega e que nos fornece outro exemplo do aparecimento de certo tipo de luto.

Sublinha que as tatuagens são o motivo de uma *sensação engraçada*, de um *prazer de lembrar que é lembrada*. Percebe-se nesta *sensação* o *start* pulsional e erotizado presente na construção de um circuito de lembranças e olhares e o grande alívio representado por este fio psíquico de permanência.

Conta ainda que esquece que é tatuada, já esqueceu onde tatuou a *fênix,* o que faz seu tatuador perguntar: *você esquece que tem orelha*? *Esquecer* e *lembrar*, *familiar* ou *estrangeiro,* ser *pequena* ou *grande* são significantes que se espraiam em combinações diversas e encobrem um sujeito que quer saber: que espécie de *permanência* é possível?

- ***Rapport* com o corpo**

O discurso geral demonstra que os contornos eu-corpo estabelecidos coexistem com áreas de indiferenciação que habitam, por exemplo, os significantes *pequena/grande*. Parece que o par, bem como os outros apenas citados, são tomados ora como oposição, ora como fragmentação e sinalizam um enrijecimento defensivo. Olívia está no processo de pavimentar ligações, elementos que funcionem como dobradiças subjetivas, capazes de unir os pólos da transformação em curso.

O corpo é ainda palco para ensaios. Olivia experimenta lugares corporais *mais femininos* ou *masculinos,* testa desenhos que a aproximam ou afastam do universo familiar (para ambos o exemplo é o *planeta*, pelo qual é *lembrada* e marca cujo segredo a atormentou alguns anos), verifica o olhar do outro, sua capacidade de sustentar o segredo e a autonomia de *apropriar-se* de si mesma.

Por outro lado, ela parece acreditar que algo legítimo pode surgir de dentro do corpo, pode aflorar. Neste sentido, o corpo seria um íntimo território estrangeiro a ser galgado, lugar onde poderá *cravar a bandeira* de posse e singularidade.

É importante destacar o corpo e sua função de limite. Inicialmente, ao se diferenciar de modificações que ela julga exageradas, diz: a dor em função do prazer estético é aceitável, *mas extrair do corpo a prova de seu limite é um exagero, tudo tem limite e o corpo também*. Logo o corpo aparece como espaço de *reserva* e contenção. As pernas se tornam o local em que *jamais faria tatuagens*, provavelmente devido à aproximação da história afetiva (a avó faleceu em decorrência de uma fratura no fêmur e sofreu, pouco antes de morrer, a ameaça da amputação das pernas). O torso, em função semelhante, se transforma em espaço privilegiado, *reservado* para uma nova marca.

Estabelecer ligações e colocar limites sem que isso represente fraturas. Em pontos específicos de incidência parcial da castração, quando o interdito não opera como referência, os sinais de diferenciação perdem a função ordenadora. Nesta função entram outros elementos e Olívia parece testar se o corpo pode ser um deles. Este corpo, além das cicatrizes e marcas, poderá ascender à um registro lógico prestes a ser tornar temporal para então participar de um projeto para si mesma, desdobrado no futuro.

2.2) Perspectiva II - A lógica de uma bricolagem e a especificidade da angústia *Unheimliche*

> Na falta de estabilização do traço que serve de gonzo entre eu ideal e ideal de eu, o *punctum* desempenha o papel agressivo de um supereu corporal que não cessa de subtrair do corpo sua imagem.[109]

O nó estruturante que pulsa no momento da entrevista diz respeito a um conflito narcísico-edípico. Por mais redundante que pareça, este não era exatamente o caso de Dante, envolto com seus objetos primários. Não há "uma" perda que ordene toda a dinâmica. Olívia saiu da redoma familiar, os objetos se desdobraram e ela se encontra prestes a dar um salto. Salto para além da família, para um *estrangeiro* que ela localiza fora, mas que permanece dentro dela. O que a paralisa é o terror de *desfazer-se* ao ficar e o de *perder-se* ao mergulhar.

Corpo e tatuagens vêm, por um lado, mostrar o registro do encontro com o real, dar figurabilidade à perdas variadas, enquanto sustentam - na mesma marca - a diferença, a

[109] Mieli, p.25. *Punctum* e *landmark* são denominações utilizadas por Paola Mieli. O primeiro denota o ponto corporal a partir do qual *o sujeito de sente olhado*, ligado com frequência ao resgate ou demanda de fluidez da transmissão geracional e causa da *necessidade* de criar o *landmark*, ou seja, *marcas que delimitam um território ou objeto que serve de guia ou ainda acontecimento considerado ponto de virada em dado período*. p. 15-16

essência, a borboleta na qual se transformará a pequena lagarta[110]. Por outro, as marcas operam como antídoto defensivo contra o efeito inquietante frente à alteridade, forma de antecipar o choque deste encontro tão temido e desejado.

Conforme a epígrafe, falta à Olívia a dobradiça simbólica capaz de unir as Olívias que se multiplicam, de metaforizar a inscrição e o corte que estabilizam a imagem narcísica e fundam a articulação entre eu ideal e ideal de eu. Lacan teria um elemento teórico para compreender a passagem, mas este não foi o foco escolhido. Em Freud, ficaremos com o *Unheimliche* e partir desta faísca de terror, veremos que o estrangeiro se reveste desta aura assustadora para substituir outro terror – o de deixar de ser ela mesma, de perder as próprias fronteiras.

Um breve comentário antes de centrarmos a atenção sobre a angústia presente nesta dissolução de fronteiras.

Todas as tatuagens de Olívia remetem a uma certa experiência temporal. Olívia diz, amarga: *o futuro é hoje*, é assim que *se deve encarar a vida*. Travestidas pela desilusão, suas marcas - *planeta*, *frase*, *fênix* e *flor* - denunciam uma gradação entre qualidades de existência e inexistência muito anteriores. A finitude e a permanência imaginária dos *corpos celestes*, a efêmera eternidade amorosa do verso tatuado, o eterno retorno da fênix e a tênue durabilidade das flores. Uma espécie de luto preside a conflitiva.

A questão que provoca este *entardecer* subjetivo é paradigmática de uma reflexão de Freud sobre o impossível gozo do belo devido à sua transitoriedade. Em um pequeno artigo,[111] o autor tenta compreender a serena melancolia que invade um jovem poeta frente à beleza da paisagem. Surpreso pelo rapaz permanecer imune às suas assertivas, Freud termina por compreender a situação como um tipo de luto.

Pois bem, claramente Olivia não se agarra a objetos primários, não se identifica com um sintoma do objeto perdido, desdobra a identificação com a avó em uma homenagem pulsante, tênue e viva. No entanto, para ela se mostra *impossível esquecer* qualquer ponta das polaridades presentes em suas tatuagens: a constatação da beleza e do fim são simultâneas e de mesma potência. Algo precisará desequilibrar o jogo para fornecer-lhe movimento. Nas

[110] Um livro traduz este momento pra crianças pequenas. Ele retrata a incrível história de amor, que começa onde o *salgueiro toca a água* e se apóia em uma *promessa: nenhum dos dois pode mudar*. O detalhe fica por conta dos personagens do estranho casal: um *girino* e uma *lagarta*.....

[111] Freud, S. *A transitoriedade*, XIV, 1916 [1915].

palavras de Olívia: *alguma coisa tem que acontecer pra gente seguir* referindo-se provavelmente a outra função de suas tatuagens: relançar o fio libidinal, mais uma vez às custas da narcização corporal[112].

- **O *Unheimliche***

Na lógica conflitiva de Olívia um detalhe nos levará à identificação.

A apreensão do conceito de identificação não é tarefa simples, sobretudo em um caso como o de Olívia: ela não apresenta qualquer ação ou motivação extraordinária para tatuar-se, o contexto geral e os conflitos psíquicos são esperados para marcas de transição da adolescência ao mundo adulto, não há encobrimentos ou arrependimentos. O alto nível de ansiedade é insuficiente para explicar o núcleo conflitivo sem lutos claros ou objetos polarizadores. Algo muda, entretanto, no meio da entrevista, quando Olívia relata dois filmes e a consistência dos relatos atinge uma espécie de projeção terrorífica onírica[113]. A tonalidade afetiva e a desorganização discursiva transformaram a narrativa em fragmento significante, capaz de revelar um deslocamento típico na fantasia de autonomização mortífera da tatuagem. A angústia *Unheimliche* nos guiará através da fragmentação fantasmática à experiência regressiva do *duplo*. O duplo, cuja regressão intrínseca, inscrita nos primórdios da diferenciação psíquica, nos levará novamente à identificação, à pulsão de morte e à tendência a desobjetalização.

Comecemos pelo filme.

> Tem um filme sobre tatuagem. Chama *O Tatuador*, é filme de terror, é o, é o, é um, é uma tribo indígena, que eles fazem uma tatuagem pra marcar a fase do homem e é uma tatuagem, assim, no corpo, e ele é... tem que terminar a tatuagem, e parece que se você não termina a tatuagem você é amaldiçoado, e teve um, um índio que não conseguiu terminar a tatuagem porque ele morreu, e aí todo mundo que fazia tatuagens com a... o... a ferramenta que tinham feito nele, a tatuagem crescia sozinha, porque ele, o espírito dele terminava a tatuagem das pessoas e as pessoas morriam. Que elas começaram a se afogar em tinta. É, é é meio besta o filme, mas eu, eu eu eu achei interessante. É verdade não ajudou muito o lado de quem, enfim,

[112] O corpo aparece como primeira âncora na busca por individuação, pois é lugar privilegiado de tramitação de afetos. Porém não se trata do corpo (somente) como um veículo de uma ação orientada para a realidade externa, mas que se detém em si mesmo em um intento de narcização (REISFELD, 2005, p.83).

[113] De fato, há anos com o material, somente há poucos dias de terminar o trabalho percebi que o discurso se refere a apenas um pesadelo. O outro é o relato de um filme. Ambas as respostas, porém, foram eliciadas pela pergunta a respeito de pesadelos.

> briga para não ter preconceito de tatuagens, porque quem vê esse filme não quer ver uma tatuagem nunca mais.

A descrição do filme *O Tatuador* foi disparada pela questão "pesadelos" e o terror, pela maldição: na lógica da contiguidade, um espírito incompleto (cuja *fase do homem* ficou indefinida) se apodera da tatuagem inacabada, do instrumento e do corpo e continua a terminar o que não foi terminado, afogando as pessoas em tinta. Já o pesadelo foi motivado pelo filme *Jogos Mortais* e tem por tema principal o espedaçamento e desmembramento dos *corpos de familiares*.

No primeiro relato, uma repetição representada por uma força primitiva invade desde dentro, incontrolável, e ameaça a integridade do ego por apagamento. Tinta e espírito surgem ora como algo interno, ora externo, mas *tomam o corpo* e o aniquilam. No pesadelo, por sua vez, a tônica é a morte e a fragmentação de um *corpo familiar*.

Eis o impasse: de origem interna ou externa, Olívia está sob constante ameaça. Nestas rememorações o discurso perde consistência e revela a colagem de peças pouco assimiladas: *cenário*, *figurino* e a *produção* a levaram aos filmes de terror, mas é dos *filmes franceses* que ela gosta, pois *procuram muito mostrar o lado mais bonito do mundo*. Um arremedo de unificação foi conjurado às custas da lógica discursiva e sob a influência de grande angústia.

Freud descreve, sem categorias rígidas, vários tipos de angústia e causas possíveis. Ele ressalta a angústia frente à castração como fonte de toda neurose e em *O Ego e o Id* propõe angústias diferentes entre ego e id ou ego e superego. A angústia que ressaltaremos, entretanto, se encontra no texto O Inquietante[114].

O sentimento *inquietante* ou *Unheimliche* tem por principal característica o ressurgimento de algo que foi uma vez familiar e que teve por destino o recalque, cujo retorno provoca uma derrapagem lógica, causada por um sentimento *estranhamente familiar* caracterizado como angústia. Analisando elementos narrativos, Freud refaz a trama de sua origem infantil e desdobra uma teia de relações causais apoiada em elementos como o olhar, o duplo e a repetição fortuita, relacionando-os à castração, ao superego e à compulsão própria às pulsões.

Uma das particularidades das causas do *Unheimliche* é a participação da percepção: algo foi *percebido*, porém percepção e a faculdade do julgamento foram solapadas pela angústia. Este algo *vem até nós*, em uma representação que está no limite do visível e sobre a qual

[114] Freud, S. *O Inquietante*, XVII, 1919.

normalmente não se pode determinar se pertence ou não ao mundo dos vivos. Ao evocar o recalcado, tal representação ressente à pulsão, à *imortalidade do corpo do gozo novamente incarnado*. (ASSOUN, anotações de aula, 2011)

Olívia foi confrontada à angústia *Unheimliche* quando remetida à autonomização do pedaço do corpo tatuado. Através do terror da *maldição* fomos remetidos, com uma lente de aumento, à uma fantasia/experiência típica. Nos relatos e na bibliografia vimos que uma fantasia importante na relação do sujeito com a tatuagem é a atribuição de autonomia à marca, seja *representacional* – no sentido "dela" mostrar além do que o sujeito gostaria ou - como atualizado no filme de terror - *vivencial*, quando o sujeito experimenta sua marca como algo completamente alheio, fragmentado e com "vida própria".

Assoun (2011)[115] ressalta que a partir da segunda teoria das pulsões, Freud oferece um modelo para pensar a autonomização que alguns órgãos reclamam em determinadas situações. Para o autor, a psicanálise não sistematiza o corpo, não o isola como princípio, mas busca a *vocação somática do inconsciente*, entrevista a partir da histeria e seu *inconsciente em ato*. Não há, portanto, *sintoma psicológico ou corporal, mas momentos somáticos do inconsciente*. Esta compreensão possibilita considerar que, apesar de Assoun se referir à autonomização gozosa de sintomas corporais ou dos órgãos, podemos utilizar a mesma lógica para pensar as marcas corporais. Como nos sintomas, as marcas também atuam sob a topologia corporal fantasmática que tem por fonte sua *vida dupla*. *O corpo pulsional é um corpo de alteridade*, originado e atravessado pelo *grão* de real que faz surgir defensivamente a *pérola* do psiquismo. Na medida em que *somos alienados no corpo e do corpo pela pulsão*, podemos afirmar que é sobretudo o gozo que faz surgir o *corpo estrangeiro*.

Deste ponto poderíamos já supor que o desequilíbrio pulsional, fonte e efeito das tatuagens, movimenta a espécie de fenda tectônica que torna a vida sempre uma *conduta de risco*[116]. Esta vivência de *autonomização* da marca ultrapassa a tênue fronteira entre sentido e não sentido, entre soberania e submissão e confronta o sujeito à variada gama de experiências de fragmentação. A tendência desenfreada de prazer, estilhaça laços e leva à repetição de padrões mortíferos de desobjetalização.

[115] Anotações do curso de Paul-Laurent Assoun, Université Paris VII, fevereiro/2011.
[116] Outra referência do referido curso de Assoun. O autor discorda que o termo *conduta de risco* seja empregado para a adolescência e a juventude – esta é condição intrínseca à vida desde a perspectiva da pulsão de morte.

Outra fonte importante de angústia *Unheimliche* nas tatuagens provém do *duplo*. Criticamos o trabalho de Lo Sardo (Cap. 2) e a ingenuidade de transformar testemunhos psicóticos em conclusões. Porém, é preciso lembrar que a experiência psicótica ilustra de maneira eloquente a passagem da experiência inquietante do duplo para vivências de personificações persecutórias. Em um mais além da autonomização e da sensação de estrangeiridade ao corpo próprio, o *Unheimliche* vivido por Olívia remete à experiência circunscrita de contato com o *duplo*.

Freud define o duplo como espécie de *equívoco sobre o próprio eu* e o aproxima da *própria imagem vista no espelho, com a sombra, a alma*, duplos *que devem sua origem a uma segurança contra o sepultamento do eu.*[117] Para Freud, o duplo remete à fontes infantis e, sobretudo, a perturbações do ego, momentos de *retrocesso a fases singulares da história do desenvolvimento egóico, de regressão a épocas em que o ego não havia se separado claramente do mundo exterior, nem do Outro* (...) *efeitos que contribuem para a impressão inquietante* (FREUD, 1919, p.236, tradução nossa).

No seguimento da descrição, somos surpreendidos com uma sobreposição dos conceitos do duplo e da identificação. Diz Freud:

> A *representação do duplo* não é necessariamente sepultada junto com o narcisismo inicial, com efeito pode tomar novos conteúdos a partir de estadios posteriores de desenvolvimento do ego. No interior deste se forma pouco a pouco uma instância particular que pode se contrapor ao resto do ego, que serve de observação de si e de auto-crítica, desempenha o trabalho de censura psíquica e se torna notória como consciência moral. (FREUD, 1919, p. 235, tradução nossa).

No texto, Freud chama de *representação do duplo* o que em 1923 chamará de identificação – o mecanismo descrito corresponde ponto a ponto à hipótese do superego a partir das identificações primárias.[118] Eis que o *duplo* nos reintroduz no campo metapsicológico das identificações, mas não de qualquer identificação - a fronteira inquietante do duplo em seu aspecto regressivo convoca as identificações narcísicas, que mantêm ativa a dialética com o investimento.

Na transição que vive Olívia, seus lutos, conflitos, desejos, amores e terrores estão em curso. Corpo e a tatuagem registram enquanto protegem, ordenados na antecipação fóbica do contato com o objeto. Em um nível metapsicológico de análise, vimos que o *Unheimliche* - no mais

[117] Freud, S. *O Inquietante*, XVII, 1919, p. 235.
[118] Cf: Freud: *O Ego e o Id*, 1923, parte III, p. 30-40.

como qualquer angústia – opera como sinal de fumaça a indicar um conflito, ou melhor, o *Unheimliche* surgido dos filmes de terror indicaram o caminho da identificação em sua primariedade.

Por fim, é de se notar que toda identificação, na medida em que aproxima o ego excessivamente de *seus outros* provoca angústia *Unheimliche.*

> Como a gravidade, a mimesis é atração e repulsão: a imitação é a princípio aprendizagem e o modelo unicamente modelo. Logo, porém, a imitação do gesto faz convergir a mão do modelo e aquela do discípulo sobre o mesmo objeto: o modelo se torna rival e a mimesis conflitual. Assim a mimesis engendra ora atração, ora repulsão, assim ela produz tanto aprendizagem quanto o conflito, a aquisição não violenta e a violenta, a paz e a guerra, a aliança e a discórdia, o agonista e o antagonista, o semelhante e o diferente (...) A mimesis universal, como a gravidade, é polimorfa em suas manifestações: a mimesis é imitação no espaço, repetição no tempo e reprodução na espécie. (Oughorlian, J.-M *in* Mijolla, 1984, p.500, tradução nossa)

Como visto, tudo que implicar no retorno das moções desejantes primárias e recalcadas será vivido como angústia. Os *avatares do eu*, até então sinal de enriquecimento egoico, serão vividos como ameaça de retorno a um tempo abandonado a duras penas, quando ainda reinava a fragmentação auto-erótica de si e do mundo. O horror, entretanto, não tem origem exatamente no aspecto fragmentário, até porque, como sustenta Clavreul (1968), a onipotência protege a criança do contato com o que identificamos como fragilidade. O horror tem ressonância com o enredo proposto pelo complexo de castração, é a ele que o retorno da onipotência remete e atualiza.

3 – Nina

3.1) Perspectiva I: A lógica de um conflito

> É, eu tenho uma cicatriz no joelho, aqui, duma marca quando era criança eu tava descendo uma montanha commm... com papelão, acabou que caí em cima da pedra, entrou no meu joelho, é horrorosa a marca, eu detesto, (me mostra), é a única marca que eu tenho e eu acho horrorosa marca de cicatriz. Tenho.. silicone, então fica uma marquinha na auréola, mas eu detesto, acho horrível qualquer tipo de cicatriz na pele assim. Ah! e no apêndice também eu tenho, que eu tirei o apêndice, mas é bem pouquinho... (...), mas eu detesto. *E – e quando foram essas outras três marcas?* (...) do joelho eu devia ter uns cinco anos, mas o meu pai sempre me alertava de marca "ah quando você crescer você vai ver como você vai se arrepender, não pode ficar brincando na rua pra ficar caindo, que depois fica horroroso e tal". (...) Eu acho horroroso.. também, por mim mesma, talvez quando eu tiver meus filhos eu vou ter esses cuidados pra eles não machucarem.

Detestar cicatrizes e buscar tatuagens. Apenas um conflito, um impasse ou uma negociação podem aproximar estes pólos. Aproximação confusa, *incongruente* como conta Nina, a serviço de pavimentar uma *permanência* possível.

- **Anamnese do sujeito e das marcas**

Nina e outras duas pessoas seriam entrevistadas em Guarulhos. No horário estipulado, duas desmarcações. Ligo então para Nina, que conta que não irá, machucou o pé, mas se eu quiser podemos manter o combinado. Seu modo de falar e a proposta que eu vá até ela invertem a relação de poder da entrevista e a colocam, de certa forma, no controle da situação.

Entrevistei Nina em fevereiro de 2010, ela tinha 23 anos. Encontro uma jovem mulher, bonita, com modos de vestir e sentar meio hippies e um *ar* insolente. A palavra a descreve bem: insolente. Sua postura, ao mesmo tempo segura, solta e livre, afronta.

Administradora recém-formada, Nina não trabalha, mora com os pais e estuda para concursos públicos. A mãe não estudou e nunca trabalhou fora de casa. O pai tem uma mercearia. Tem dois irmãos mais velhos, de 30 e 26 anos, que moram fora desde os 18 anos. O mais novo é

casado e tem um filho. Ambos são tatuados, mas o pai não tem conhecimento de tal fato, a única tatuagem que ele viu foi a das costas de Nina.

Este pai aparece como um homem violento no discurso da filha, mas nas duas vezes em que foi afrontado por ela, não teve uma reação violenta. Sua violência não aparece nas ações, ao menos com a caçula. A mãe é *um doce*, porém *deprimida*, infeliz e submissa a este homem que apresenta um *problema de infidelidade* recorrente.

Sobre as marcas, Nina fez quatro: um *piercing* no umbigo, uma borboleta de 3cm na virilha, a frase *Don't worry, be happy* no seio e outra frase - *Desbravadores e livres* - verso de um poeta sobre a escravidão das horas, nas costas. Cada uma das frases *descrevem bem a pessoa que ela* é, *feliz*, *otimista* e *livre*. Contudo, a origem do verso é uma historieta em que o autor se gaba de sua liberdade enquanto narra as perdas em consequência da mesma.

Resumo das marcas:

Tatuagem	**Idade**	***Piercing***	**Idade**
borboleta	um dia antes dos 18 anos (2005)	umbigo	13 (2000)
Don't worry, be happy	21 (2008)		
Desbravadores e livres	23 (2009)		
Outras "marcas"			
Cicatriz joelho	5 (1992)		
Cirurgia do apêndice	final/2007 e início/2008		
Silicone nos seios	Junho (2008)		
Parou de fumar	Outubro (2008)		

Durante a entrevista aparecem outras marcas e, com elas, algumas *incongruências* na descrição sobre tatuagens de namorados e cicatizes. Para Nina, elas são *horríveis* e, deve-se notar, se condensam em um curto período de tempo, o ano de 2008, ano em que completou 21 anos. No decorrer da conversa, emerge a jovem inteligente e seu caráter impulsivo.

- **Enunciados e alteridade**

O tom da voz e o modo da emissão é um contínuo, raramente temos pausas, todas as pontuações são dadas pela entonação. A ansiedade assim se apresenta: a voz muda, o corpo se movimenta e apesar da fala firme, do conteúdo decidido, a forma ininterrupta mostra sua fragilidade. Logo após contar seu nome e idade, diz:

> Eu me formei em Administração tem uns seis meses, to fazendo cursinho pra passar em concurso, já fiz um que tirei 46 né... vou pro próximo cursinho agora... pensava em ir pra Nova Zelândia agora em março, não vou mais, terminei um namoro, ah! comecei a namorar com outro (risos) que é esse inclusive que estou aqui na casa dele, e é isso.. moro com meus pais ainda.. estou meio sem rumo do que vou fazer, que eu formei, não tou trabalhando, não sei bem o que vou fazer agora. *E – uma época de mudanças.* É, exatamente.. já falo sobre tatuagem?

A frase desenha, sem anteparos, um resumo de momentos-chave dos últimos meses. Ela se escancara no discurso, como escancara seu corpo: me mostra todas as tatuagens e cicatrizes sem titubear, mesmo as que ficam em partes mais íntimas. Eis novamente a ansiedade, dessa vez na relação com a alteridade. Deve-se notar que desde o telefonema me coloca sob controle excessivo e, ao mesmo tempo, convoca uma proximidade excessiva. (corporal, casa do namorado, o interesse por *psicologia*)

O controle que exerceu sobre a situação foi realmente forte, contra-transferencialmente saí exausta, esvaída. Nas análises iniciais um ato falho denuncia a qualidade afetiva do encontro, escrevo: “função de anteparto”, no lugar de “anteparo”. Algo está explodindo e retido, aparentemente um impasse se desenha.

A relação com a alteridade é ponto crucial. Dissemos que o par controle-abertura é excessivo. Os excessos não disfarçam a clara sensação de ser descartável. Por exemplo: ela me recebe na casa do namorado e no meio da conversa entram o pai e o próprio rapaz. Ela não muda o tom, não perde o fio, não interrompe a conversa. Olha e, educamente, os ignora.

Logo aparece a fonte de tantas formações reativas. Tem pavor de depender:

> não consigo.. visualizar esse negócio de dependência de alguma coisa de cigarro, de pessoas, porque na minha casa eu tenho.. a gente tem problema com meu pai de infidelidade, assim, com a minha mãe,

Nina percebe que *isso tevee... uma grande influencia pro que eu sou hoje, assim, de não querer isso* [dependência] *pra mim de jeito nenhum*. O começo inusitado do atual namoro durante as festas de Natal, no momento em que se preparava para se mudar com o outro namorado pra Nova Zelândia em março, é sintomático. Ela não se questiona e na sua sucessão de afirmativas, explica que não pode se colocar em uma *relação de raiz*: *por exemplo se eu for pra uma próxima cidade, eu tenho certeza que eu posso construir com emprego, com amigo, qualquer outro tipo de.. relação, mas que não seja aquela relação de raiz sabe...*

Liberdade, de fato, é um significante fundamental. Para não se sentir completamente amarrada, para se sentir livre, o outro precisa ocupar o lugar preciso. Nina vive uma liberdade reativa, amedrontada e, por vezes, ácida e cínica. Esta mesma necessidade de se sentir livre alimenta a *impulsividade*. Ser impulsiva, para Nina, é a prova de que pode fazer o que quiser, quando e da maneira que inventar, no último momento, do dia para noite, porque ela é assim *doida*. Doida, porém *fácil de lidar, calma, feliz, otimista*.

Outra tensão se liga à alteridade - o futuro. Nina não pode conceber criar raízes, mas fala, mais de uma vez, sobre o planos de ter filhos: neste momento mal consegue pronunciar a palavra *maternal*. Parece que o plano de ser mãe entra na zona de conflito da *dependência*.

Essa dificuldade se expressa no que ela chama de *incongruências*: referindo-se à tatuagem do namorado da Nova Zelândia, conta que não pode imaginar *ver algo a vida inteira*. A ideia de permanência, percebida através das tatuagens e cicatrizes em seu corpo ou no alheio, a levam de volta à temida semelhança com a mãe, sua passividade e impotência gozosa. Tocada neste ponto, quem decide é o sintoma e a impulsividade se apresenta para dar novos rumos a impasses afetivos.

A busca por algum tipo de *permanência,* entretanto, se repete e a interroga: *eu sempre falava "nossa, nunca vou fazer... eu não penso em uma coisa pra ficar comigo a vida inteira" (micro pausa) e tal... daí acabou que.. isso a gente era pequena, tinha treze anos, eee eu furei o umbigo*. O lugar do *piercing,* que deveria ser reversível e que ela detestava um ano depois, está aberto até hoje. Mesmo, ou melhor, por não poder imaginar *algo pra vida inteira*, fez as tatuagens.

Junto às *incongruências*, há áreas de indiferenciação: na explicação da infidelidade do pai, nas figuras combinadas do amigo-namorado-irmão ou da mãe-amiga-cópia, pulsam zonas de indiferenciação. Nestas, Nina parece se tranquilizar se colocando no papel de "conselheira", sem perceber a função destas montagens para si mesma.

- **Marcas corporais e *Rapport* com as marcas**

As primeiras motivações são ligadas à *rebeldia*. Conta que fez as tatuagens *de onda, em lugar escondido, mais para afrontar o pai*. Estas logo se revestem de uma outra aura, fundamental para Nina: apesar de ser contra marcas, tatuagens ou qualquer coisa *pra vida inteira*, ela pode a qualquer momento *mudar de ideia*. Esta descoberta foi uma revelação e o início de várias atuações:

> Não sei, eu tive vontade de fazer... talvez por impulso mesmo, fui e fiz, não é uma coisa tão ruim e tal... daí acabou fiz outra, fiz outra, não sei se vou fazer a próxima, talvez um dia acordar com vontade de mudar, tem isso de mudança também, você querer fazer alguma coisa nova, que não seja cortar o cabelo ou pintar, vai e faz uma tatuagem. Não sei como vai ser a próxima.

Em relação à dor, ela diz que *é uma lenda, existe um incômodo da agulha, dor não*. Dor, sofrimento, dúvidas ou arrependimentos não fazem parte do vocabulário de Nina, para quem a mãe – por exemplo – poderia *escolher representar outro papel*.

As tatuagens e sua permanência remetem a conflitos e provocam inúmeras derrapagens: nunca gostou de tatuagens, acha que enjoaria de vê-las diariamente, detesta tatuagens nos namorados, não aconselha os primos a fazerem, avalia que não é necessário este tipo de coisa para ser diferente, odeia suas cicatrizes e fará com os filhos o que o pai fez com ela – evitar que brinquem e se machuquem para evitar cicatrizes. Por outro lado, conta que se sente diferente e especial, *que tem um valor que agrega você... estar diferente*. Há algo ali que, mesmo no registro do *sempre,* começa a *fazer parte dela*.

Não fazer parte do vocabulário não torna os arrependimentos evitáveis. Nina não consegue encará-los: conta do arrependimento do irmão, do vizinho e diz que faria suas três novamente. Na frase seguinte diz que talvez não repetisse a borboleta, *não é um sinal, um inseto que não simboliza nada*. Quinze minutos depois diz que não faria a frase nas costas, com a qual se sente muito incomodada pelo assédio das pessoas questionando ou tocando seu corpo para terminar de ler o que tem escrito. O arrependimento como possibilidade retorna inúmeras vezes, sempre negado.

No segundo turno de motivações, depois de racionalizações sensíveis, pergunto:

> E – *esses não foram exatamente seus motivos né?* Não. *E – esses são motivos de outras pessoas, mas não foram exatamente os seus né?* Não. Os meu..s foi mais

> por... não sei se por, achei bonita a letra, achei que combinava eu ser magra assim, talvez oo.. eu lembro do motivo... idiota de falar assim, mas eu pensei que se eu tivesse uma tatuagem perto do seio... talvez eu não engordaria tanto, porque é um lugar que se você for gorda vai ficar horroroso (...) então talvez isso faria com que eu tivesse mais disposição para ir malhar, (...) eu não malho, detesto malhação, mas eu tenho motivos futuros "ai eu nunca vou querer me descuidar do corpo por ter tatuagens", entendeu?

Há algo mais que a inscrição de referentes. Nina parece buscar balizas confiáveis para construir diferenças. Ela não pode correr o risco da identificação feminina com esta mãe, excessivamente próxima e semelhante: *é.. a gente é super, a gente é cópia, eu e ela, é minha cópia assim*.

Outra função da tatuagem para Nina: as frases parecem estabelecer uma *conversa*, elas têm endereçamento claro. A primeira é a resposta literal a uma intervenção paterna[119] e a segunda uma espécie de *conselho* para a mãe e para si mesma. Nestes recados que registra em si mesma, Nina mostra a busca de que o corpo travestido pelas marcas possa simbolizar a referência do ideal de eu através de cortes que estabilizem o narcisismo, protegendo assim sua singularidade.

- ***Rapport* com o corpo**

Segunda nossa *conselheira*, o corpo é investimento seguro. Pensando nas motivações dos outros, diz: *pode ser isso, você querer levar pra sempre no seu corpo, que é uma coisa que você não vai perder, é um... valor que você investe, e que você não perde, está sempre aí com você.*

Chamou nossa atenção a forma como Nina exibiu tal *objeto de valor*. A tatuagem da virilha, que fica sob os pêlos pubianos, ela mostrou duas vezes, a primeira para mostrar a tatuagem, a segunda para que eu visse como os detalhes, as cores e as formas que desapareceram dentro das asas. Mostrou todas as outras sem se questionar se eu gostaria de vê-las, simplesmente enquanto falava, mostrava. A mostração, contudo, não pareceu exibicionismo, tampouco o controle sobre o *outro*, descrito acima, parecia posse - para ambos seria necessário que o objeto em questão tivesse algum grau de importância. Pareciam mais um exercício de poder

[119] Como transformamos as frases tatuadas e o local corporal para proteger a identidade da jovem, esta interpretação não poderá ser exemplificada.

tipo *eu quero, eu faço*. Na dimensão do sintoma, o único lugar possível para qualquer alteridade está rigidamente codificado.

3.2) Perspectiva II - A lógica de uma bricolagem e as identificações edípicas

> Do ponto de vista dinâmico, a identificação pode ser descrita tanto como um modo de descarga pulsional quanto como uma defesa: o compromisso que sustenta a identificação a coloca a serviço da satisfação bem como da punição. (Donnet e Pinel, 1968, p.21, tradução nossa).

O complexo edípico completo - confronto amoroso com o pai e identificação com a mãe e vice-versa – deixam uma forte marca na organização psíquica de Nina. Impetuosa e decidida, porém sem autonomia verdadeira, Nina não pode pensar e está sendo engolida nesta nova fase de escolhas, onde seus desejos precisariam norteá-la no desenho de um futuro.

No caso de Nina, o eixo ordenador não foi desencadeado pelo luto, mas pelo conflito edípico. Inúmeras identificações e investimentos sobre o pai e a mãe formam o ponto nodal, o núcleo que organiza suas relações, escolhas, decisões, que confere a tonalidade reativa que preside a dinâmica afetiva, a identidade e as representações de si.

A angústia mais aparente é depender afetivamente de alguém a ponto de perder o contato com o passado e a possibilidade de escrever o futuro. Esta identificação provoca ações defensivas, contrainvestimentos, tentativas de evitar a repetição da história parental. Ao mesmo tempo, *incongruências* afloram nas marcas corporais, marcas que não se apagam, história que precisa *fazer parte dela*, marcas que ela busca, ao mesmo tempo em que se pune por portá-las, marcas que selam as identificações edípicas do romance familiar e simultaneamente rompem a aura imaculada do corpo-filha ideal do discurso parental – criando inclusive uma permanência possível. Eis a perspectiva conflitiva, que nos levará à função do corpo e das marcas.

A impulsividade está inserida em uma dinâmica, um *modus operandi* que aponta o compromisso entre dependência e liberdade e este conflito envolve a oposição entre marcas e cicatrizes. Se as cicatrizes são vividas como castigo, *piercing* e tatuagens têm a difícil função de se tornar uma resposta concreta ao desejo paterno e ao gozo materno, de inscrever enquanto rompe com as insígnias parentais, criando um espaço onde possa aflorar seu próprio desejo.

Deste lugar onde operam as marcas corporais, transparece a divisão e o compromisso da tensa relação ego-superego, perceptível na pequena liberdade de Nina. Se a impulsividade lhe dá movimento, a recusa de laços duradouros, os arrependimentos e a constante sensação de carregar marcas horrorosas, operam como *punctum* que lhe tolhem a imagem de si[120].

No momento em que o conflito edípico resvala nas representações narcísicas, o sujeito se confronta com a castração que deverá indicar o que será perdido ou mantido e a que preço. Nina se debate entre a labilidade do narcisismo infantil e primitivo do eu ideal e a busca de estabilização simbólica para as representações de si, conferida pelo ideal de eu. Esta é a passagem que corpo e tatuagem buscam pavimentar.

- **As digitais do superego**

No Capítulo 4 evidenciamos que há inúmeras versões freudianas sobre o papel das identificações. Mas voltemos no tempo. Precocemente, Freud[121] indica que identificação se relaciona à capacidade de *sofrer por uma comunidade de pessoas*. A palavra *comunidade*, como a *pluralidade*, remete à identificação como sinônimo de enriquecimento e ampliação das fronteiras do ego. Mas qual função psíquica se apóia em *sofrer*?

Para pensar este *sofrer*, voltemos aos três pacientes citados por Freud na carta à Fliess de 1897[122]. Não deixa de chamar atenção que o traço identificatório ali presente seja o traço menos atraente do objeto: o humor depressivo, a inibição, a falta moral ou a tosse, no caso de Dora (1905). Vejamos outro exemplo também célebre.

Nos comentários do sonho da Bela açougueira, a interpretação do desejo de um desejo insatisfeito à amiga, uma "identificação em negativo" não faz sentido para o funcionamento inconsciente. Do ensinamento freudiano sobressai que a identificação histérica se baseia no reconhecimento de um desejo comum, mesmo que insatisfeito (a identificação em ação no hospital feminino, por exemplo). Quais desejos estão em jogo no sonho e no sintoma de não querer comer caviar, se ao marido interessam as mulheres *cheias*? Uma identificação à rival

[120] *Punctum* e *landmark* são denominações utilizadas por Paola Mieli (2002). O primeiro denota o ponto corporal a partir do qual *o sujeito de sente olhado*, ligado com frequência ao resgate ou demanda de fluidez da transmissão geracional e causa da *necessidade* de criar o *landmark*, ou seja, *marcas que delimitam um território ou objeto que serve de guia ou ainda acontecimento considerado ponto de virada em dado período*. p. 15-16.
[121] Ibid, 1900, Cap.4, acima, p.74.
[122] Sigmund Freud: Lettres À Wilhein Fliess, 1887-1904. Edition Complète. PUF. Carta de 02/05/1897, nossa tradução. Ver acima, Cap.4, p.74.

sob o modelo parcial de um traço inconsciente seria uma resposta possível[123]. Outras interpretações são factíveis como, por exemplo, a de que a esposa desejava ser menos atrativa para o marido. No entanto, o que nos interessa é a hipótese de que a identificação, mesmo se desenvolvendo nos domínios do ego, pode apresentar as *digitais* do superego ao manter junto ao objeto o sinal do recalque e da interdição. Qual mecanismo opera nesta curiosa seleção?

No rol complexo de funções psíquicas da identificação, salientamos nos casos de Dante e Olívia os aspectos narcísicos e a angústia *Unheimliche* que podem ser determinantes no processo. Com Nina, focalizaremos a identificação como uma maneira de internalizar, junto ao objeto, uma cota do próprio desejo que lhe é destinado, ou seja, o efeito de *colonização* que tal mecanismo significa para o ego, expondo-o à ingerência das instâncias ideais.

Tal qual a possessão indiscriminada da família real portuguesa ao aportar no Brasil[124], que marcava com PR (Príncipe Regente) os imóveis que tomava aos moradores, quando o traço de identificação recai sobre o sintoma ele aponta, simultaneamente, para o gozo masoquista do ego, bem como para recalque do desejo ali soterrado – ambos condensados no índice do sofrer. Esta operação vincula o ego ao superego e exemplifica o esvaziamento daquele frente aos excessos identificatórios da histeria.

Assim, o preço da atração de investimentos do id é a colonização do ego por sanções superegoicas. Antes mesmo de selecionar o traço pulsante do objeto perdido, a intervenção superegoica se faz sentir na moldagem das identificações ao fragmento de um sintoma, inibição ou mesmo doença corporal.

Se mantivermos o foco na identificação como regressão de investimentos para o eu, podemos perguntar: qual a grande diferença deste refluxo pulsional e o fenômeno da melancolia, quando *a sombra do objeto recai sobre o eu* e o superego trata o ego com a severidade que destinaria ao objeto *perdido*? Há dois elementos que devem ser considerados. Primeiramente, a parcialidade da identificação na neurose, diferente daquela da melancolia. Que o mecanismo incida sobre um traço é fundamental, pois que tolhe ao ego uma pequena parte de sua soberania, mantendo um lastro de potência para que execute sua tarefa sem se deixar engolfar pelo objeto, a partir de então supervisionado de perto pelo superego. O *traço* do objeto não indica apenas uma pequena parte do objeto - que de fato é mais uma *cena* condensada que

[123] Donnet, e Pinel. juillet/1968, p.18.
[124] Gomes, L., 2007.

verdadeiro traço[125] -, mas sobretudo uma pequena parte do ego transformada por esta introjeção.

Em segundo lugar, é preciso assinalar as características da identificação quando ligada ao Complexo de Édipo. Deixamos o campo onde predominam questões narcísicas das identificações primárias; agora, a perda do objeto alcançou elaboração possível e o psiquismo pôde negociar a formação de sintomas mais ou menos egossintônicos, bem como do caráter, através da multiplicidade de identificações parciais.

Vale ressaltar que na dimensão edípica da castração a flexibilidade alcançada pelo espaço triangular permite que a identificação colabore com o investimento através de uma saída que não passa pelo recalque. Essa saída organiza a função sexual diferenciando e ao mesmo tempo preparando vias alternativas de retorno pulsional[126].

Para finalizar: o que se pode apreender da abordagem freudiana da identificação é que ela está essencialmente ligada à formação do superego. Das identificações primárias às formações reativas ligadas ao caráter, da força sádica do superego às identificações parciais da formação do sintoma e impregnadas das digitais superegoicas, desde o estabelecimento desta instância, do mais baixo ao mais alto comportamento na escala de moralidade psíquica, os temas aparecem sempre relacionados.

[125] Acima, p.74.
[126] Donnet, JL; Pinel, JP., juillet/1968, p.17.

Um Estudo sobre as Funções da Tatuagem e da Identificação à luz da Psicanálise Freudiana

Capítulo VI

Conclusão

> A perda do objeto é, portanto, suscetível de abrir as comportas desta desintrincação que encontra no corpo seu campo de batalha. É o que abre a dimensão de gozo, verdadeira "complacência somática" do luto – o corpo se adiantando à perda para tentar simbolizá-la.[127]

Autores como Le Breton (2002) e Reisfeld (2005) refletem sobre as marcas corporais, abordam o universo dos jovens e neste, invariavelmente, o luto. De fato, não é possível tratar de juventude e não tratar do luto. A abordagem do luto neste trabalho ultrapassa a fenomenologia e parte na direção da sua metapsicologia.

Partimos das questões suscitadas por um lindo caso de tatuagens ligadas ao luto (Dante) e adentramos o universo conceitual das identificações. Estas escolhas determinaram uma perspectiva, que revelou toda sua extensão apenas no final do trabalho.

Todo o caminho trilhado sob este olhar nos levou ao esboço do aparato estruturado a partir das linhas de força desenhadas pelo encontro traumático com o objeto ou – o que neste caso não é muito diferente – sua perda.

Acreditamos que iluminar fragmentos destas cenas com o conceito de identificação contribuiu para dimensionar a complexidade do fenômeno das tatuagens, enriquecendo sua compreensão em detalhes metapsicológicos, bem como produziu desdobramentos do potencial do conceito de identificação em alguns de seus aspectos. Cientes dos limites impostos por nossas escolhas, retiremos deste enquadre determinante os frutos possíveis.

---

[127] Assoun, PL. *Le deuil et sa complaisance somatique*. Revue Française de Psychossomatique, nº30, 2006, p.129. Na perspectiva de Assoun, « complecência somática » é uma má tradução. Segundo sua interpretação, a palavra equivalente em Freud tem o sentido "ir ao encontro de". Assim: *o corpo vai ao encontro do luto* na tentativa de simbolizá-lo.

Gostaríamos de iniciar com a própria proposição do conceito de *identificação* em Freud. A manutenção da mesma nomenclatura para processos tão díspares quanto identificação primária, narcísica, histérica ou com o traço do objeto, só poderia ser admitida em um autor tão profícuo como estratégia. A insistência, mesmo que no plano teórico-conceitual, também pode obturar um sentido oculto, insistência que produz não apenas confusão, mas apontamento. Qual elemento manteria a coesão mínima e fundamental para justificar o registro sob o mesmo significante?

A teia formada pelo conceito, por intermédio do qual elementos são dispostos em relações recíprocas tensas, semelhante a um campo gravitacional, nos levou a propor que a identificação confronta sempre ego e objeto e, na maior parte das vezes, como elementos antagônicos. Ego e objeto se fundem e confrontam como perigos aos quais o equilíbrio econômico do aparato deve atentar, tal qual Cila e Caríbdis, os monstros mitológicos colocados por Circe em uma estreita passagem marítima, que obrigavam Ulisses, ao se distanciar de um deles, a aproximar o navio perigosamente do outro.

Subterraneamente, os dados e análises ordenaram-se a partir de momentos de confronto estruturante entre ego e objeto, como na fundação traumática do aparato, no narcisismo e no Complexo de Édipo.

Por outro lado, a mobilidade do objeto psíquico envolvida no mecanismo da identificação é tão fundamental quanto a potencialidade econômica do conceito. O objeto pode vir a ocupar um lugar *indevido*, capaz de apagar a necessária e fluida dialética entre *ser* e *ter* o objeto – como na imagem poética e inquietante em que o ego desaparece sob a sombra do objeto.

Na análise do caso de Dante focalizamos os percalços do *ser o objeto* e os aspectos melancólicos do luto. Com Olívia pudemos centrar atenção no *ter*, estado que também admite gradações. De maneira algo semelhante ao *ser*, sua polaridade se dá nos extremos entre incorporação e metáfora, podendo representar desde o mais cru invaginamento do objeto cravado na pele à metáfora de um investimento libidinal constitutivo do eu. Apesar de tênues, as distinções propostas são o espelho de que o conceito de identificação se presta a sustentar a necessariamente imprecisa localização do objeto no psiquismo.

O que nos leva a outra hipótese: no universo estudado, as tatuagens atualizam a excessiva proximidade do outro, não necessariamente o *objeto*, mas a alteridade desenhada pela ausência que habita as entranhas mais primitivas do eu, travestida em identificações e

denunciada pelo *Unheimliche.* Tal efeito fica multiplicado na regressão ou em estruturas ditas narcísicas, quando o *Unheimliche* torna-se a fronteira observável deste aspecto especular estrutural da experiência subjetiva.

Mais ainda: a emergência do *Unheimliche* ligado inerentemente à identificação pode ser a maneira de focalizar o *estatuto inquietante do objeto*: nem vivo, nem morto, nem abandonado, nem introjetado, nem dentro, nem fora, representado com frequência pelo sempre estranho reconhecimento de uma identificação. Queremos sublinhar que toda identificação, na medida em que aproxima o ego excessivamente de *seus outros,* provoca sempre certa angústia *Unheimliche.*

No reflexo fenomênico desta problemática, o sujeito que crê *customizar-se* em sua busca estética e narcísica pelas tatuagens, se vê enredado na pulsação infinita da trama desejante, trama em que o objeto quer *falar*, se representar, inscrever-se. Simultaneamente, o sujeito se depara com outra esfera, na qual se vê *possuído*, de onde surge a tendência à desobjetalização. Desenharíamos a fronteira da identificação não como um círculo, mas como margens de um rio, envelope aberto, fronteira dupla que define três espaço diferentes. Na margem esquerda correm as representações do eu, na direita as do *outro* e – no *entre* - se deslocam os elementos intercambiáveis.

As construções metapsicológicas se apoiaram sobre o fenômeno, mas ambos permanecem em campos heterogêneos. Nas tramas da marcas indeléveis descortinaram-se universos insuspeitados. Retomemos.

Destacamos brevemente a dimensão social da tatuagem como mercadoria, os inúmeros aspectos da prática, porém, o ganho principal se concentrou em descortinar a potência da expressão subjetiva do processo, a demanda de trabalho psíquico e a tendência a operar como polo de interpretação da subjetividade. Mas fomos além. O ganho verdadeiro foi enveredar pela função de apelo, de invocação da questão labiríntica do sujeito moderno: *Onqotô*[128], momento em que a própria existência em seus mínimos atos cotidianos torna-se o ponto de interroga-ação, ação que esconde a procura por um intérprete que possa dar ao fenômeno sua consistência de *questão*.

Deste ponto, o reverso: a questão se torna solilóquio e as marcas tendem a *fechar o corpo*, a *tomar o corpo* ou a *tomar corpo* autonomamente, aterrorizando os sujeitos em suas ricas e

[128] Cf. discussões do Cap. 2, acima, p.30.

solitárias encenações. Permanecerá sempre, *oxalá*, o *enigma* como uma pequena brasa, que a cada vez que for soprado por um encontro ressurgirá com sua potência transformadora.

Nos casos relatados, tal *questão* parece destinada a ser respondida na própria teia de origem. Os jovens apresentaram o *trabalho de figurabilidade* bem acabado, digamos, mas seus interlocutores são efêmeros: talvez, tal qual o capital cultural acumulado (BAUDELOT, ESTABLET, 2000, p. 207), sem o Outro, esta riqueza ou se degrada ou é aniquilada na compulsão.

Na dimensão pulsional, por fim, uma tatuagem pode compartilhar da existência dúbia daquele estímulo doloroso que, apesar de habitar o corpo, permanece sem registro possível enquanto não ratificado pelo olhar materno na função de Outro. Quando sem endereçamento ou questão, a tatuagem pode representar a ausência radical de sentido.

Mas ainda, neste seu destino de escoamento, a pulsionalidade pode se tornar caldo fragmentário que atravessa o corpo e reacende antigos pontos de fixação, onde se engancham letras, signos, ativam-se proto-memórias. Nesta enxurrada, o corpo poderá se tornar ancoragem e o registro no corpo, novamente, protótipo de uma inscrição.

Bibliografia

AGAMBEN, G. *Nudités*, Paris: Editions Payot & Rivages, 2009, 191 p.

ARAUJO, L. *Tatuagem, Piercing e Outras Mensagens do Corpo*. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 1997, 85 p.

AUGÉ, M. *Non Lieux*. Introduction à une anthropologie de la surmodernité, Paris: Éditions de Seuil, 1992, 43 p.

ASSOUN, P.L. *Dicctionnaire des oeuvres psychanalytiques*. Paris: PUF, 2009, 468 p.

_____ Le deuil et sa complaisance somatique. In: *Revue Française de Psychossomatique* : Deuil et Somatizations. nº 30, 121-131, 2006.

BARBERIS, O.; LIPPI, S. Effraction et nom à l'adolescence: le tatouage. In: *Cahiers de psychologie clinique*. Bruxelles: De Boeck Université, n° 33, p. 159-175, 2009.

BAUDELOT, C.; ESTABLET, R. *Avoir 30 ans en 1968 et en 1998*. Paris: Éditions du Seuil, 2000, 213 p.

BEGOIN, J. Présentation: quelques repères sur l'évaluation du concept d'identification. *Revue Française de Psychanalyse:* L'Identification. Paris: PUF, nº2, p. 483-490, 1984.

BOREL, F. *Le Vêtement incarné*. Paris: Calman-Lèvy, 1992.

BOURDIEU, P. (1963) Travail et Travailleurs en Algérie. In BAUDELOT, C.; ESTABLET, R. *Avoir 30 ans en 1968 et en 1998*. Paris: Éditions du Seuils, 2000, 213p.

BRACKENRIDGE, H.M. Voyage to South America, In GOMES, L. *1808:* como uma rainha louca, um príncipe medroso e ma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2007, 200 p.

CAÏN, J. *L'Identification: l'autre c'est moi.* Les grandes découvertes de la psychanalyse. Collection dirigé par Bela Graunberger et Janine Chasseguet-Smirgel avec le concours de Claire Parenti. Paris: Ed. Sand & Tchou, 1978, 318 p.

CALLIGARIS, C. *A Adolecência*. Coleção Folha Explica, São Paulo: Publifolha, 2001, 88 p.

CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Larousse in extenso. Paris: Ed. Larousse, 2009, 602 p.

COSTA, A. *Tatuagem e marcas corpor*ais. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, 148 p.

DE CERTEAU, M. In : AUGÉ, M. *Non Lieux.* Introduction à une anthropologie de la surmodernité. Paris: Éditions de Seuil, 1992, 102 p.

DENIS, P. Corps et langage. In: *Le Carnet PSY*, 8/2006 (n° 112), p. 44-47, Boulogne Billancourt: Editions Cazaubon, 2006, 52 p.

DONNET, J.L; PINEL, J.P. Le problème de l'identification chez Freud, in DAMON-BOILEAU, L; FINE, A; WAINRIB, S, *Identifications*, Paris: PUF, 1968, 160p.

DUNKER, C. I. L. Discurso e narrativa na construção do saber sexual. *Educação, Subjetividade & Poder*. Editora Unijuí, v.1, p. 137-160, 2005.

ELIA, L. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Orgs: ALBERTI, S. e ELIA, L. Rio de Janeiro: Editora Rios Ambiciosos, 2000.

FERNANDES, M.H. *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, Coleção Clínica Psicanalítica, 2005, 127 p.

FERRARETTO, S.G.; *Corporeidade em Psicanálise*: Tatuagem e fenômeno psicossomático, o corpo marcado e o laço social. 2010. 180 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) PUC, São Paulo, 2010.

FREUD, S. (1886-1899). Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v.I, 2001, 487 p.

_____. (1900). La interpretación de los sueños. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. IV e V, 1999, v. IV, 357 p. e v. V, 416 p.

_____. *Sigmund Freud*: Lettres à Wilhein Fliess, 1887-1904. Edition Complète. Paris: PUF, 2006, 763 p.

_____. (1905[1901]). Fragmento de análisis de un caso de histeria. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. VII, 2000, 314 p.

_____. (1905). Tres ensayos de la teoría sexual. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. VII, 2000, 314 p.

_____. (1905 [1906]). Personages psicopáticos en el escenário. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. VII, 2000, 314 p.

_____. (1905). El chiste y su relación con lo inconsciente. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. VIII, 2000, 247 p.

_____. (1908). El creador literario y el fantaseo. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. IX, 1999, 253 p.

_____. (1913). La predisposición a la neurosis obsesiva. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XII, 2001, 405 p.

_____. (1914). Introducción del Narcisismo. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XIV, 2000, 389 p.

_____. (1915) Pulsiones y destinos de pulsión. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XIV, 2000, 389 p.

_____. (1915). Lo inconsciente. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XIV, 2000, 389 p.

_____. (1917[1915]). Duelo y melancolía. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XIV, 2000, 389 p.

_____. (1919). Lo ominoso. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XVIII, 2001, 303 p.

_____. (1921). Psicología de las Massas e Análisis del Yo. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XVIII, 2001, 303 p.

_____. (1923). El yo y el ello. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XIX, 2000, 334 p.

_____. (1933[1932]). 31ª Conferência. La decomposición de la personalidad psíquica. In *Obras Completas de Sigmund Freud.* Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XXII, 2001, 263 p.

_____. (1933[1932]). 32ª Conferência. Angustia y vida pulsional. In *Obras Completas de Sigmund Freud.* Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XXII, 2001, 263 p.

GASPARD, J.L.; DOUCET, C. *Pratiques et usages du corps dans notre modernité.* Toulouse: Éditions Érès, 2009, 191 p.

GASPARD, J.L.; et al. *Marques corporelles* : rapport au corps et solutions auto-thérapeutiques dans la psychose, 2009. No prelo.

GOMES L. *1808 :* como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007, 408 p.

GORENDER, M. Estéticas do corpo: técnicas de modificação corporal. In *Cogito*. Salvador, nº9, p. 39-41, out/2008.

HARAZIM, D. Guerra gravada na pele. In *Revista Piauí*, Ed. Alvinegra, RJ, edição 40, p.27-33, 2010.

HOBSBAWM, E. (2008). Marx & Histoire. In *L'Atlas Histoire*: Histoire critique du XXeme siècle, Paris: Le Monde Diplomatique, 2010.

KRISTEVA J. De l´identification. Freud, Baudelaire, Stendhal. In HAAG, G. et al. *Travail de la Métaphore. Identification/Interprétation.* Paris: Éditions Denoël, 1984, 222 p.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise.* São Paulo: Martins Fontes, 1992, 552 p.

_____. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Quadrige/PUF, 2007, 553 p.

LAURU, D. Perçons Corps. *Champ Psychosomatique*. 2004/4 (n° 36), p. 119-129, Le Bousca : L´Esprit du Temps, 2004, 170 p.

LE BRETON, D. *Signes d'identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles.* Paris: Éditions Métailié, 2002, 224 p. (Collection Traversées).

_____. *A sociologia do corpo*. Petrópolis : Editora Vozes, 2006, 104 p.

_____. *En souffrance.* Adolescence et entrée dans la vie. Paris: Ed. Métailié, 2007, 361 p.

_____. Entre signature et biffure. In: *Sociétés & Répresentations*: Ce que signer veut dire. N° 25, mai/juin 2005. Paris: Nouveau Monde Editions, 2008, 270 p.

_____. *A antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, 408 p.

LE HÉNAFF, Y. et HÉAS, S. *Tatouages et cicatrices: décors sportifs*. Collection: Le corps en question. Paris: L'Harmattan, 2007.

LÍRIO, D. *Suspensão corporal:* Novas facetas da alteridade na cultura contemporânea. São Paulo: Editora Annablume, 2010, 200 p.

LO SARDO, S. De chair, d'encre et de quotidien: Une ethnographie du corps tatoué. In : *Techniques & Culture*. Marseille: T&C, p. 282-305, varia 52-53, 2009.

MARQUEZ, R. M. A Palavra Tatuada. In *Vivência*. Natal: EdUFRN, v.29, p. 441-449, 2005.

MEASEY, L.G. The Psychiatric and Social Relevance of Tattoos in Royal Navy Detainees. In *British Journal of Criminology*, v. 12 (issue 2), p.182-186, Oxford: Oxford Univesity Press, abril 1972, 210 p.

MEZAN, R. O que significa "pesquisa" em psicanálise? In: *Investigação e Psicanálise*. Coord. Maria Emilia Lino da Silva, Campinas: Papirus, p.49-89, 1993.

MIELI, P. *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*. Coleção Janus. Corpo Freudiano do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2002, 91 p.

MIJOLLA, A. Identifier – être identifié – s´identifier. *Revue Française de psychanalyse*, Paris: PUF, v.7 (nº2), p. 491-508, 1984.

_____. *Dictionnaire international de la psychanalyse*. Paris: Calman-Lévy. 2002, 1080 p.

NEYRAUT, M. L'Identification. Pour une introduction. *Revue Française de Psychanalyse*: L'Identification, Paris: PUF, v.7 (nº2), p. 509-514, 1984.

NORBERT, E. (1977). La Civilization des moeurs. In BAUDELOT, C.; ESTABLET, R. *Avoir 30 ans en 1968 et en 1998*. Paris: Éditions du Seuil, 2000**,** 213 p.

OSÓRIO, A.B. *O Gênero da tatuagem.* Continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro. 2006. 267 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PÉREZ, A. Identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana , v. 12 (n° 1),* p. 179-206, abril 2006.

REISFELD, S. *Tatuajes:* Una Mirada Psicoanalitica. Buenos Aires: Paidós, 2005, 174p.

RODULFO, R. *O brincar e o significante:* um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Porto Alegre : Editora Artes Médicas, 1990, 180 p.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza, v. IV, nº 2, p. 329-348, set/2004.

ROUDINESCO, E., PLON, M., *Dictionnaire de la psychanalyse*. 3ª ed. Paris: Fayard, 2006, 1217 p.

SABINO, C.; LUZ, M.T. Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença. *Physis*: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 16 (n°2), p. 251-272, 2006.

SAFRA, G. O uso do material clínico na pesquisa psicanalítica. In SILVA, M.E.L. *Investigação e Psicanálise*. p. 119-132, Campinas : Papirus, 1993, 171 p.

SALMANDJEE, Y. *Piercings et Tatouages***.** Paris : Ed. Eyrolles, 2003, 159 p.

SARDUY S. (1999) La simulación In: REISFELD, S. *Tatuajes:* Una Mirada Psicoanalitica, Buenos Aires: Paidós, p. 92-93, 2005.

_____. In BAPTISTA J.V.; FARIA F (org.). *Corpografia: autopsia poética das passagens,* São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1992, p. 96. Carta escrita para os autores: Paris, 20/7/1992.

SILVA JUNIOR, N. A sombra da sublimação: o imperialismo da imagem e os destinos pulsionais na contemporaneidade. *Psychê*, São Paulo, v.II, n.11, p. 30-31, junho 2003.

_____. A sublimação na contemporaneidade: o imperialismo da imagem e os novos destinos pulsionais. In FUKS, L.B.; FERRAZ, F.C. (Orgs.). *Desafios para a psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003, 272 p.

_____. As destruições intencionais do corpo. Sobre a lógica do traumático na contemporaneidade. In FRANÇA, C.P. (Org.). *Perversão, variações clínicas em torno de uma nota só.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, 126 p.

_____.; LÍRIO, D. R. A recodificação pós-moderna da perversão. Sobre a produção do comportamento de consumo e sua gramática libidinal. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. IX (n°1), 2006.

_____.; et al. Estudo das marcas corporais na modernidade: sustentar a causa do sujeito. In *Latin American Journal of Fundamental psychopatology.* Online. São Paulo, v. 5 (n°2), p. 143-152, novembro 2008.

_____.; et al. A narrativa do destino e a função identitária do corpo na modernidade. *A Peste* : Revista de Psicanálise e sociedade e filosofia, São Paulo: Educ**,** v. 1 (n° 1), p. 127-141, junho 2009.

SOLER, C*. Lacan, L'inconscient réinventé*. Paris : PUF, 2010, 244 p.

SOUZA, O. Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática. In: *Clinica do social: ensaios*. Org: Luiz Tarlei de Aragão. São Paulo: Ed. Escuta, p. 75-92, 1991.

STRACHEY J. Introducción. In FREUD, S. *Duelo y melancolía.* In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XIV, 2000, 389 p.

_____. Introducción à El yo e el Ello,. In El yo y el ello. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. XIX, 2000, 334 p.

SWEETMAN, (1999). In Pérez, A.L. Identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana* , v. 12 (n° 1), p. 204, abril 2006.

WIENER, S. Tatouage: de la parure à l´ouvre de soi. In : *Champ Psychosomatique*, 2004/4 (n° 36), p. 159-170, Le Bouscat: L´Esprit du Temps, 2004, 170 p.

Documentos Eletrônicos

2001: La jeunesse du monde. Une enquête planétaire de la Fondation pour l'innovation politique, sous la diretion de Dominique Reynié. Documento disponível para download em <www.fondapol.org>.

Bmezine. Disponível em <http://wwwbmezine.com> Acesso em: out/2010.

Bodyplay. Disponível em: <www.bodyplay.com/fakir>. Acesso em: fev/2011.

Body Piercing, analyse des enjeux éthiques. Disponível em: <http://www.kustomtattoo.com/tatouage-piercing-paris-tatoo/piercing-body-art-analyse-01.htm> Acesso em: jan/2011.

Cia do Piercing. Disponível em < www.ciadopiercing.com/_2009_12_01_archive.html> Acesso em: mar/2011.

Dicttionaire Gaffiot latin-français, 1934, p.616: Disponível em : <http://www.lexilogos.com/latin/gaffiot.php?p=616> Acesso em: mar/2011

L'histoire du tatouage. Disponível em <http://www.tattoo-passion.com/origines.html> Acesso em: mar/2011.

POLHEMUS, T. *Corps Décors*. Disponível em: <www.purplestudiotattoo.com/Piercing.php> Acesso em: fev/2011.

SARDUY S. *La Emigración de los Tatuajes*. <http://cinosargo.bligoo.com/content/view/1164816/LA-EMIGRACION-DE-LOS-TATUAJES-Severo-Sarduy.html >, acesso em mar/2011.

SOLER, C. *Les nouveaux chemins de la connaissance*. France culture, Speciale Jacques Lacan, (emissão radiofônica, tradução nossa) 09/09/2011

WARD, J. *Who Was Doug Malloy?* Disponível em:
<http://www.gauntletenterprises.com/BME/jimward/20040315.html>
Acesso em: fev/2011.